REVISTA DA SEMANA

N. 45 6-11-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



RÚSSIA





1954 MISS ELEGANTE BANGU

MADERAS DE ORIENTE



Um perfume de

MYRURGIA

REVISTA DA SEMANA

ANO 54 — Nº 45 ★ RIO DE JANEIRO ★ 6/11/54

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Existe uma vassoura no meio do caminho 4/ 7
O direito de voto ao cidadão português 8/ 9
Rússia, 1954 ..... 11/15
O sucesso em teatro é imoral 21/22
Robinson Crusoe existiu 24/25
Como recebeu sua derrota? 40/41
O tempo da oratória passou 44/47
Uma parada de beleza 52/57

SEÇÕES

Crônica — Adalgisa Nery 3
Puxe pelo cérebro 10
Cinema 16
Flash Paulista 18
Show 22
Femininas 34/35
Por êsse mundo de Deus 36/37
Música 43
Palavras Cruzadas 47
Literária 49
Champanhota 51
Último flash 58

ROMANCES E CONTOS

Maria 33
O furioso 26/27

HUMORISMO

Flat-Look 30/31
Bom Humor 19
Cuco 59

CAPA

Rússia 1954

(Reportagem nas páginas 11/15 — Foto APLA)

Redator Chefe ..... **Celestino Silveira**
Paginação ..... **Victor Tapajós**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor ..... **Gratuliano Brito**
Desenho ..... **Alberto Lima**
Assistente de Publicidade ..... **J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.. **S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega**

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires: Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

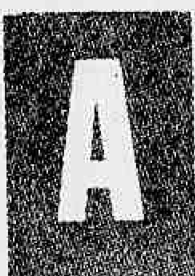
Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.

À PROCURA DE UM MARIDO



A criatura humana é um fenômeno muito divertido. Há nela uma dose de ingenuidade e pureza que comove.

Como eu, certamente os leitores terão visto anúncios de jornais e escutado pelo rádio o apêlo da família de um desaparecido. Há dias li com inveja, a magnífica inocência de um, que era assim:

«Maria da Cunha e Silva, moradora à rua Itimbu nº 1109, pede encarecidamente notícias do seu marido João da Cunha e Silva, moreno, olhos grandes, estatura regular, entre gordo e magro, com pernas ligeiramente arqueadas, usando cabelo partido ao meio e com farto bigode prêto. Está desaparecido há vinte e dois anos do lar. Quem encontrá-lo ou souber do seu paradeiro é favor comunicar para a sua espôsa que o espera bastante preocupada no endereço acima».

Não é uma beleza? Ela descreve o tipo físico do espôso como se as características declaradas fôssem coisas incomuns numa multidão de homens. A estatura regular e olhos grandes são para ela traços inconfundíveis e marcantes. As pernas ligeiramente arqueadas têm para Maria um sentido estético incomparável e ainda vê o que há vinte e dois anos existia mas agora provàvelmente deve estar inteiramente modificado pela moda ou pelo tempo: o cabelo partido no meio. E se êle estiver calvo? Como reconhecê-lo, Maria? O detalhe entre o gordo e o magro é coisa muito particular e especial na silhueta do seu marido. Os outros são gordos ou magros mas só o seu João possui êsse admirável equilíbrio físico. O bigode permanece o mesmo de há vinte e dois anos na lembrança dessa espôsa preocupada. Não imaginou que pode haver sido raspado ou embranquecido.

A ingenuidade e a pureza são as fôrças que alimentam a espera inútil dessa valorosa mulher. Marido que desaparece de casa por um dia que seja é marido jamais encontrado. Maria entretanto abstraiu o tempo e creio que tôdas as tardes fica no portão atenta à figura do seu João que despontará na esquina e à noite quando o vento empurra com fôrça a janela ou a porta da sua casa, ela corre pressurosa pensando que é êle regressando exausto do serão, para a sua companhia.

Como já está ficando envelhecida e não pode sòzinha procurar o espôso, pede encarecidamente às criaturas dêsse mundo de Deus que a ajudem a encontrá-lo. Maria passou vinte e dois anos sem sair de casa aguardando a chegada do seu João. Teve receio que caminhando pelas ruas, pela praça, pelas estradas e caminhos distantes, nesse intervalo, êle chegasse ao lar e ficasse decepcionado de não vê-la como a deixou: sentada na salinha muito limpa e simples remendando as suas meias. E nesse receio não afastou-se daquele teto. Agora, mesmo que desejasse ir ao seu encontro não poderia porque o coração fatigado de tanto esperar pelo companheiro, assustou-se demais e avisa que não tem fôrças para longas andanças. Os olhos de tantas lágrimas vertidas de saudades ficaram nublados e não permitem a visão no horizonte, do vulto amado.

Magnífica Maria, exemplo de inocência e fé inquebrantável! Nós que já perdemos o perfume da sua candura e a esperança tem o significado de coisa morta, nós que aceitamos como o irremediável o desaparecimento do marido quando êle ainda está sob o mesmo teto, ficamos realmente humilhadas diante de tanta fôrça e perseverança.

Maria da Cunha e Silva acredita e recusa imaginar. Onde se viu marido desaparecido durante uma longa existência regressar ao lar?

Minha bela Maria, volta para o tempo e aprende que hoje nem gato ou cachorro fugido é mais objeto de procura, de cansaços e aflições. Ninguém informa sôbre desaparecidos sobretudo maridos. Ninguém o devolve e quando devolvem é porque está tão imprestável que até os hospitais recusam recebê-lo. Maria, nem ladrão é razão de procura da parte da polícia!

Pudesse eu conversar com Maria, essa espôsa preocupada, em respeito à sua espera poética, não derrubaria a sua esperança contando as razões prováveis dessa ausência interminável. Preferia convencê-la que no dia em que êle saiu de casa foi colhido por um trem dos subúrbios e como não trazia no momento os papéis de identificação, foi levado à terra como indigente. O fim assim é mais bonito, mais humano e mais digno. E Maria passaria então a outra espera sem sustos e preocupações.

Mas como não posso contar lindas histórias para essa espôsa de candura medieval aproveito para dar um conselho em forma de anúncio às mil Marias que têm esposos desaparecidos: Se esperam o impossível, mudem-se para a rua Itimbu onde a atmosfera deve ser mansa e celestial, onde as mulheres não usam a suspeita nem a imaginação e estreitem relações de amizade com a mestra Maria. Mas se ao contrário, não possuirem a capacidade edificante de esperar, não ponham anúncios imprudentes, não façam pedidos pelo microfone, não indaguem nem peçam a colaboração das pessoas de bons sentimentos e de coração bondoso porque o resultado pode ser muito marôto.

Maria da Cunha e Silva, eu te saúdo pela magnífica inocência que ainda conservas.

ADALGISA NERY

No grande prêmio da sucessão presidencial:

EXISTE UMA VASSOURA



NO MEIO DO CAMINHO

Reportagem de ROGACIANO LEITE (Enviado Especial da REVISTA DA SEMANA)

COBRAM OS FINANCIADORES DA CAMPANHA DO SR. JÂNIO QUADROS PAGAMENTO SUPERIOR ÀS CENTENAS DE MILHÕES DISPENDIDOS: O SEU APOIO NA PRÓXIMA PUGNA DA SUCESSÃO ★ VERDADEIRA CORRERIA DE EMISSÁRIOS DISPUTANDO AS BOAS GRAÇAS DO HOMEM DA VASSOURA. ★ JUSCELINO DE UM LADO, OSVALDO ARANHA DO OUTRO. ★ AFINAL, O SR. JÂNIO QUADROS É OU NÃO É CANDIDATO AO CATETE? ★ O "SIM" OU O "NÃO" MAIS ESPERADO DO BRASIL.

TODOS se recordam de que logo após a sua eleição à Prefeitura de São Paulo, por uma espetacular e surpreendente maioria que pôs água quente nos ouvidos de muitos políticos de avantajada e sólida envergadura, o sr. Jânio Quadros empenhou pùblicamente a sua palavra, afirmando que só se afastaria do cargo para o qual fôra eleito, quando expirasse o derradeiro momento do seu mandato. Transpirada que foi, logo em seguida, a possibilidade de candidatar-se à governança do Estado, o mesmo sr. Jânio Quadros se mostrou, durante



Momentos antes da sua diplomação, no Tribunal de Justiça de São Paulo, o sr. Jânio Quadros (com aparato policial e tudo) posa para a posteridade ao lado do senador Moura Andrade, e do deputado E. Carlos, provàvelmente seu maior porta-voz na Câmara Federal.

O sr. Jânio Quadros ao repórter: «Os trabalhadores da cidade e do campo, que me elegeram, humildes e sofredores, não me sujeitam a qualquer grupo, a qualquer partido, a qualquer indivíduo; sujeitam-me só e exclusivamente ao bem da comunidade paulista».

algum tempo, pelo menos aparentemente, resolvido a não se dispor para tão alto e rápido salto. Na verdade, porém, o que aconteceu foi o que aí está: Jânio vitorioso e prestes a ser empossado nos Campos Elísios.

O VERBO «SER» EM TODOS OS TEMPOS

Em sua entrevista aos representantes da imprensa credenciados junto ao seu Gabinete, por ocasião de sua primeira visita, depois de eleito governador, ao prefeito de São Paulo, coronel Porfírio da Paz, o sr. Jânio Quadros foi interrogado por um jornalista quanto às dúvidas suscitadas pelos têrmos de sua carta amplamente divulgada e na qual afirmava: «Não sou candidato à Presidência da República», ao que respondeu: «Agora eu conjugo o verbo em todos os tempos. Desta vez cumprirei o mandato até o fim».

Acontece, todavia, que o sr. Jânio Quadros não dá a entender, convincentemente, que esteja íntima e absolutamente alheio a essa pretensão. Entendimentos políticos que já se estão processando e que êle os analisa em silêncio e detalhadamente, dão margem a que se não admita a hipótese de sua ausência do grande páreo presidencial que aí vem.

Isso porque, em face da sua espetacular vitória, o sr. Jânio Quadros está sendo alvo de uma verdadeira corrida de emissários dos possíveis candidatos à Presidência, que buscam assegurar-se: 1) de que Jânio não disputará o Catete; 2) de seu apoio, como «grande eleitor», a uma dessas candidaturas.

OSVALDO ARANHA OU JUSCELINO?

Sabemos, de fonte segura, que foi o sr. Osvaldo Aranha (ou por seu intermédio) um dos principais financiadores da campanha do sr. Jânio Quadros, ajuda esta condicionada ao apoio do governador eleito de São Paulo à candidatura Juscelino Kubitschek. Por outro lado, corre nos altos círculos políticos da paulicéia haver sido o sr. Walter Moreira Sales um dos mais fortes esteios financeiros da referida campanha, contanto que o sr. Jânio Quadros se comprometesse a atender decididamente aos apelos do grupo Alzira Vargas, que apoia a candidatura do sr. Osvaldo Aranha. Consta, ainda, que o próprio sr. Juscelino Kubitschek também financiou grande parte da campanha do sr. Quadros, reivindicando para si o apoio do jovem governador paulista à sua candidatura (dêle, Juscelino) à sucessão presidencial. De tal sorte, projeta-se ainda, como uma incógnita, a preferência do sr. Jânio Quadros por êste ou por aquêle candidato — mesmo que seja afastada a hipótese de êle próprio candidatar-se.

IMPORTANTE REUNIÃO SIGILOSA

Tanto mais se evidencia a inquieta corrida de emissários junto ao sr. Jânio Quadros, quando é sabido que às vésperas do seu embarque para a Europa, houve, em São Paulo, uma importante e sigilosa reunião com o governador recém-eleito, da qual participaram, na residência do sr. Oscar Pedroso Horta, o sr. Danton Coelho e na residência do sr. Olavo Fontoura, o sr Walter Moreira Sales. Se bem que nada haja transpirado dêsse importante e velado encontro, tem-se como sobejamente certo que o sr. Danton Coelho é um dos mais conhecidos articuladores da candidatura Osvaldo Aranha. Daí a grande importância dessa reunião, acrescida pelo fato de, no mesmo dia, haverem conferenciado com o sr. Jânio Quadros alguns emissários do sr. Juscelino Kubitschek, em reunião realizada possìvelmente na casa do sr. Antônio de Moura Andrade, pai do senador Auro de Moura Andrade.

O «ESQUEMA ETELVINO»

A esta altura dos acontecimentos, sabe-se com segurança que o «Esquema Etelvino» pressiona o sr. Jânio Quadros por intermédio do governador Lucas Nogueira Garcez, que voltou a pronunciar-se favoràvelmente a essa fórmula para a solução da próxima luta sucessória. O sr. Jânio Quadros, entretanto — como sempre esfíngico e indevassável — vem se mostrando bastante reservado, declarando apenas aos amigos que estudará o «esquema» durante a sua viagem pela Europa.

FRENTE CONTRA ADEMAR

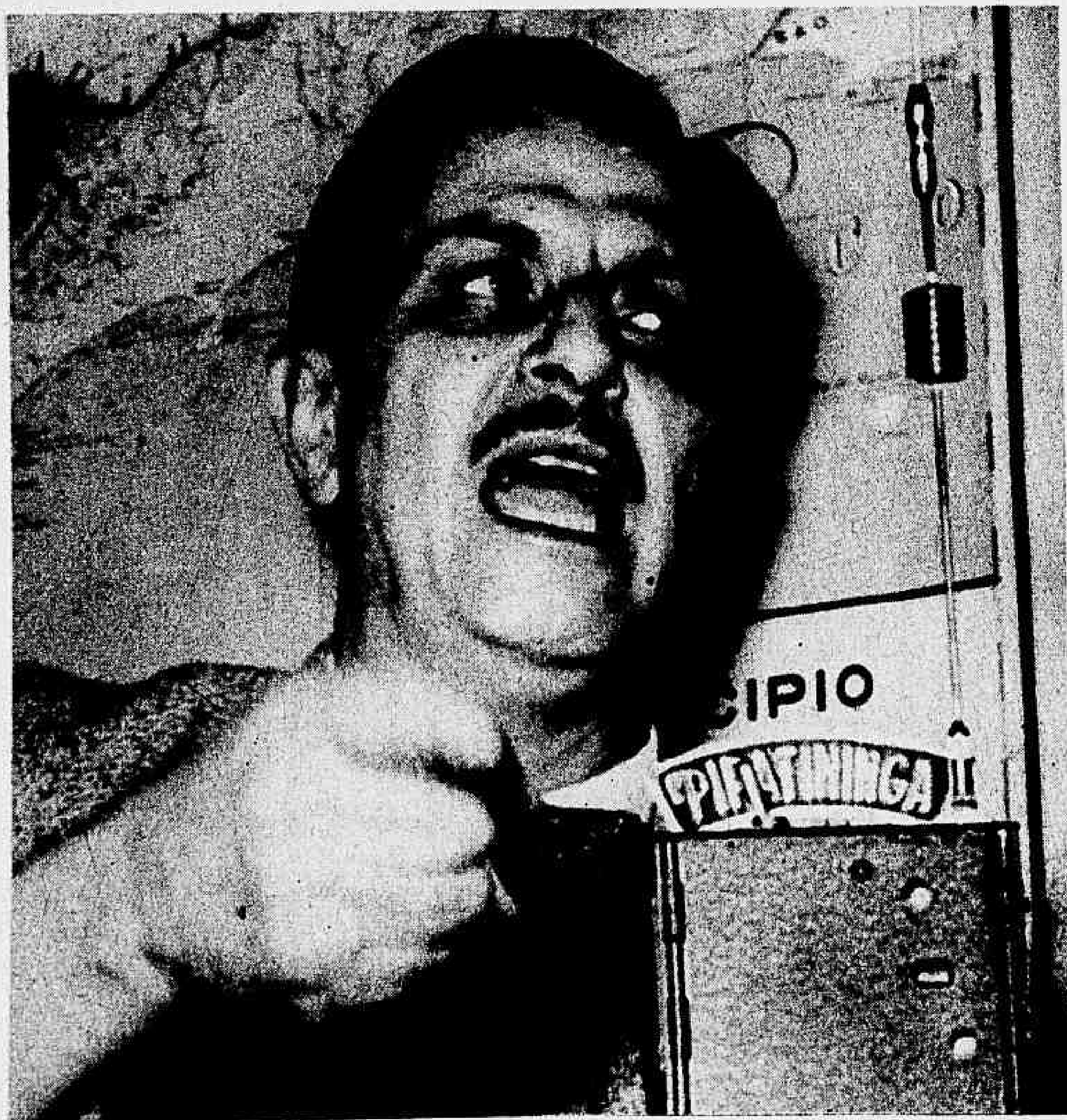
Nota-se nos círculos paulistas que apoiaram a candidatura Prestes Maia um empenho mal dissimulado de apoiar o sr. Jânio Quadros em todos os setores. O sr. Cunha Bueno aceitará a Secretaria da Agricultura e os entendimentos cordiais entre Jânio e Garcez indicam que os mesmos estão com os «relógios acertados». Motivo: todos êsses políticos se aglutinam em frente única e firme com o propósito sobretudo de impedir a candidatura do sr. Ademar de Barros à Presidência da República, uma vez que reconhecem e temem o seu grande lastro de penetração popular em todo o país.

Todavia, nada está definitivamente acertado quanto aos rumos que tomará o governador eleito de São Paulo. Apesar do seu característico silêncio faquiriano, o sr. Jânio Quadros ouve e promete. Inclusive assume compromissos. Mas pouca gente acredita que não manobre êle no sentido de deitar confusão por todos os lados e terminar candidato à Presidência, pôsto que as suas declarações recentes, neste sentido, são iguais às que fêz quando assumiu a Prefeitura de São Paulo.

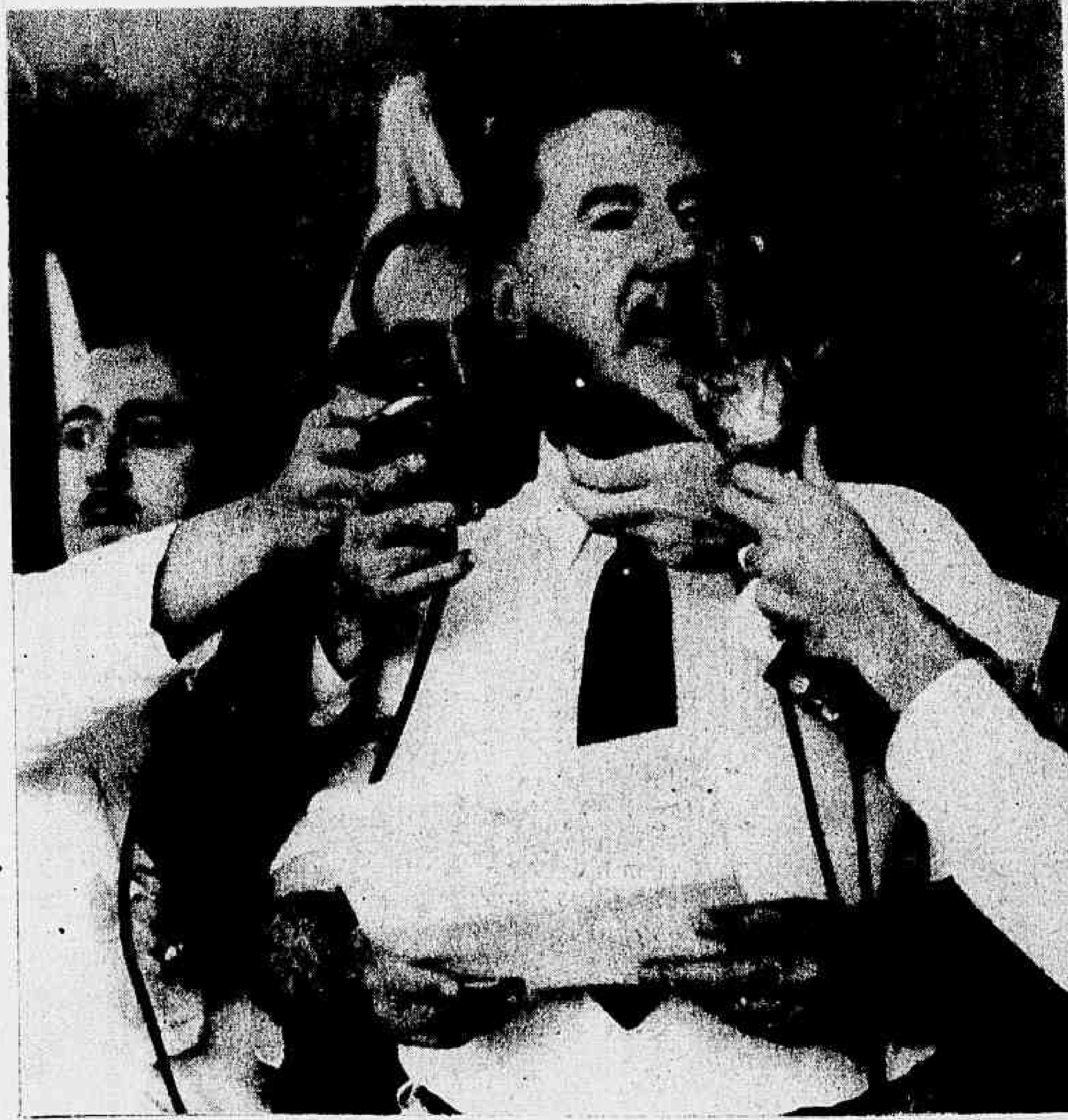
POUCAS VASSOURAS NA DIPLOMAÇÃO

Às 10 horas da segunda-feira passada, em solenidade bastante expressiva, teve lugar, no Palácio da Justiça, a diplomação do governador (Jânio Quadros) e do vice-governador (Cel. Porfírio da Paz) de São Paulo, bem como dos quarenta deputados federais e dos setenta e cinco deputados estaduais com que a paulicéia formou as suas duas maciças representações. Ao contrário do que se esperava — apesar do grande júbilo que se fêz sentir nas correntes janistas — não se realizou a nunciada passeata das vassouras, por intermédio da qual os adeptos do novo governador externariam a sua alegria e o seu repúdio à candidatura Ademar.

Tôda a cerimônia caracterizou-se por um ambiente de perfeita ordem, verificando-se o mesmo em tôda a cidade — o que não acontecera no dia da proclamação do sr. Jânio Quadros — quando se verificaram alguns conflitos, dos quais resultaram dois mortos, entre janistas e ademaristas. Apenas, ao anoitecer, dois ou três



O sr. Wlademir de Toledo Piza, candidato pelo PTB, foi o «lanterninha» das últimas eleições paulistas. Verdadeiro idealista em prol de melhores condições para as classes desamparadas, disse o sr. Piza: «A nossa luta não pode arrefecer. Mais cedo ou mais tarde o trabalhismo triunfará. E é para isso que estamos alertas».



O sr. Ademar de Barros, a despeito de suas grandes reservas de penetração popular e de milhões e mais milhões dispendidos na sua campanha, não conseguiu fazer a queima das vassourinhas do sr. Jânio Quadros. Autotaumaturgo ou místico de poses estudadas, o fato é que Jânio Quadros levou a melhor na contenda.



Na árdua luta que se travou em S. Paulo pela conquista dos Campos Elíseos, o sr. Prestes Maia contou, a princípio, com o prestígio oficial do sr. Lucas Nogueira Garcez; porém nos últimos momentos o governador paulista sentiu que seu candidato seria derrotado e apoiou (veladamente) o sr. Jânio Quadros, uma vez que êste seria o único competidor capaz de derrotar A. de Barros.

caminhões cruzaram a avenida Ipiranga conduzindo elementos com as clássicas vassouras empunhadas.

GOVÊRNO DE RECUPERAÇÃO

Falando à reportagem, o sr. Jânio Quadros afirmou:

— O grande Estado de São Paulo acha-se, por circunstâncias várias, combalido. Vou dedicar-me à obra ingente de sua recuperação moral, política, econômico-financeira. Daí conclamar todos os homens de bem, cuja colaboração não peço mas exijo, porque não me beneficia mas beneficia a coletividade. Não tenho prevenção nem rancores. Os trabalhadores da cidade e dos campos, que me elegeram, humildes e sofredores, não me sujeitam a qualquer partido, a qualquer grupo, a qualquer indivíduo. Sujeitam-me — só e exclusivamente — ao bem comum. Quer dias menos difíceis, mais tranqüilos e mais seguros, vou convocar todos os que tenham responsabilidades para o atendimento a êsse anseio.

Quanto à formação do seu Secretariado, o governador eleito de São Paulo apenas confirmou o convite que fizera ao sr. Cunha Bueno para ocupar a Secretaria da Agricultura. Todavia, alguns observadores têm quase como certa a investidura do sr. Caio Dias Batista na Secretaria de Viação e Obras Públicas, assim como a do general Floriano Peixoto Keller na Segurança Pública. Aliás convém acentuar as declarações do sr. Jânio Quadros quanto à sua preocupação em tôrno dos elementos que ocuparão aquela Secretaria e a da Fazenda, as quais são consideradas pelo governador como as mais importantes, a cuja frente só poderão estar homens de tirocínio, técnica e honestidade comprovadas.

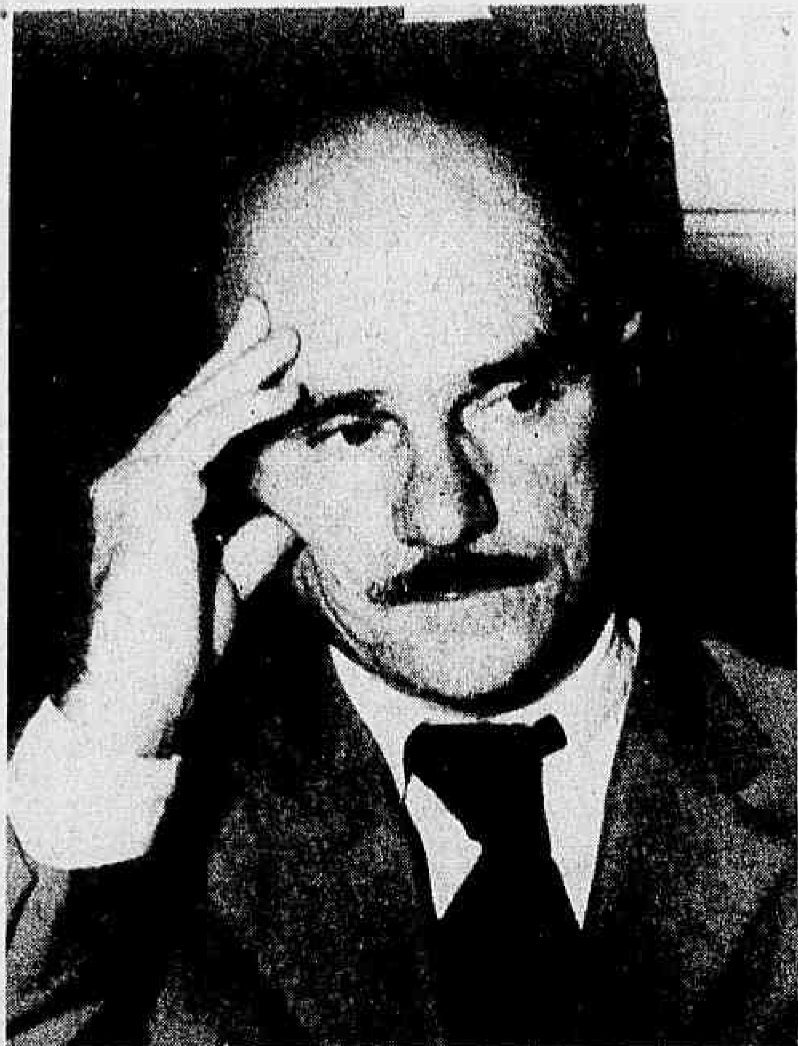
Perguntado a respeito de suas emoções proporcionadas pelas sucessivas vitórias que vem obtendo, o sr. Jânio Quadros respondeu: «Os sucessos não me envaidecem. Recebo-os com a maior naturalidade e só me preocupa o bem coletivo».

TO BE OR NOT BE?

Quanto às suas declarações de «não estar sujeito a qualquer partido, a qualquer indivíduo», alguns observadores de grande experiência política janista consideram uma precaução bastante significativa acêrca de futuras atitudes que possam ou não levar o sr. Quadros a candidatar-se à Presidência.

A verdade é que o jovem líder paulista continua sendo não sòmente a esfinge, o fantasma, o terror de quantos disputam o Catete, mas, principalmente, o significativo e melindroso fiel da balança para a decisão do grande pleito que se aproxima. Isto se o próprio sr. Jânio Quadros não resolver ocupar uma das conchas competidoras. E' o caso de se perguntar: TO BE OR NOT BE?

De qualquer maneira, ninguém deve esquecer que no páreo da próxima sucessão presidencial existe uma vassoura no meio do caminho...



FROTA AGUIAR



CASTILHO CABRAL



TENÓRIO CAVALCÂNTI

O DIREITO DO VOTO AO CIDADÃO PORTUGUÊS

NOVAS ADESÕES AO PROJETO DE CARLOS LACERDA: CASTILHO CABRAL — LOPO COELHO — ALUÍSIO ALVES — TENÓRIO CAVALCÂNTI, DE PLENO ACÔRDO. ★ FROTA AGUIAR ESTUDA O PROBLEMA. ★ O DIRETOR DA CASA RUI BARBOSA COMBATE O JACOBINISMO. ★ RUI BARBOSA E QUINTINO, OS PROPUGNADORES DA IDÉIA. ★ OUTRAS IMPRESSÕES SÔBRE O ASSUNTO.

Reportagem de HUGO RODOLF LUESCHER

A reportagem da REVISTA DA SEMANA publicou com detalhes o embarque de Carlos Lacerda, quando partiu do Rio com destino a Lisboa. De bordo, vendo a multidão que se apertava pelo cais, olhando com antecipadas saudades os brasileiros que ali tinham ido para homenageá-lo, Lacerda esperou um minuto de silêncio e falou, na entrevista concedida a Celestino Silveira: «— Quando regressar e estiver empossado, um dos primeiros projetos que apresentarei, será aquêle que concede o direito de voto português às Câmaras de Vereadores do Brasil. Para tanto será necessário que tenha cinco anos de residência em território nacional, que aqui possua bens e família. Faremos de cada português, mais um brasileiro, com o mesmo direito ao voto municipal que tem o cidadão nascido no Brasil». Carlos Lacerda reacendeu uma antiga aspiração dos portuguêses-brasileiros. Houve quem sentisse, então, uma imperiosa necessidade de dar vasão ao júbilo íntimo:

— Não é promessa de candidato; é promessa de deputado! . . .

Está desvendado o prólogo da campanha que se reedita, e esperamos, com resultados objetivos e reais. Pertence, de fato, a Rui Barbosa a inspiração. O jurista emérito, jurisconsulto abalizado e profundo, foi o empolgado arauto ideológico que primeiro sentiu a necessidade de fazer os portuguêses mais brasileiros, desde que vivessem no Brasil. Desde então, os aspectos e as características acentuadamente progressistas da terra brasileira multiplicaram-se infinitamente . . . O próprio espírito da nacionalidade definiu-se, apoiado na maior consciência dos homens, que procuram cada vez mais as proximidades de um entendimento com os fatos políticos, que marcam a tragetória da nação que cresce e progride. Fora do âmbito individual, floresce a copada ramagem do interêsse nacional. Cessam divergências de grupos em favor dos altos postulados patrióticos. O brasileiro sentiu que formando na vanguarda, ombro a ombro com os nacionais, marchavam os portuguêses aqui radicados, ligados e emalgamados aos imperiosos problemas da terra, tanto quanto os brasileiros, e como, êstes, igualmente, construtores da soberania nacional. Os sucessivos tratados mútuos, celebrados em consonância com os interêsses luso-brasileiros, ratificaram o desejo de justiçar a constância, o arrôjo, o trabalho construtivo e perseverante da imensa família portuguêsa que, no Brasil inteiro, como em particular no Rio de Janeiro, representa ⅔ dos estrangeiros aqui radicados.

Hoje, em vésperas do evento magnífico, com o qual teremos dado um exemplo de efeitos raros na união de raças irmãs, queremos alinhar o testemunho de homens ilustres, que se capacitaram pela ação patriótica a que se dedicam e pelos estudos realizados em prol do Brasil, a oferecer sugestões e opiniões com referência ao projeto em questão.

LOPO COELHO, ALUÍSIO ALVES E A PREOCUPAÇÃO DE FROTA AGUIAR

A ida à Câmara foi proveitosa. Em poucos minutos conseguíamos alinhar nomes ilustres de tribunos que se aliam a Carlos Lacerda em defesa dos direitos portuguêses em solo brasileiro. Há confiança nos resultados que já podem ser julgados promissoramente. Os deputados Lopo Coelho e Aluísio Alves serão mais algumas vozes que se elevarão ao lado dos demais, para dar aos portuguêses que vivem no Brasil, há mais de 5 anos, o direito de votar para a escolha dos representantes para as Câmaras Municipais. Frota Aguiar está indeciso e aguardará um pouco mais para publicar o seu pensamento. Acreditamos, no entanto, que o ilustre parlamentar aderirá à luta.

O APOIO DE TENÓRIO

Assim que conseguimos encontrar o deputado Tenório Cavalcânti, falamos sôbre o assunto. Tenório abriu um sorriso de satisfação, abraçou-nos com a cordialidade que tão bem o identifica e falou sôbre o projeto:

«— A idéia de que o português deve votar no Brasil, foi sempre uma preocupação e uma velha aspiração minha. Há mais de um ano, seguramente, falei à Imprensa sôbre o assunto. Tenho muito mais que amizade aos portuguêses, quero-os tanto como a qualquer irmão ou parente chegado. Muito mais do que um dever, é um direito o que se pretende dar aos nossos irmãos de Portugal.»

Fêz uma pausa; acendeu um cigarro . . . Ia passando ao nosso lado o deputado Castilho Cabral. Dissemos

dos motivos porque fôramos à Câmara e pedimos a sua opinião a respeito. O deputado ficou de voltar assim que terminasse um discurso que iria pronunciar no Grande Expediente. Julgamos que talvez estivesse se esquivando das nossas perguntas, quem sabe, mas o deputado Tenório Cavalcânti parece que entendeu o nosso pensamento:

«— Acredito firmemente que a participação do deputado Castilho Cabral está assegurada a essa luta. Espere um pouco e verá que tenho razão.»

Sentimos que o representante fluminense tinha muito mais a falar. Perguntamos se achava fácil a campanha do jornalista (já então deputado) Carlos Lacerda . . .

«— Creio que sim. Nenhum homem realmente esclarecido e bem intencionado poderá esquivar-se da obrigação de fazer justiça aos portuguêses a quem tanto devemos, inclusive o próprio descobrimento. A ressonância da idéia será o triunfo mais completo. Quero esclarecer que o português não deve apenas votar; deve ser votado. Sòmente um regionalismo depravado do brasileiro tem impedido essa medida de um completo entrosamento entre irmãos. A tradição, a História, a língua, são as mesmas entre Portugal e Brasil; não podemos estar mais ligados do que estamos, e é necessário consolidar a união fraternal de forma objetiva e concreta. Salazar está fazendo verdadeira seleção entre os imigrantes, o que é um comprovante do apuro do material humano que nos chega: portuguêses instruídos, gente de profissão definida, que tem vindo ao Brasil, para aqui se deixar ficar, constituindo família, apegando-se aos nossos costumes, ajudando a construir a pátria que passa a ser dêles também.»

— E há exemplos entre outros povos que possam ser adotados pelo Brasil?

«— Os EE. UU., sem dúvida. Digo EE. UU. para não citar outros países. Lá, os estrangeiros, depois de certo período, compulsòriamente adquirem os direitos de cidadania americana, podem votar e ser votados.»

E terminou:

«— Incondicionalmente, estou do lado dos portuguêses!»

O DEPUTADO CASTILHO CABRAL

Ficamos devendo ao deputado Castilho Cabral o arrependimento de um julgamento antecipado. Nem bem nos despedíamos de Tenório Cavalcânti e êle estava ao nosso lado. Vinha trazer-nos a certeza de seu empenho em participar da luta:

«— Desejo muito mais do que estar, simplesmente, ao lado dessa idéia! É necessário fazer uma reforma na Constituição e dar o direito do voto aos estrangeiros, em geral. Desde que se faça cumprir uma série de medidas preservativas dos interêsses nacionais, não vejo porque não fazer participar da vida brasileira os que a ela se ligam, construindo com os brasileiros a mesma pátria comum.»

E o deputado cita exemplos desconcertantes, que encontrou entre os seus próprios eleitores:

«— No interior, tenho encontrado homens de mais de 40 anos no Brasil, cujos filhos e netos são brasileiros e eleitores e que apesar disso, não podem votar. Conhecem mais o Brasil e os homens brasileiros do que os filhos e os netos e, no entanto, ficam impedidos de participar do direito do voto. É necessário reformar a Constituição. Vou, portanto, muito mais longe do que Carlos Lacerda . . .»

NA CASA DE RUI BARBOSA

Cumpria-nos consultar, de fato, quem pudesse esclarecer abalizadamente a questão. Fomos à Casa de Rui Barbosa, localizada majestosamente na rua São Clemente. Atendeu-nos o dr. Américo Jacobina Lacombe, diretor da referida casa e cultuador das memórias e das tradições de Rui. Estava tratando pelo telefone de ultimar os seus papéis, pois embarcará dentro de alguns dias para os EE. UU., a convite do Instituto Panamericano de Geografia e História. Já se havia inteirado do assunto. Muito simpático, simples e modesto para quem acumula tanta responsabilidade e cultura, afável e cordial, afirmou categòricamente:

«— Meu amigo, o jacobinismo é um retrocesso no Brasil. A minha opinião tem pouco valor e faço questão de frisar que a minha participação é simplesmente como historiador.»

O nosso fotógrafo estava preparando o primeiro flagrante, quando êle acrescentou:

«— A minha opinião pessoal, no entanto, com respeito ao direito do voto estrangeiro às Câmaras Municipais é francamente de apoio. «Sou a favor da idéia.»

Perguntamos então como encarava a campanha de Rui Barbosa, evocada e prosseguida agora, pelo Carlos Lacerda. O nosso entrevistado sentiu-se bem. A oportunidade de evocar o testemunho de Rui, parecia-lhe perfeitamente grata:

«— Rui Barbosa, em 1896, numa série de artigos publicados então na «Imprensa» mostrou-se defensor absoluto do voto estrangeiro. Posso citar os seguintes artigos que falam ardorosamente da campanha: A Reforma Municipal, O Sufrágio Municipal, Apadrinhemo-nos, Nacionais Estrangeiros, Elegibilidade de Estrangeiros, Fatos e Algarismos, A Bahia e o Estrangeiro, O Estrangeiro na Argentina, Um Pouco de Estatística, O Exemplo Americano e a Comunhão Municipal. Daquela mesma época conhece-se um projeto de reforma apresentado no mesmo sentido.»

— Acha o dr. Lacombe que o municipalismo pode influir na política nacional?

«— Não. Creio que o estrangeiro deve votar e «ser votado no Brasil, no plano municipal, sem que a sua participação possa modificar a política no plano estrutural». Quero lembrar o caso de La Guardia que foi prefeito de New York e era italiano de nascimento.»

Era tempo de solicitar ao dr. Lacombe um outro esclarecimento:

— A República Brasileira já permitiu o direito do voto estrangeiro?

«— Sim. É interessante anotar um trecho em que Rui fala sôbre o assunto, mostrando aos inimigos o apoio de vários Estados, cujas Constituições permitiam ao estrangeiro votar e ser votado:

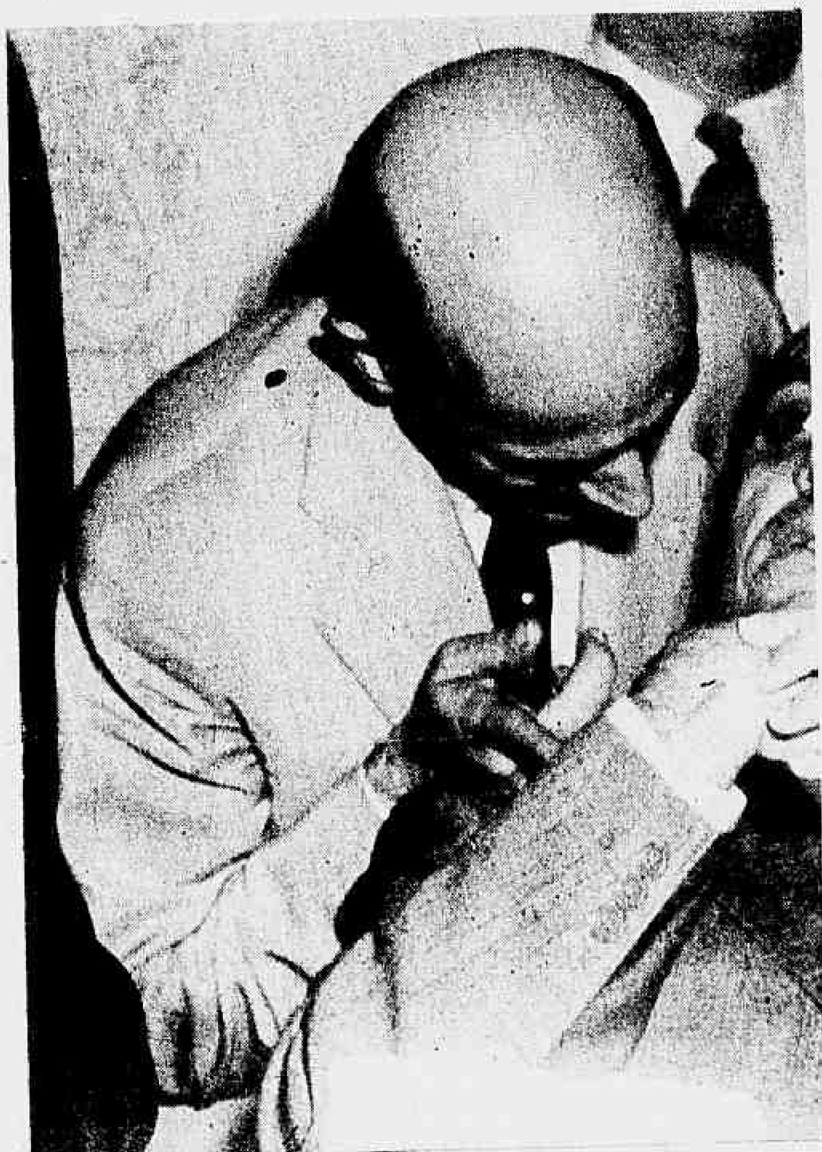
APADRINHEMO-NOS (17 de outubro de 1898)
(Rui Barbosa)

«Senhores, não nos apedrejeis como intoxicadores da pureza nacional. A droga e a escolha da droga não são nossas. Achamo-las na botica republicana e no seu código oficial. São os formulários do novo regime que nos animaram a recomendar ao nosso cliente o nefando medicamento. O tiro vem, pois, errado. Aos infiéis, senhor, aos infiéis, e não a nós . . . Antes de prescrevermos à anemia do Distrito Federal o tônico do voto estrangeiro, já essa terapia estava em uso pela República além, sob a autoridade dos mais eminentes HIPÓCRATES do regime e da situação. Eis o nosso provará. Falem agora os depoimentos. Supunham que estávamos sós. Mas bem vêem que temos padrinhos, e mais que alcaides. Oito Estados da República! Bem se nos dá agora da pecha de curarmos, matando. Ao Banco dos réus primeiro os grandes assassinos Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, Minas, Sergipe, Ceará, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, os nossos predecessores no ensaio, os nossos mestres. Estamos em boa companhia, para não ser condenados à corda por liqüidarmos o nosso doente. Disseram do fato as testemunhas. Diga agora do direito o advogado.»

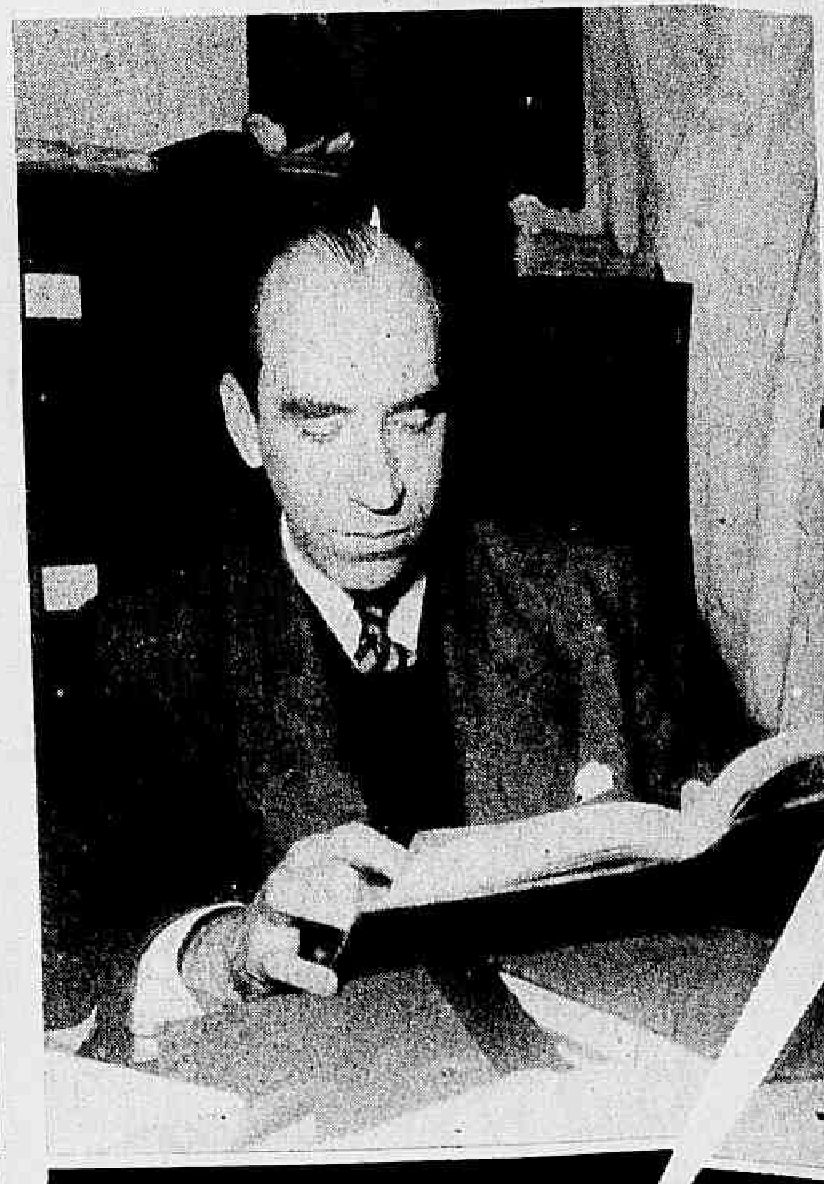
QUINTINO BOCAIÚVA, ANTES DE RUI

Um testemunho inestimável para a reportagem foi um artigo que encontramos publicado no «País», em que o jornal, comentando o artigo do qual reproduzimos um trecho, linhas acima, e especialmente dirigido a Rui Barbosa, esclarecia:

«Sem querer, por enquanto, interferir no debate a que o eminente pensador empresta o lustre de seu talento, consinta o pujante articulista que lhe recordemos que, antes das constituições republicanas estaduais, o nosso chefe de redação, QUINTINO BOCAIÚVA, em junho de 1876, quando dirigia o «Globo», já propugnava pela elegibilidade dos cidadãos estrangeiros e sua gestão nos negócios municipais, desde que residissem fixamente entre nós, durante certo número de anos.»


LOPO COELHO


ALOÍSIO ALVES


AMÉRICO LACOMBE

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome Ventre-Livre hoje, à noite.

• • •

Lembre se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
alguns vidros de Ventre-Livre

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10
Telefone: 35-41-95
Endereço telegráfico:
Windsorhotel
SÃO PAULO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.........................
RUA.................... Nº.....
CIDADE......................
ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Quantos afluentes tem o Amazonas:
— **Treze?**
— **Duzentos?**
— **Cento e seis?**

2—Em que século se deu a fundação do reino de Portugal:
— **Doze?**
— **Quatro?**
— **Quinze?**

3—Quantos anos viveu o Papa Gregório IX:
— **70 anos?**
— **100 anos?**
— **40 anos?**

4—Qual o deus cognominado dos trovões:
— **Júpiter?**
— **Mercúrio?**
— **Apolo?**

5—Qual o animal conhecido como «Boi do Amazonas»:
— **O cavalo?**
— **A tartaruga?**
— **O peixe-boi?**

6—Em que ano começou a funcionar a Central do Brasil:
— **Em 1810?**
— **Em 1800?**
— **Em 1859?**

7—Qual era o cognome do rei dom Manuel:
— **O Venturoso?**
— **O Forte?**
— **O Sábio?**

8—Qual a deusa dos frutos e das flôres:
— **Vênus?**
— **Minerva?**
— **Pomona?**

9—Em que país se originou o chá:
— **Na China?**
— **Na Índia?**
— **No Egito?**

10—Qual é a tradução do nome do filósofo chinês Kung-fu-tsen:
— **Marco Aurélio?**
— **Tucídides?**
— **Confúcio?**

11— Em que Estado fica a cidade de Mossoró:
— **São Paulo?**
— **Rio Grande do Norte?**
— **Paraná?**

12—Em que cidade se acha o túmulo de Romeu:
— **Em Gênova?**
— **Em Veneza?**
— **Em Mantua?**

13—Em que cidade se acha o túmulo de Dante:
— **Em Milão?**
— **Em Turim?**
— **Em Florença?**

14—Qual foi o primeiro rei que usou o título de majestade:
— **Luís XIV?**
— **Luís XV?**
— **Luís XI?**

15—Qual a cidade conhecida como Atenas na Itália:
— **Florença?**
— **Roma?**
— **Nápoles?**

(Respostas na página 42)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

ESTUDANTES BRITÂNICOS VISITAM A



RÚSSIA 1954

A verdade sôbre o Paraíso Vermelho. ★ Moscou antigo e moderno. ★ Igrejas e mercados. ★ Juventude comunista. ★ Arquitetura. ★ O império do «slogan».

CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA

TAL PAI, TAL FILHO...

TEDDY DE OLIVEIRA

● Não é de hoje que se proclamam as proezas dos atores rebeldes em Hollywood. Ser rebelde é um grande negócio na capital do cinema e ganha-se em troca um cartaz às vêzes não conseguido apenas com os filmes. Muitos artistas culpam seu espírito excêntrico pelas atitudes pouco normais que tomam em ocasiões impróprias. Rebeldes famosos são Marion Brando e Montgomery Clift, aos quais os produtores perdoam todo o mal causado, levando em conta que é muito melhor esquecer o incidente e tê-los no filme que pretendem rodar. Nem tudo que êles fazem de fora do normal pode prejudicar mais que a ausência dos mesmos.

Outro rebelde famoso de Hollywood é Robert Mitchum. Ainda recentemente êle provou que não se emenda, ao recusar o contrato que Howard Hughes lhe oferecera em bases, aliás, muito compensadoras. Bob disse simplesmente que não assinava o contrato, justificando-se por saber que o produtor iria gastar um dinheiro inútil com êle, pois não tinha nenhum papel que lhe servisse no momento...

Mas, existem também os rebeldes que se dão mal e dêles é que vou me ocupar. Um dêles é Mario Lanza, agora no ostracismo por culpa de seu «estrelismo». Após o sucesso em «O Grande Caruso», Lanza foi indicado para interpretar «O Príncipe Estudante». E aí começou o seu grande «caso» em Hollywood, isso porque Lanza fêz exigências absurdas e o estúdio (Metro) não concordou em satisfazê-las. Suspendeu o contrato do artista e substituiu-o no elenco do filme. Mario Lanza foi esquecido e atualmente fala-se vagamente de que êle voltará. Mas se voltará mesmo é o que não se pode afirmar, porque até agora a coisa não saiu do terreno das promessas...

Outro que exibiu recentemente o seu espírito rebelde foi John Barrymore, Jr., que anda às voltas com a Associação dos Atores, cujo Conselho de Disciplina estuda medidas enérgicas para punir as atitudes inconseqüentes do filho do saudoso ator.

O Júnior dos Barrymore estava contratado para desempenhar o papel principal do filme «O Homem», e logo no primeiro dia criou problemas com o diretor; êste não aceitou a rebeldia do seu ator e comunicou o fato ao produtor que, procurando John, recebeu dêle a mais absurda das respostas: «Ou êle, ou eu». John Barrymore, Jr. condicionava sua permanência no elenco à saída imediata do diretor com quem talvez não simpatizara. Mas, acabou indo longe, ao insultar sem mais aquela a espôsa do produtor e trocar várias frases do texto que lhe fôra dado para interpretar diante das câmaras.

Deve-se recordar que o pai de John Barrymore foi famoso pelas suas «rebeldias» em Hollywood e legou ao filho o mesmo espírito inquieto e brigão. Como o Júnior dos Barrymore ainda não é famoso, vai sofrer as conseqüências de seu gesto impensado. Isso em nome da disciplina e para que Hollywood não sofra, no futuro, outra séria crítica aos seus princípios...



TRÊS AMEAÇAS... — Estas garôtas apresentam-se como ameaçadoras assaltantes no musical «Red Garters» (Ligas Vermelhas), mas o que preocupa os fãs não são os revólveres e sim, seus provocantes trajes íntimos do século passado... com botinas e tudo!

FALA-SE EM HOLLYWOOD



UM LEÃO CAMARADA — Enquanto aguardam a chamada do diretor para a próxima cena de «A Morte Ronda o Espetáculo», uma história sôbre circo e sua gente, a novata Marian Carr e o «astro» Sean McClory divertem-se com o leão que os acompanha na fita...

Dizem as más línguas que não são muito cordiais as relações entre Doris Day e Frank Sinatra, ambos filmando nos estúdios da Warner o musical «Young at Heart». Comenta-se o «estrelismo» dos dois, que aliás tem divertido muito à equipe técnica...

★

Ninguém atualmente é mais feliz em Hollywood do que Judy Garland. A «estrêla» de «A Star is Born» está contentíssima pelo sucesso de seu primeiro filme após a longa ausência dos estúdios. Judy recuperou-se definitivamente e agora tenciona dedicar todos os seus esforços em benefício de sua carreira.

★

O presente de noivado de Eddie Fisher a Debbie Reynolds foi um anel no valor de 9.000 dólares. Como argumento do sincero amor do jovem cantor pela juvenil artista, é muito forte. Eles marcaram o casamento para junho de 55 e pretendem gozar uma longuíssima lua-de-mel, longe de Hollywood...

★

Leslie Caron acha que o vestido que usa para determinada seqüência de seu novo filme «Sapatinho de Vidro», versão moderna de Cinderela, é um «verdadeiro sonho». A costureira Helen Rose anda orgulhosa de seu trabalho e Leslie considera-se muito feliz por poder usá-lo....

FLAGRANTES DO CINEMA

Uma prova de que Stanley Kramer é um dos produtores mais diligentes de Hollywood é a história que se conta atualmente sôbre êle. No seu filme «Not as a Stranger», em rodagem, o argumento indicava algumas cenas passadas num hospital. Para que seus atores pudessem desempenhar realìsticamente seus papéis êle obrigou-os a se internarem num hospital, e assim é que durante alguns dias Robert Mitchum, Olivia de Havilland e Frank Sinatra viveram como «doentes» sem sentir coisa alguma...

★

Conta-se que durante a última guerra, Goering oferecera uma grande recompensa em dinheiro ao aviador alemão que conseguisse abater o avião em que viajava Clark Gable. O veterano ator recordou êsse episódio quando, recentemente, foi filmar em Hong Kong, perto da «Cortina de Bambu», área visada naquela ocasião pelo «homem forte» do nazismo. Susan Hayward, que é a companheira de Gable em «Soldier of Fortune», o filme em questão, divertiu-se muito com a cara preocupada que o «astro» exibiu ao falar da história...



O NOVATO CURTIS — Robert tem treze anos e é irmão de Tony Curtis, um dos «astros» mais populares da Universal. Êle pretende no futuro seguir a carreira cinematográfica e conta com o irmão para ajudá-lo, pois Tony já prometeu matriculá-lo na escola do estúdio...

★ CINEMA BRASILEIRO ★

● Araçari de Oliveira, espôsa de Lima Barreto está atuando num dos teatros paulistas na peça «O Lampião», enquanto não começam as filmagens de «O Sertanejo». Assis Valente, compositor de músicas populares tem assegurada sua participação no novo filme do diretor de «O Cangaceiro».

● O Clube de Cinema homenageou o diretor Luís de Barros pelos seus quarenta anos de cinema nacional. Luiz já perdeu a conta dos filmes que fêz e atualmente roda sua nova comédia musicada com Ronaldo Lupo e Diana Morel nos papéis principais.

● Ana Beatriz, graciosa «estrelinha» do filme brasileiro «Tôda Uma Vida em Quinze Minutos», também vai atuar no Teatro. Tomará parte numa das peças encenadas pelo elenco permanente do T. B. C.

● John Herbert está subindo como ator e aparece no papel de «mocinho» da nova comédia de Oscarito, «Matar ou Correr», recentemente concluída nos estúdios da Flama.

● Estêve no Rio a encantadora Lia Cortese que veio assistir ao lançamento de seu filme «Capricho de Amor». Aliás, sôbre êsse novo celulóide nacional podemos dizer que Lia Cortese é a única coisa digna de registro. Os demais atores do elenco são muito fracos, a história inconsistente e a direção completamente ausente. É pena que a Censura permita a exibição de um espetáculo tão falho de técnica e de arte que prejudica às demais iniciativas realmente bem intencionadas.

● Sabe-se que Watson Macedo vai produzir seu carnavalesco. História, título e atores desconhecidos por enquanto. Dizem que êle alugou os estúdios da Flama, nas Laranjeiras, para rodar sua nova produção musicada.

CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA ★ CINEMA

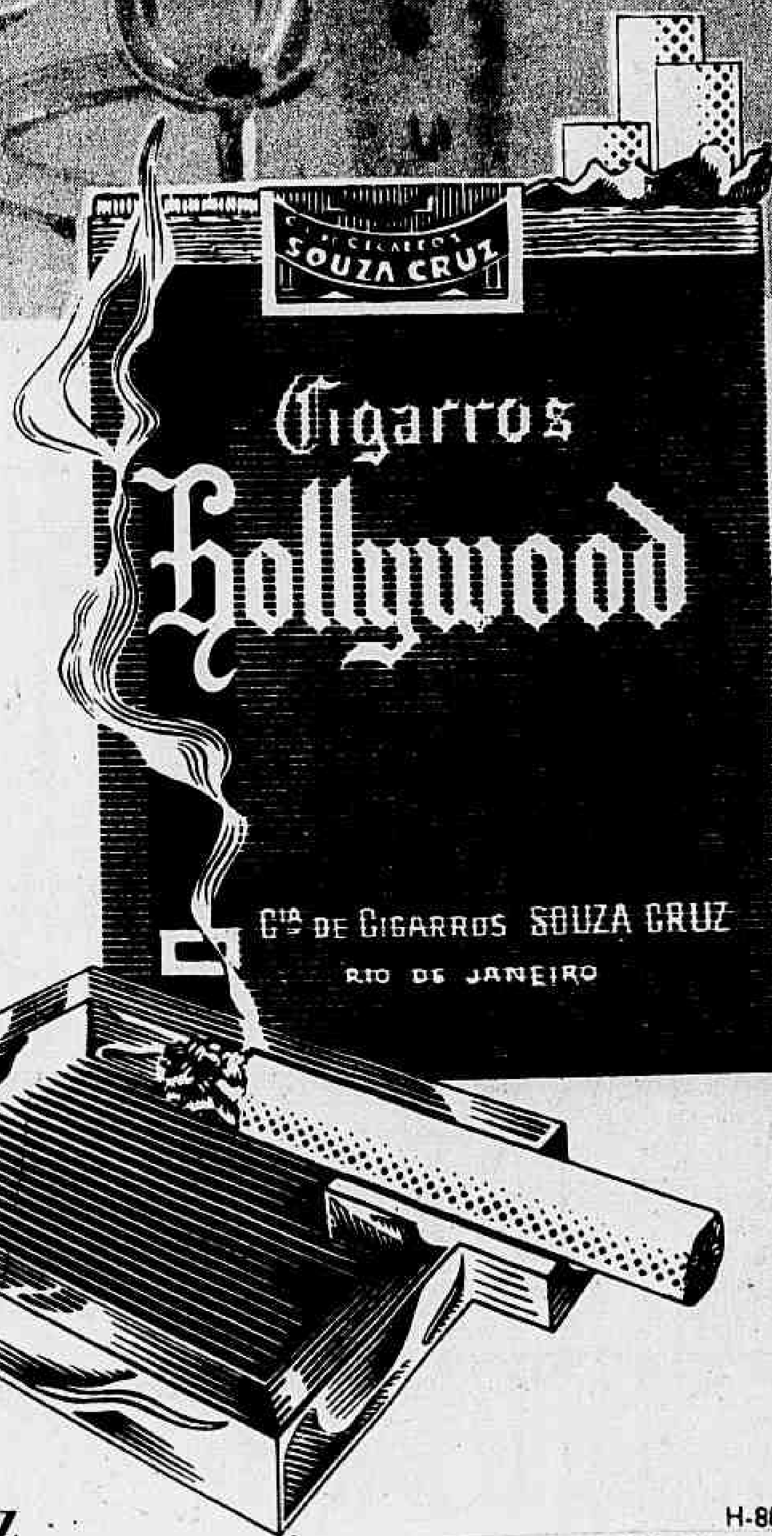


Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.286

Ouça as melhores cantoras do Brasil exclusivas da

RÁDIO RECORD

• ARACI DE ALMEIDA
• CARMÉLIA ALVES
• ELIZETTE CARDOSO
• ELSA LARANJEIRA
• ESTER DE SOUSA
• INEZITA BARROSO
• ISAURA GARCIA
• NEIDE FRAGA

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas 19 — 25 — 31 e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Flash Paulista

HÉLIO ABREU


Borghi


Levy


Ademar

● A SUCESSÃO E O P.S.P. — Amigos do sr. Ademar de Barros (e mesmo alguns chefes progressistas) tudo têm feito no sentido de demovê-lo do propósito de ser candidato à Presidência da República. Até o sr. Lino de Matos, senador eleito e ademarista de quatro costados, participa da idéia e afirma que Ademar não conseguirá fazer São Paulo chegar ao Catete. Ademar, por sua vez, permanece irredutível e insiste em candidatar-se, alegando para isso o fato do sr. Jânio Quadros também aspirar o pôsto. Segundo Ademar, e com êle pensa muita gente, Jânio na presidência não significará São Paulo no Catete. «O homem é matogrossense e completamente louco» diz Ademar a todos que tentam convencê-lo a deixar Jânio sòzinho no páreo.

● O SR. ERLINO SALZANO (falso escritor e idem vice-governador) levou um choque dos diabos ao saber-se derrotado pelo esclarecido povo bandeirante, que preferiu sepultá-lo para todo o sempre, amém. Salzano contou prosa, insultou meio mundo e caluniou outro tanto e, o pior, insistiu durante tôda a campanha eleitoral em que os paulistas julgassem os candidatos em 3 de outubro. Foi o que aconteceu.

● HERBERT LEVY, deputado udenista reeleito (merecidamente) passou a ocupar a coluna de Carlos Lacerda na «Tribuna da Imprensa». Herbert Levy, dizem, será candidato à sucessão de Jânio, daqui a 4 anos.

● A VOTAÇÃO DO SR. HUGO BORGHI decepcionou o líder marmiteiro e deu novas esperanças aos seus muitos inimigos. Borghi (que já valeu 400 mil votos em São Paulo) parece que não mais terá chance de aspirar os Campos Elísios.

● NÃO É VERDADEIRA a notícia de que o sr. Porfírio da Paz pretende embarcar para a Europa. O vice-governador eleito de S. Paulo vai mesmo ficar, e na Prefeitura, uma vez que não existe nenhum impedimento legal. Não haverá, portanto, eleição em São Paulo para a vice-governança.

● O MAJOR NEWTON SANTOS (foi êle quem deu a Jânio a máquina PTB, no interior, para a distribuição de cédulas) estêve em grandes atividades na capital da República. Dizem que pretende articular Aranha para a vice-presidência.

● A CONFIRMAÇÃO do sr. Euvaldo Lódi como deputado federal por Minas Gerais causou a melhor impressão nos círculos industriais de São Paulo.

● O GUARDA-ROUPA DO SENADOR Auro Moura Andrade está sendo confeccionado pelo famoso Curzio (que é também o alfaiate do com. Alberto Bonfiglioli) e consta de dezoito ternos, quatro casacas, três fraques e nove cartolas. Segundo afirma o deputado Luís Carlos Pujol, também duas bengalas de nogueira integram a «bagagem» no novo senador paulista.

● O TELEFONEMA MISTERIOSO recebido pelo sr. Cunha Bueno, horas antes de ser confirmada a vitória do sr. Jânio Quadros, pode agora ser esclarecido. Tratava-se de um chamado do deputado Abdala, que desejava saber se era verdade que Jânio, se eleito, mandaria apontar todos os «papagaios» existentes no Banco do Estado... e que vinham do tempo em que o sr. Ademar de Barros governava a Paulicéia.

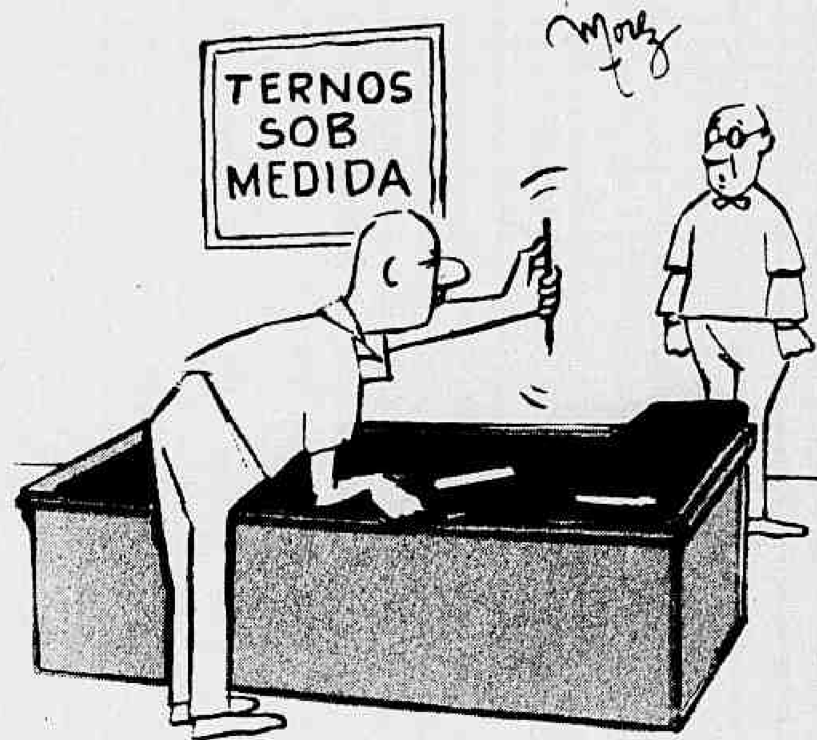
● OUTRO QUE NÃO ACREDITOU nas declarações do sr. Jânio Quadros (de que não será candidato ao Catete) foi o ex-deputado Paulo Nogueira Filho, o mesmo a quem Jânio afirmou, há menos de um ano, não ser candidato aos Campos Elísios...

O RISO DOS OUTROS

(Semanie du Monde)



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



A CHAVE



SEM PALAVRAS



SEM PALAVRAS



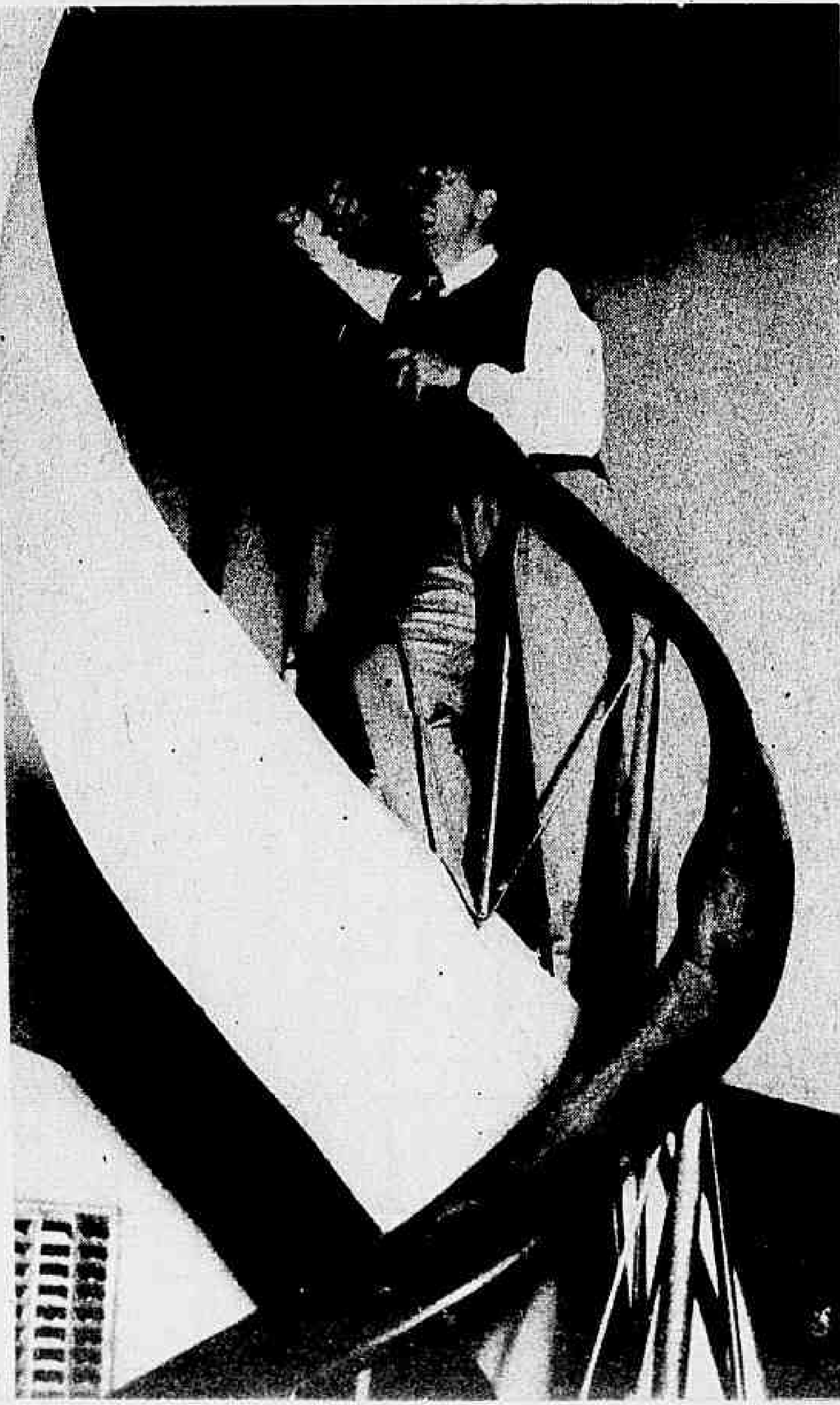
SEM PALAVRAS

Nelson Rodrigues: O SUCESSO EM TEATRO É

Reportagem de ALDNEY PEIXOTO

Ping — Como começou a escrever?
Pong — Pensando na morte.
Ping — Como pensou na tragédia?
Pong — Só vejo teatro no gênero trágico.
Ping — Que considera imoral em teatro?
Pong — O sucesso.
Ping — Qual o ator ou atriz que julga ter sido seu melhor intérprete?
Pong — Sônia Oiticica.
Ping — E o pior?
Pong — Vários.
Ping — Que julga da ação do Serviço Nacional de Teatro?
Pong — Não devia subvencionar ninguém.
Ping — E do seu atual diretor?
Pong — Veremos.
Ping — Que acha da dissolução da Dramática Nacional?
Pong — Seria uma imbecilidade.
Ping — «Senhora dos afogados» — afinal, sucesso ou insucesso?
Pong — A vaia foi o único sucesso da minha vida.
Ping — Fará daqui por diante um teatro diferente?
Pong — Farei o meu teatro.
Ping — Que julga do teatro brasileiro?
Pong — Há 400 anos que êle não existe.
Ping — Seus autores prediletos?
Pong — O'Neill.
Ping — Dizem que Ziembinski faz falta à sua obra. Concorda?
Pong — Bibi foi uma grande diretora.
Ping — Que julga como fundamental no seu aprendizado com Ziembinski?
Pong — Uma certa alucinação, de parte a parte.
Ping — Quando pretende encenar outra peça?
Pong — Eu desejaria escrever apenas, e jamais encenar minhas peças.
Ping — Pretende dedicar-se ao romance?
Pong — Desde os 7 anos de idade, sonho em escrever um fabuloso romance.
Ping — É católico — ou simpatizante? Por quê?
Pong — Sou um ateu que acredita em Deus. No dia que tirarem o sobrenatural do homem, êle cairá de quatro.
Ping — Como encara as histórias que publica no jornal?
Pong — Acho um pobre diabo o sujeito que despreza «A vida como ela é...»
Ping — Considera-se realmente um gênio?
Pong — Talvez um cretino.
Ping — Que planos tem para o futuro?
Pong — Escrever para mim mesmo, só.
Ping — Pretende abandonar o teatro?
Pong — Não. Mas gostaria de fazer um teatro sem público.
Ping — Como encarou o suicídio de Getúlio Vargas?
Pong — Eu me sinto profundamente irmão de qualquer suicida.
Ping — Tem idéias políticas?
Pong — Tenho apenas horror aos idiotas da esquerda e da direita.
Ping — Que desejaria dizer espontâneamente aos leitores desta revista?
Pong — Não gostem do meu teatro.
Ping — Pode contar uma lembrança teatral que o tenha impressionado?
Pong — Nenhuma.
Ping — Que considera o mal fundamental de nosso teatro?
Pong — O Autor.
Ping — É o mal fundamental do Brasil?
Pong —
Ping — Que pensa da crítica à sua obra?
Pong — Que ninguém entende ninguém.
Ping — E você mesmo, que pensa de sua obra?
Pong — Gostaria de desagradar muito mais. A vaia parcial e malograda à «Senhora dos Afogados», pareceu-me insuficiente. Só me sentirei bem quando merecer uma vaia total.

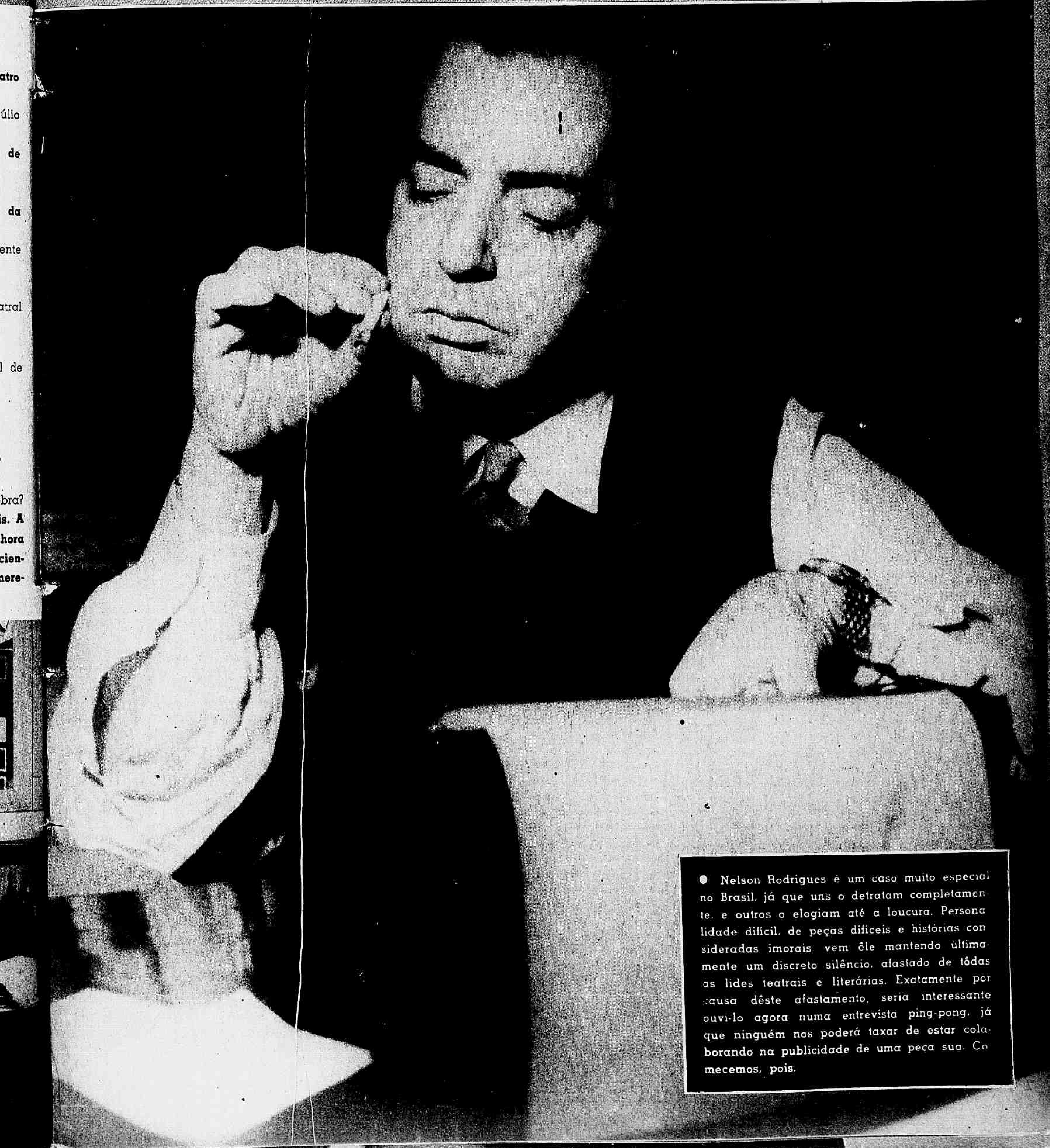






É IMORAL

A vaia foi o único sucesso de minha vida. ★ Eu sou um ateu que acredita em Deus. ★ Acho um pobre diabo o sujeito que despreza «A vida como ela é...» ★ Getúlio: sou irmão de qualquer suicida. ★ Tenho horror aos idiotas de esquerda e da direita. ★ Afirmações capitais do autor de «Vestido de Noiva».

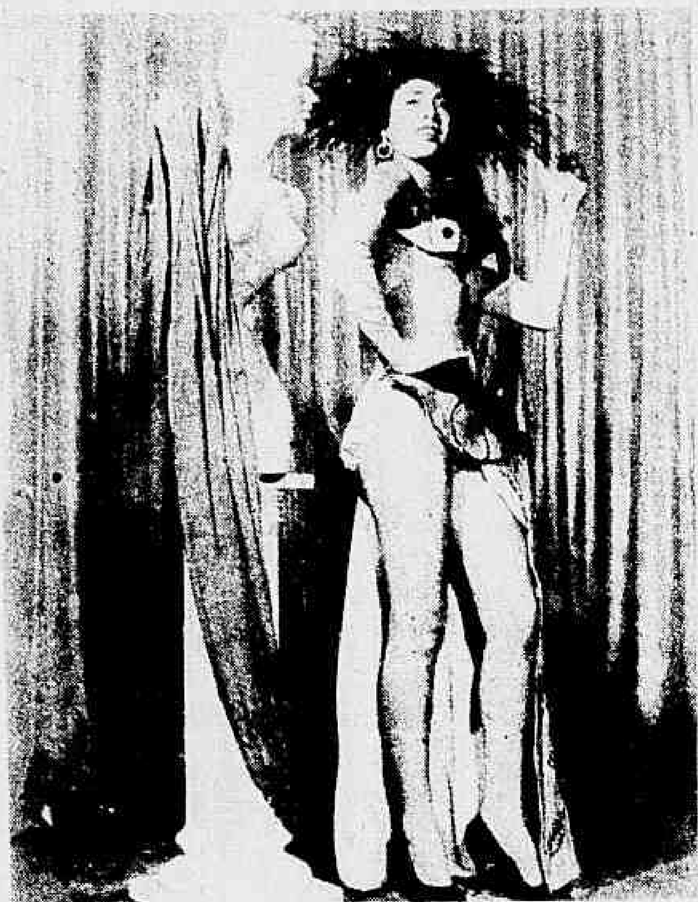


● Nelson Rodrigues é um caso muito especial no Brasil, já que uns o detratam completamente, e outros o elogiam até a loucura. Personalidade difícil, de peças difíceis e histórias consideradas imorais vem êle mantendo últimamente um discreto silêncio, afastado de tôdas as lides teatrais e literárias. Exatamente por causa dêste afastamento, seria interessante ouvi-lo agora numa entrevista ping-pong, já que ninguém nos poderá taxar de estar colaborando na publicidade de uma peça sua. Comecemos, pois.

MÚSICA PARA "SHOW"

PAULO SOLEDADE

● CONSIDERANDO o teatro musicado em buates, necessàriamente sem texto, ponto de vista que vimos defendendo há algum tempo, fácil é julgar-se a importância que teriam as músicas dentro de uma peça. O que tivesse de ser dito, seria feito com música e letra. E uma não estando em desacôrdo com a outra, estaria salva a pátria. Mas, segundo José Saenz, a música é a mais subjetiva das artes, e assim sendo, torna-se extremamente difícil utilizá-la com a devida objetividade. Nos lugares onde o teatro musicado atingiu grau mais alto, os compositores dão-se ao luxo de compor especialmente para um determinado quadro. São os Cole Porter, Victor Young, Richerd Rogers, Jerome Kern, Hart, Harmenstein e muitos outros. Acredito que na terra dêles, um «script-writter» antes de conceber a sua peça, nem leve em consideração o problema da música. Êles conduzem a sua história para onde têm vontade e depois de tudo estabelecido, chamam um dêsses autores acima mencionados e solicitam a sua colaboração. Seis meses aproximadamente, deve ser o prazo necessário para que a parte musical esteja pronta. Assim surgiram os grandes «hits» da Broadway desde «Rua 42», «Cavadoras de Ouro» até os musicais dêstes últimos anos. A pequena diferença que existe porém, é que qualquer um dêsses compositores, acertando um sucesso, está com o futuro garantido. Na Broadway Ave. existe um quarteirão enorme num andar alto, onde se lê, nas quatro ruas que o circundam, em letras de taboleta eleitoral «IRVING BERLIN MUSIC CORPORATION». É uma organização que trata exclusivamente de músicas para «shows» e filmes. Se ao nosso compositor fôsse dada a oportunidade de ficar seis meses trabalhando para uma determinada peça, acredito que nela encontraríamos jóias da música popular escritas especialmente para a mesma, e cujo lançamento seria suficiente para atrair grande público. Mas ainda estamos tão no comêço que se torna pràticamente impossível êsse processo. Assim temos de trabalhar pelo processo inverso. O critério de seleção de músicas para o «show» leva-nos a selecionar sucessos antigos que se prestem para o espetáculo que devemos montar. Caymmi, Noel Rosa, Ari Barroso e outros têm comparecido às nossas buates acidentalmente, e as suas músicas já conhecidas têm contribuído para o sucesso dos «shows». E seria tão bom se se pudesse oferecer ao público dentro de uma estréia os últimos lançamentos dos nossos bons autores. Se os «scripts» não tivessem de ser torcidos para atender às necessidades das músicas que por seu sucesso anterior devem garantir o êxito dos espetáculos. E se os «Crime da 10ª Avenida», «Um americano em Paris» começassem a aparecer nos «shows», mas partindo de uma idéia nossa, com assunto nosso, com espírito musical nosso, o que forçosamente estabeleceria maior contato entre o público e os artistas. Ficaríamos livres dos boleros de Ravel, Granada, Javas francesas, Milongas, etc. E a Mulher Rendeira ficaria só no CANGACEIRO, Helena, Amélia, Tirolesa, Mulher do Padeiro, Mulher do Leiteiro ficariam para os «shows» retrospectivos. Paris la nuit e Folies Bergère também descansariam e haveria muito maior sensação em nossas estréias.



VALENTINA — A mais recente descoberta de Zilco Ribeiro. Entrou na véspera para substituir uma das vedetas, aprendeu ràpidamente seu papel, tem paixão pelo palco, está contratada para o «Folies» por um ano, com opção e vendo-se a foto acima, não é preciso dizer-se mais.

No Casablanca grandes preparativos para a próxima estréia «DO ENTRUDO AO VALE TUDO». Grande expectativa também por parte do público já cansado de «Satã dirige o espetáculo». Não acredito que êsse título seja muito sugestivo. Sabendo-se que o entrudo foi a forma primária de carnaval que tivemos, e que depois dêle virá o «vale tudo», vejo nisso uma forma de justificar o que der e vier. A resposta será: Ué! Vale tudo, o título já disse! Não, não é sugestivo êsse título. Gisela naturalmente, não deve ter apreciado, mas dentro da tranqüilidade que a segurança lhe traz, saberá defender-se, e é de se esperar que o bom gôsto de seu guarda-roupa garanta êste novo êxito para o Casablanca, como já vem fazendo, apesar dos pesares.

LEGENDA TROCADA. No número do dia 18 de outubro saiu trocada a legenda de Elza Laranjeira a "estrelinha" da Record, com a de Hilda Etcheverrie, pianista do Bar Farolito. Aqui vão as nossas desculpas.

● HOUVE QUEM dissesse que o tempo dos cassinos foi o período áureo do nosso teatro musicado. Realmente viu-se muito e do melhor. Nada quase, nacional, mas viu-se muito. E o turista que vinha atrás da côr local que o Rio poderia oferecer não levou nenhuma lembrança desta terra tão pitoresca mas que não soube dar o que êle procurava. Raros foram os «shows» brasileiros, podendo contar dentre os de maior êxito, um de carnaval, escrito por Luís Peixoto para a Urca que impressionou enormemente Orson Welles. Para a época foi excepcional. Era nossa música, nossa gente. Mas poder-se-ia chamar àquilo teatro? E o público pagava entrada? E os artistas, eram chamados os que tinham maior valor? E os salários, eram condizentes com o que êles representavam realmente nas bilheterias? Nada disso acontecia. E segundo consta, teatro é público, peça e artista. Formado em bases econômicas falsas, o tempo do teatro nos cassinos foi, por um lado um bem, mas por outro péssimo. Inflacionou o meio artístico pagando salários exorbitantes, concorreu deslealmente com as iniciativas que contando apenas com a bilheteria não poderiam fazer frente às receitas da roleta. E quando o jôgo fechou, ninguém estava organizado para fazer o teatro pròpriamente dito. Oito anos foram necessários para a recuperação do nosso teatro musicado. Hoje, quase sem influência estrangeira, com a prata da casa, vimos nos defendendo e muito melhor. Quem tiver dúvidas que assista ao que há pela cidade. Quatro grandes buates com bons «shows» (uns melhores é verdade), dois teatrinhos em Copacabana lançando freqüentemente novos valores e uma infinidade de pequenos bares quase todos com suas atrações e na maioria nacionais. Agora sim, temos um pequeno teatro musicado, mas é teatro, porque há um público que paga para ver o que se está apresentando. E quando o artista, ou a peça não presta, êle se esquiva obrigando aos produtores a darem o melhor e aos artistas a tomarem suas verdadeiras posições. Sem falar no confronto que tivemos oportunidade de fazer quando da vinda do célebre «Folies Bergère» que não conseguiu impressionar devido ao que já vínhamos apresentando. E ainda vamos progredir mais, se Deus quiser.



ALICE — Estêve em São Paulo no «show» que Zilco Ribeiro levou para a buate «Eve», antigo «Arpège», com Mara Rúbia e Válter Dávila. Está também em «Mas... muito mesmo» reforçando o elenco que não estava muito bem de «girls».

Marlene vai filmar na Argentina. Saiu assim provisòriamente do «show» do Copacabana. Luís Delfino seu marido estava em São Paulo, na peça de Haroldo Barbosa e César Ladeira «Brasil do ano 3.000». Foi grande o sucesso no teatrinho de Alumínio, e consta que êste espetáculo virá para o Serrador, porém sem Luís Delfino. César Ladeira tem um papel no «script».

★

Silveira Sampaio teve êste ano dois sucessos fora do comum. No seu teatrinho de Bôlso «Sua Excia. em 26 poses» e no Beguin o «show» «No país dos Cadilacs». Está esperando a estréia do «Beguin». Acha que depois de assistir ao espetáculo de Fernando Lôbo e Carlos Machado estará em melhores condições de conseguir o seu terceiro sucesso.

sempre
bem
aceito...

finesse
CIGARROS

NON PLUS ULTRA

finesse

a delicadeza transformada em cigarro

A VERDADE:

ROBINSON CRUSOÉ EXISTIU

A lenda de sir Alexandre Selkirk. ★ Como Daniel de Foe se tornou um grande romancista. ★ Como os novos «Robinsons» tornaram-se pescadores de lagostas. ★ O grande filme de Bunuel, mostrando a legendária ilha. ★ Os mistérios do Pacífico.



Eis como começou tudo; alguém contou a Daniel

de F

Se não acreditam, eis a caverna de Robinson, ou a gruta maravilhosa de sir Alexander Selkirk.





Selkirk, e o macaco que êle chamou Sexta-Feira



Ilhas de Juan Fernandez, onde Daniel de Foe,

ger

Daniel

a-Feira

de Foe,



de Foe, um homem de imaginação, sua aventura.



Daniel de Foe no pelourinho.



genialmente, fêz viver seu exilado dos homens.



Um Robinson completamente novo: Charpentier.



Eis Sexta-Feira — e o Robinson, m. de Rodt.

A proprietária do «Salmão Real» virou a cabeça de sir Alexandre Selkirk, um dos melhores alunos da Universidade de Santo André. Retiram-lhe as férias e êle foge do colégio. Colocam-no em prisão e, quando sai, é um mau rapaz. Com vinte e quatro anos tornou-se marinheiro, contra-mestre a bordo do «Espadon», em caminho para fazer a volta do mundo. O capitão Stradding é um negreiro, pirata, que espera achar o El Dorado navegando.

Selkirk fatiga-se com êste gênero de existência e de aventura. Isola-se. Stradding o persegue: dão-lhe os piores trabalhos. Êle re revolta e pede para ser desembarcado. Stradding assovia o «God save the king», chama seu macaco e lança Selkirk no fundo do porão. O «Espadon» se detém. Lançam âncora. Selkirk sobe novamente. Conduzem-no à margem vizinha. Abandonam-no. Está êle na ilha «Más-a-Tierra».

Mas não está sòzinho: Marimonda, o macaco do capitão, ficou em sua companhia. Deixaram-lhe dois fuzis, uma faca, uma marmita de ferro, uma Bíblia e alguns instrumentos de navegação, propriedade sua.

No dia 1 de fevereiro de 1709, um barco inglês vindo de Bristol aborda a ilha de Más-a-Tierra. Levantam uma tenda, avançam no interior da ilha. Homens da equipagem juram que viram um homem ou um macaco na montanha. Vasculham a ilha. Apoderam-se do monstruoso bípede. É um homem. É Selkirk, mais peludo do que um animal, e que mais ou menos perdeu o uso da palavra. Gravou numa casca de cedro a data do seu desembarque na ilha: 27 de outubro de 1704. Ali se acha êle, pois, há quatro anos e três meses. Sobe às árvores como um macaco e corre tão depressa quanto um gamo.

Sòzinho, perdera o machado e os instrumentos, quebrara a faca. Pouco a pouco, sua razão o havia abandonado. Tudo o aterrorizava. Não adorava mais a Deus, e sim ao oceano. Um dia, viu homens na praia da ilha: procurara reunir-se a êles, mas balas haviam silvado em seus ouvidos, e êle fugira, apavorado. Quanto à Marimonda, do qual êle fizera seu companheiro, morrera há muito tempo.

Como Daniel de Foe tornou-se romancista

Daniel de Foe era de uma velha família de puritanos e de dissidentes, quer dizer, dêsses inglêses que gostam de examinar tudo, discutir tudo e dizer a verdade tal como ela aparece. Em tais princípios é que foi criado Daniel. Queriam fazer dêle um pastor, mas temiam que o perseguissem, e por isso colocaram-no no mesmo mister que o pai. Aos vinte anos o demônio literário apoderou-se dêle — o pior é que êle escrevia panfletos.

Daniel se engaja nas tropas do filho natural de Carlos II, contra Jaques II. Mau negócio. Daniel acha-se do lado dos que perdem e vê executar alguns de seus companheiros em Londres. Faz todo o possível para ficar na profissão do pai, mas é mais forte do que êle — é preciso tomar partido. Ei-lo que recomeça a escrever panfletos, em vez de vender chapéus.

Voltando à Inglaterra sem ter feito fortuna, tem a singular idéia de ganhar a vida atacando aquêles que não estima. Guilherme de Orange o protege. Monta um negócio, arruina-se segunda vez e retoma a pena de polemista. A rainha Ana não o escuta com a mesma boa vontade que Guilherme, já morto. Daniel de Foe é condenado ao suplício do pelourinho. Ali vêm todos zombar dêste pequeno homem magro pendurado naquela horrível máquina que um carrasco faz girar.

Mais ou menos aos cinqüenta anos, êle encontra no albergue do Leão de Ouro, vizinho do Tâmisa, um singular indivíduo vestido de peles de cabra. É o marinheiro Alexandre Selkirk que lhe narra suas aventuras. E Daniel de Foe escreve uma obra-prima: «Robinson Crusoe». E logo após escreve outros livros, confidências de todos os maus rapazes da época.

Ninguém quer imprimir «Robinson Crusoe». Um editor, mais corajoso, compra o livro por 125 francos. Fizeram-se vinte edições em menos de um ano. Era a fortuna.

Mas ninguém soube do segrêdo: Robinson é muito mais De Foe do que Selkirk. De Foe com suas misérias, seus sonhos, suas aventuras e sua fé na vida. Aos sessenta e oito anos, Daniel de Foe morre na paz de sua velha casa, que fêz construir no meio de um jardim: sua ilha. Seu segrêdo, em suma.

O destino da ilha

A ilha, votada portanto ao mistério, ainda existe, desafiando a curiosidade de um cinegrafista. Ei-lo que surge, em 1936, fazendo construir um «chalet» na montanha. Chamava-se Hugo Weber e pretendia-se fotógrafo, cineasta, repórter. Em 1942 as autoridades, achando-o indesejável, expulsaram-no. Era apenas um agente alemão que viera estudar a possibilidade de instalar em Más-a-Tierra uma base submarina. Tiraria êle fotografias? Rodaria filmes? É possível. Ninguém, em todo caso, não viu coisa alguma — e a mágica ilha de Robinson, com sua natureza exuberante e magnífica, espera ainda que lhe consagrem o documentário que merece.

Feliz ilha, que não conhece telefone, nem automóveis é onde se despreza as vaidades dêste mundo.

O FURIOSO



Conto de D. BIKELAS

FALAVA-SE de cães. O jantar vinha de terminar: as senhoras, afastando-se para a varanda, olhavam as nuvens púrpuras que os raios do sol poente tingiam, e nós, em tôrno da mesa, tomávamos café fumando. Sòzinho, André, meu sobrinho, que ainda não fuma, ou fuma escondido, brincava, num canto, com seu cachorro. Mas a manifestação barulhenta de sua camaradagem não contribuia nem ao divertimento nem à tranqüila digestão das pessoas de idade madura que se achavam reunidas. Ninguém, no entanto, ousava queixar-se, pois André era o filho único do dono da casa, e o cachorro, seu companheiro favorito. Mas não era necessária uma forte dose de inteligência para adivinhar que todos nós nos achávamos muito satisfeitos se o víssemos despedir o aborrecido quadrúpede.

Meu Cunhado, que compreende tudo com facilidade, encarregou-se de nos desembaraçar de sua presença, apesar do aborrecimento não dissimulado de seu filho.

Restabelecida a calma, a conversação recomeçou com um interêsse novo. Naturalmente, começamos a falar sôbre o exilado, de suas diversas qualidades, de sua raça em particular, e dos cães em geral. Falando de cães, chegamos, a ponta de agulha, a falar na raiva. André, que parecia se interessar mais do que nenhum outro a essa questão, perguntou ao cura da aldeia, que era um dos nossos convivas, se a raiva era freqüente no país.

— Freqüente, não; mas não é sem exemplo, respondeu padre Serafim. E êle nos contou, entre outras coisas, de um excelente cão que possuía e fôra obrigado a abater.

A todo instante André interrompia o padre com suas perguntas.

— Como é que o padre Serafim percebera que seu cão estava com a raiva?

E quase sem esperar resposta:

— Que lhe tinha êle feito? Onde o tinha mordido? Como fizera para matá-lo?

O padre respondia complascentemente, e confesso que através dessas perguntas e respostas, naquela noite aprendi muitas coisas sôbre a raiva.

— Falamos de cães raivosos, disse meu cunhado, interrompendo uma última pergunta do filho. Mas que dirá você, André, se ouvir o padre contar que já viu um homem furioso?

— Um homem furioso! — gritou André. E ao mesmo tempo, todos nós o esmagamos com perguntas. Como, sr. padre? Onde? Quando? Que aconteceu? Como é que acabou?

Êle começou sua narrativa nestes têrmos:

— Conhecem sem dúvida o local denominado «Velhos-Ares», próximo daqui, na extremidade da aldeia? Como se lembram, nosso cemitério é apenas um pouco mais longe, em direção ao poente. À direita, existem vinhas; à esquerda, a montanha, e no meio, o caminho que conduz de Velhos-Ares ao cemitério. No meio do caminho, do lado da montanha, devem ter observado um grande pinheiro solitário. Seus velhos galhos formam uma espécie de oásis de sombra, pois o sol queima nesta campina árida. Tôdas as vêzes que eu passo por ali, meu coração se aperta à vista dêste pinheiro e eu acredito sempre, no rumor que o vento faz nos galhos, ouvir o nome do desgraçado Cristus.

Treze anos já se passaram! Estávamos mais ou menos a meio de agôsto. Depois de alguns dias, o rumor se tinha espalhado que um lôbo girava em tôrno da aldeia. O velho Mitros que, naquele mesmo ano havia construído sua cabana perto dos Ares, contava que uma noite, despertado pelos latidos de seu cão, abrira a janela e vira, fora do muro de seu reduto, um lôbo enorme. Tomara o fuzil e fizera fogo, mas errara o tiro e, ao clarão da lua, percebera o animal fugindo de cauda baixa. Seu terror havia sido tal que êle não tinha nem sequer pensado em atirar uma segunda vez. Nossos pastores também, pelo seu lado, haviam falado de um encontro semelhante, de modo que a aldeia se achava cheia do rumor que havia por perto um lôbo perigoso. Os camponeses não dormiam senão com um ôlho, sempre preocupados com o rebanho.

O perigo inda era maior do que êles imaginavam, pois o inimigo não era um lôbo esfomeado, mas uma lôba com raiva.

Uma tarde, era uma quinta-feira, Cristus apascentava os carneiros de seu pai perto do pinheiro do qual já falei. Sentado à sua sombra, estava ocupado em raspar uma escudela de leite, quando de repente observou que, aterrorizados, seus carneiros fugiam de todos os lados, atropelando uns aos outros. Voltou então os olhos para o lado do cemitério e que vê êle? A vinte passos, a lôba, eriçada, pronta para o ataque, mostrava seus dentes terríveis.

Cristus levantou-se imediatamente e tomou uma pedra. Comumente os lôbos têm mêdo do homem e fogem, mas Deus lhes guarde de um animal com raiva!

Padre Serafim, por um movimento maquinal retomou seu chapéu e colocou-o sôbre a cabeça.

Depois de alguns instantes de silêncio, retornou:

— Permitam, meus amigos, dar-lhes um conselho, desejando ao mesmo tempo que jamais tenham necessidade dêle. Não é provável que se achem na presença de um lôbo enraivecido e que não tenham uma arma, um pau bastante forte para quebrar-lhe a cabeça — caso contrário, tenham cuidado, antes de tudo, de preservar as mãos. Se lutarem com as mãos contra êste animal, êle os morderá. Vocês, que estão vestidos à européia, usem os chapéus — eu, tenho o meu. O camponez possui seu fez — a qualquer preço não pensem senão em garantir as mãos, e sirvam para isto de não importa o que como salvaguarda.

Cristus não tinha nem meio e nem tempo de se colocar ao abrigo. A lôba, em vez de lhe dar costas e fugir, desde que viu o moço se levantar, atirou-se sôbre êle e, antes mesmo que Cristus tivesse tempo para lançar-lhe a pedra, as patas dianteiras do animal cravavam-se no seu flanco direito, enquanto seus dentes rasgavam-lhe o peito.

A pedra caiu de seus dedos, mas suas mãos se achavam livres.

Cristus era o maior dos jovens de nossa aldeia, era não só robusto, mas corajoso — se bem que o perigo convertesse até um covarde num bravo. Êle abaixa bruscamente seu braço direito e aperta fortemente sob a axila o pescoço da lôba — com o esquerdo êle toma a cabeça do animal e intenta estrangulá-la.

Começou então uma luta terrível. As unhas e os dentes do animal enraivecido riscavam o flanco do desgraçado, que não podia fazer uso de sua faca porque, para tirá-la da cintura, deveria deixar o pescoço da lôba que comprimia sempre com a mão esquerda. Não podia mover o braço direito sem relachar o apêrto com que mantinha a fera; não ousava chamar por socorro. Desgraça ao que luta, se êle desperdiça fôrças gritando.

Finalmente, ambos tombaram por terra, sem se deixar, num abraço horrível, Cristus por cima, e a lôba por baixo. Mas esta tinha a cabeça livre contra o peito de Cristus, que rasgava sempre, tentando libertar-se.

Cristus sentia suas fôrças diminuirem. Começava a perder a coragem, quando de repente ouviu uma voz, a do velho Mitros:

— Mantenha firme, Cristus, já estou chegando!

Os carneiros de Cristus, fugindo, tinham chegado até a cabana do velho Mitros. Admirado, o velho abriu a porta e viu de longe Cristus lutando com a fera. Desprendeu imediatamente seu fuzil da parede e pôs-se a correr tão depressa quanto o permitiam suas velhas pernas.

Quando enfim chegou sob o pinheiro e viu aquêle grupo, achou-se num grande embaraço. Como atirar sôbre o animal sem risco de ferir o homem? Cristus, readquirindo novas fôrças diante do auxílio que lhe chegava, aperta o focinho da bêsta, afasta-o tanto quanto pode do seu peito e grita: «Atire!» O velho, sem perder tempo, apóia o cano de seu fuzil ao ouvido do animal e faz fogo. O animal tombou fulminado.

Padre Serafim calou-se durante alguns momentos. Nenhum de nós perturbou seu silêncio; víamos que êle ainda tinha o que nos dizer e esperávamos.

No entanto, o sol já havia se escondido. No quarto, a sombra começava a adensar-se nos cantos.

As mulheres continuavam na varanda e nós ouvíamos o rumor de suas conversas e suas alegres risadas.

— Sabem, meus amigos, continuou o padre, em que pensava eu, em que penso muitas vêzes? No que nos custa nossa ignorância. Quantos males não poderíamos evitar ou esmorecer, se nossos conhecimentos fôssem mais desenvolvidos! Mas quem nos ensinaria tais coisas? Progredimos gradualmente, é verdade, mas ainda assim somos muito atrasados. Acredita que em tôdas as cidades desta circunscrição não existe médico, nem sequer uma farmácia! Não sei se jamais imprimiram em Atenas, mas certamente não veio até aqui, um livro ou uma brochura contendo conselhos sôbre os meios de evitar ou de curar as doenças mais comus. Não falo da raiva, mas dêsses males que ceifam nossas crianças. Mas deixemos isto — tudo virá a seu tempo.

Quando Cristus regressou à aldeia, apoiado à espádua do velho Mitros, ferido, ensagüentado, com as roupas rasgadas, todo mundo se emocionou. Fou imediatamente informado do que acabava de se passar e fui vê-lo. Morava em casa do pai, numa casa de dois andares, no caminho da igreja. Em baixo há uma loja e um espremedor de óleo — em cima, dois quartos pequenos. Sobe-se por uma escada exterior colocada contra a fachada, do lado do caminho.

— Onde hoje mora o mestre-escola? — perguntou André.

— Sim, precisamente. Quando eu cheguei, tive a maior dificuldade em chegar até Cristus. Os vizinhos tinham enchido os dois quartos e cercavam o moço, cheios de boa vontade, certamente, mas criando embaraço, e em vez de socorro, não trazendo senão confusão.

A primeira coisa a fazer não era lavar o sangue, nem consertar as roupas rasgadas de Cristus, mas cauterizar seus ferimentos. Ninguém pensava nisto. Não se pensava em procurar nenhuma erva que agisse contra a raiva — e porque não procurei eu persuadi-los a enviar imediatamente o ferido para Atenas? Mais tarde nem quiseram ouvir falar nisto. A erva contra a raiva, nada senão a erva contra a raiva! Eis a panacéia que todo mundo procurava — desgraçadamente, na aldeia, ninguém sabia onde existia esta erva.

— Que planta é? — perguntei ao padre, interrompendo-o.

Tôdas as pessoas, em roda da mesa, voltaram-se para o meu lado e eu me senti corar ante êsses olhares. Compreendi que minha interrupção não era do gôsto do auditório e arrependi-me de minha pergunta inoportuna. Não era o momento de fazer indagações sôbre botânica — e disto eu me apercebi muito tarde.

— Não sei como descrevê-la, porque eu não a conheço, respondeu-me o padre. Suponho que ela cresça em Salamina — é um segrêdo dos monges do convento de Phaneromeni e uma fonte de lucro para êles.

Eu me contentei com a explicação e abaixei a cabeça em silêncio.

Padre Serafim compreendeu que eu me perturbara e, voltando-se para o resto da companhia, tornou:

— No fim, depois de muitas dificuldades, consegui convencer Cristus, bem como aquêles, ou melhor, aquelas que o cercavam, e decidiu-se que eu o levaria para um hospital de Atenas. Êle queria partir sòmente no dia seguinte. Insistiu e consegui fazê-lo partir imediatamente, prometendo acompanhá-lo. Subimos para os nossos animais e pusemo-nos a caminho. As vizinhas nos acompanhavam com seus votos, nos quais eram pródigas, mas sem parecer, de modo algum, convencidas que o hospital substituiria convenientemente a raiva. Chegam a Atenas muito tarde. Deixei Cristus no Hospital e voltei ao meu presbitério pelo meio da noite.

Tudo isto tinha acontecido, como eu já disse, numa quarta-feira. Na quinta, Cristus regressou à aldeia, sofrendo ainda pelas queimaduras da cauterização. Quanto ao resto, parecia bem. Alguns dias depois, suas feridas já se achavam cicatrizadas.

Mas os camponeses não tinham confiança no tratamento do hospital. Seus temores vinham, não de que a cauterização pudesse ter se verificado muito tarde, mas do fato de que não haviam empregado a erva contra a raiva. Podia-se prevenir êste terrível mal sem aquêle remédio? Assim, em todos os lugares onde Cristus aparecia, sentia-se manifestar uma inquietude secreta. As mães se apressavam a chamar seus filhos para que êles não se encontrassem com Cristus; os homens pareciam cuidar de evitar por todos os meios colocá-lo em cólera. Numa palavra, a aldeia vigiava. Cristus compartilharia, êle também, os temores alheios quanto à sua cura? A hesitação com a qual respondeu-me quando o encontrei, o olhar oblíquo que lançava sôbre os passantes enquanto eu conversava com êle, tudo isto, e muitas outras coisas ainda, pareciam-me um sinal de que o pobre rapaz não estava inteiramente isento de preocupações. Eu o lamentei do fundo do coração. Imaginem, meus amigos, os tormentos, as angústias que se deve sentir quando se tem mêdo de ter o germe de semelhante doença e que se espera de um dia para outro vê-la declarada.

— O que há de mais horrível, disse meu cunhado, é que êste próprio temor alimenta o

(Continua na página 50)

Desenho de DAREL







● Escarpim romântico
em setim lilás
com pequeno salto carretel
e bordado de passamanaria.
É o sapato
para acompanhar o seu
vestido de formatura.

Para o baile de formatura

● Modêlo ideal em organdi
com bordado inglês.
Cinto de verniz prêto. Êle representa
o sonho de tôda jovem
de 21 anos.

A ELEGÂNCIA É UMA QUESTÃO DE BOM GÔSTO E NÃO DE DINHEIRO

Texto de MARINA SALLES — *Desenhos de LAURITZEN BERN*

● Hyber de Givenchy, famoso costureiro francês, em recente entrevista a uma revista parisiense, aconselha à mulher como se tornar elegante, bela e sempre jovem, sobretudo. Os criadores da «haute couture» têm seu tipo ideal de mulher — a de 30 anos. Suas criações, suas concepções, giram sempre em tôrno da mulher de Balzac em que êles reconhecem a maneira firme de pisar, a elegância natural, o «aplomb». Desde que a mulher o deseje ela pode tornar-se chic, pouco importando sua idade. O principal, porém, é que tome por norma jamais vestir tualetes complicadas. A grande arte para rejuvenescer, ou, pelo menos, para não envelhecer, é evitar a pretensão. Quanto mais os anos passam, mais simplificados devem ser os vestidos. Vestindo-se com gôsto, elegância e distinção — distinção — a mulher de 40 ou 50 anos pode rejuvenescer pelo menos 10 anos.

● Manifesta-se mesmo Givenchy que a mulher ao passar dos 35 anos deve voltar ao gênero de vestido que usava aos 20 e condena, formalmente, as blusas tipo tualete, de colarinhos guarnecidos de rendas ou «ruches», os «jabots», que na opinião dêle dão à mulher um ar de avó. Do guarda-roupa de uma mulher que passou dos 35 anos deve constar um «tailleur» de linhas clássicas, cuja blusa, em tom vivo deve contrastar com a côr discreta do «tailleur». E' verdade que as jóias enfeitam, principalmente os brincos, mas atenção, desde que você use um colar, um broche e uma vistosa pulseira, você envelhecerá. As pérolas são chiques, sobretudo quando usadas com os brincos também de pérolas, mas será melhor quando você usá-las evitar as pulseiras de ouro.

● Outro elemento indispensável no guarda-roupa feminino é um vestido prêto de linhas simples que deverá ser acompanhado de um «manteau» de corte reto em lã preta. Esta é uma tualete elegante que assenta a tôdas as mulheres e a qual poderá ser usada em diversas ocasiões. Enfim, para um vestido de noite, — desde que o tempo permita, não há nada mais belo e romântico do que o vestido branco. O decote redondo é preferível, pois é insinuante e preferível ao decote em V, raramente feliz para uma mulher de 35 anos. Evite as saias estreitas que, se a pessoa não é de uma magreza extrema, envelhecerá. Prefira as saias mais rodadas que ressaltam umas pernas bem torneadas.

● Sóbrio, elegante esta tualete tanto serve para as compras como para uma viagem. Em tussor cinza e complementos lilás, é o modêlo ideal para uma senhora



FORTUNA

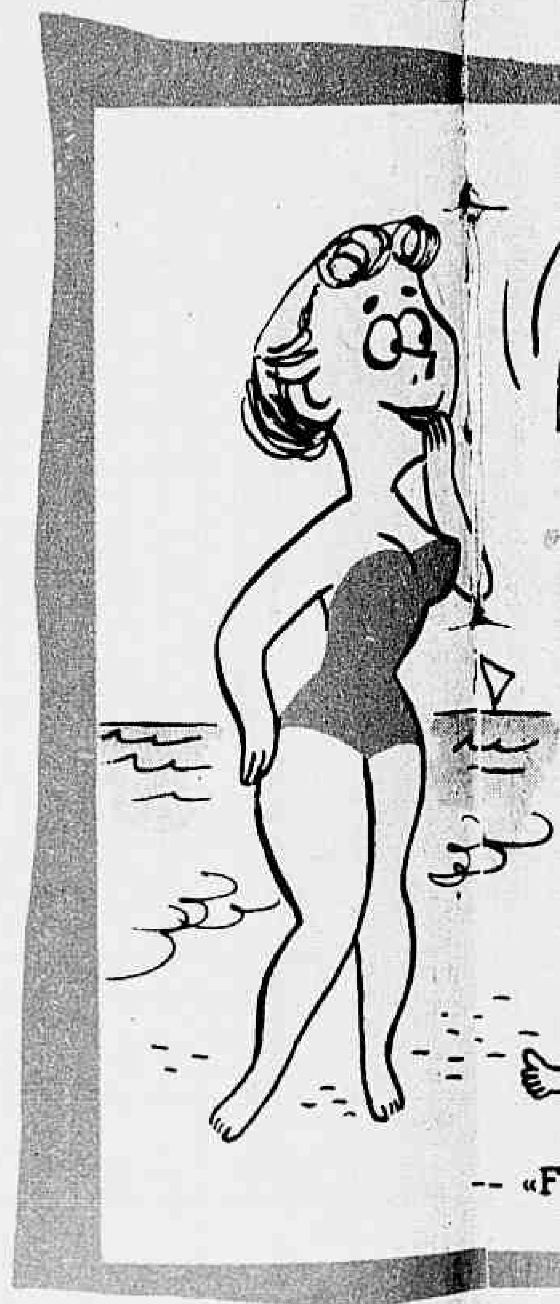
APRESENTA:

(positivamente contra)

O "flat-t



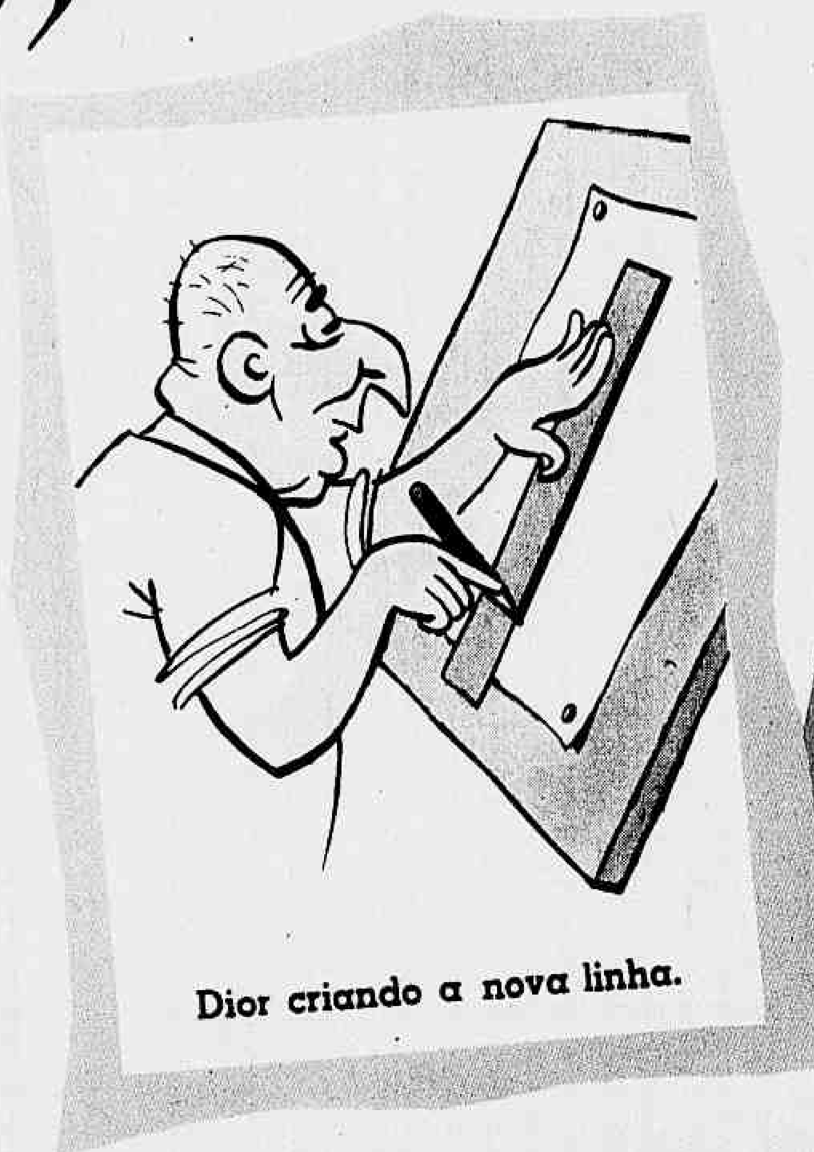
DIOR



-look"



DIOR — Pronto, Martinha, desapareceram suas duas polegadas!



Dior criando a nova linha.



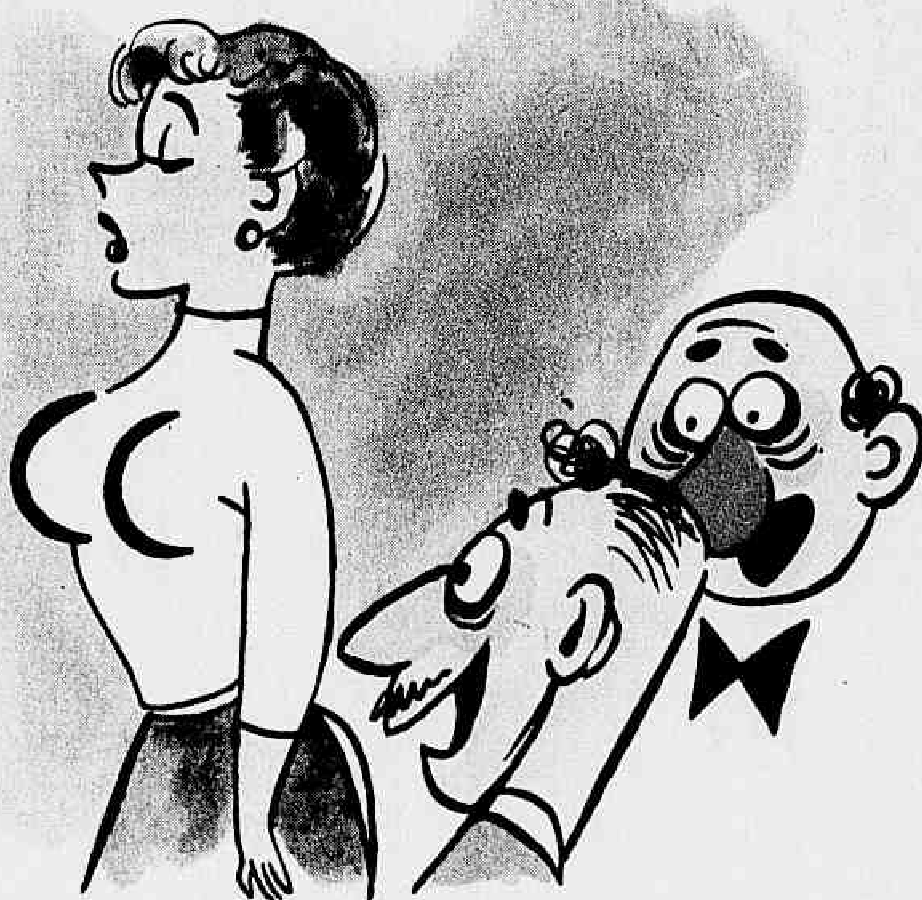
A «Linha H» entre parêntesis.



DIOR — Quem é a primeira?



-- «Flat-look», hein?



— Você gosta da «Linha H»?
— Ainda prefiro a linha dos CC...



NA MODA
— Me dá um maço de cigarros. Lisos.

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● Efraim, ainda criança, fôra mandado pelos pais a um internato educacional, em Bogotá, capital de seu país. Seus pais eram fazendeiros abastados no interior da Colômbia. Além dos filhos, criava o casal uma menina de nome Maria, filha de um irmão do pai de Efraim. Quando Efraim, depois de seis anos de ausência, voltou à casa paterna, surpreendeu-se com a beleza da irmã de criação e o mais intenso amor se manifestou entre ambos. Os pais de Efraim não viram êsse namôro com bons olhos, pois que Maria sofrera um ataque suspeito de epilepsia — moléstia de que morrera a mãe — bem como porque o filho deveria ir à Europa, a fim de aperfeiçoar-se em medicina. Nesse interim, o médico que estava tratando de Maria declarou que a moça não sofria de ataques epiléticos, e que a vertigem que tivera não fôra causada por tal moléstia. Efraim parte para caçar, matando um tigre. Após descansar, regressa, e encontra em casa Carlos, que pretende a mão da moça. Debulhada em prantos, Maria é informada da pretensão, resistindo, porém, e disposta a não aceitar Carlos como noivo.

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

Desenho de RAMÓN

MINHA mãe guardou silêncio uns instantes, e logo, sorrindo do modo mais carinhoso possível, disse:

— Bom, contanto porém que você não esqueça que não deve prometer a ela senão aquilo que possa cumprir. E como falarei eu sôbre a proposta de Carlos?

— Como falaria a Ema em caso idêntico. E dizendo-lhe depois o que me prometeu dizer-lhe. Se não estou enganado, suas primeiras palavras farão a ela uma impressão dolorosa, pois lhe darão motivos para supor que a senhora e meu pai se opõem decididamente ao nosso casamento. Ela ouviu o que falaram certa ocasião sôbre sua enfermidade, e só o tratamento afável que a senhora continuou lhe dando, e a conversação que houve ontem entre ela e eu, tranqüilizaram-na. Esqueça-se de mim ao fazer-lhe as reflexões indispensáveis sôbre a proposta de Carlos. Eu estarei escutando o que falem, por trás dos bastidores dessa porta.

Era a do oratório de minha mãe.

— Você? — perguntou-me admirada.

— Sim senhora, eu.

— E para que valer-se dêsse engano?

— Maria gostará que assim seja feito, em vista dos resultados.

— Qual é então o resultado que você se promete?

— Saber tudo o que ela é capaz de fazer por mim.

— Porém, não seria melhor, se o que quer ouvir é o que ela vai me dizer, que ignore sempre que você a ouviu e que eu consenti nisto?

— Assim será, se a senhora deseja.

— Não tem você boa cara para cumprir isto.

— Peço-lhe que não se oponha.

— Mas não está vendo que fazer o que pretende, se ela chega a saber, é como prometer-lhe eu uma coisa que por desgraça não sei se possa cumprir, já que em caso de surgir novamente a enfermidade, seu pai se oporá ao seu matrimônio, e eu terei que fazer o mesmo?

— Ela sabe disto. Nunca consentirá em ser minha espôsa, se o mal reaparecer. Esqueceu acaso o que lhe disse o médico?

— Então faça o que você quiser.

— Ouça a senhora sua própria voz. Já estão aqui. Preste atenção para que Ema não se lembre de entrar no oratório.

Maria entrou corada e rindo ainda do que havia acabado de conversar com Ema. Atravessou com passo leve e quase infantil o aposento de minha mãe, a quem não descobriu senão quando ia entrar nos próprios aposentos.

— Ah, exclamou, a senhora estava aí? E aproximando-se dela: Porém, como está pálida! Sente-se mal da cabeça, não? Se tivesse tomado um banho... melhora tanto...

— Não, não, estou boa. Esperava para falar com você sòzinha, e como se trata de uma coisa muito grave, temo que tudo isto possa produzir em você uma má impressão.

Maria fixou em minha mãe um olhar brilhante e, empalidecendo, respondeu:

— Que é? Que é?

— Sente-se aqui, disse-lhe minha mãe, mostrando-lhe um tamburete que tinha aos pés.

Sentou-se e, esforçando-se inùtilmente para sorrir, seu rosto adquiriu uma expressão de gravidade encantadora.

— Então fale, disse procurando dominar a emoção, cruzando as mãos e com elas segurando em seguida o pente dourado que sustinha seus cabelos em forma de grosso e brilhante traçado.

— Vou falar a você do mesmo modo com que falaria a Ema, em circunstância igual.

— Sim senhora, estou ouvindo.

— Seu pai me encarregou de lhe dizer... que o senhor de M... pediu sua mão para seu filho Carlos.

— Eu! exclamou assombrada, e fazendo um movimento involuntário para pôr-se de pé. Porém, voltando a cair no seu assento, cobriu o rosto com as mãos e ouvi que soluçava.

— Que devo dizer-lhe, Maria?

— Foi êle quem mandou à senhora que dissesse isto? — perguntou com voz embargada.

— Sim, filha, e cumpriu seu dever cientificando-me disto.

— Porém... a senhora... porque me diz isto?

— E que queria você que eu fizesse?

— Ah, dizer-lhe que eu não... que eu não posso... que não.

Depois de um instante, elevando o olhar para minha mãe, que sem poder evitar chorava com ela, disse:

— Todos sabem, não é verdade? Todos quiseram que a senhora me dissesse isto.

— Sim, todos sabem, menos Ema.

— Sòmente ela... meu Deus! Meu Deus! — acrescentou ocultando a cabeça nos braços que apoiava sôbre os joelhos de minha mãe. E assim permaneceu uns momentos.

Levantando depois o rosto pálido e molhado por uma chuva de lágrimas:

— Bom, disse, a tarefa já está cumprida. A senhora já me informou de tudo.

— Porém, Maria interrompeu docemente minha mãe, é então tanta desgraça assim que Carlos queira ser teu marido?

— Eu lhe peço... eu não quero... eu não tenho necessidade de saber mais nada. Como deixaram que a senhora me propusesse isto? E todos, todos consentiram! Pois eu digo, afirmou com voz enérgica apesar dos seus soluços, digo que morrerei antes de consentir nisto. Ah, êste senhor não sabe então que eu tenho a mesma doença que matou minha mãe, apesar dela ser muito jovem? Ah, que farei eu agora sem ela?

E eu não estou aqui? Não te quero com tôda a minha alma?

Minha mãe era menos forte do que ela pensava.

Por minhas faces deslisaram lágrimas que sentia gotejar ardentes sôbre minhas mãos, apoiadas no trinco da porta que me ocultava.

Maria indagou ainda à minha mãe:

— Então, então, porque me propõe a senhora isto?

— Porque era necessário que êsse «não» saísse de seus lábios, ainda que eu supusesse que você o diria.

— E sòmente a senhora supôs que eu dissesse isto, não foi?

— Talvez algum outro também o tivesse suposto. Se você soubesse quanta dor, quanto desvêlo êste assunto causou àquele que você julga o mais culpado...

— Papai? — disse já menos pálida.

— Não, Efraim.

Maria deixou escapar um frágil grito e deixando pender a cabeça sôbre o colo de minha mãe, permaneceu imóvel. Esta já abria os lábios para me chamar, quando Maria voltou a endireitar-se lentamente. Pôs-se de pé e disse quase sorridente, voltando a segurar os cabelos com as mãos trêmulas.

— Fiz mal em chorar assim, não foi? Acreditei...

— Acalme-se, e enxugue essas lágrimas. Quero tornar a vê-la tão contente quanto estava antes. Você deve estimar o quanto foi cavalheira sua conduta...

— Sim, senhora. Que êle não saiba que eu chorei, está bem? — e enxugava-se com o lenço de minha mãe.

— Efraim não agiu bem, deixando que eu contasse tudo a você?

— Talvez... como não?

— Porém você diz isto de um modo... Seu pai lhe impôs como condição, ainda que não fôsse necessário, que deixasse você escolher livremente neste caso.

— Condição? Condição para quê?

— Exigiu que não dissesse nunca a você que sabíamos e consentíamos o que se passa entre ambos.

As faces de Maria tingiram-se ao ouvir isto, com o mais suave encarnado. Seus olhos se achavam cravados no chão.

— Por que exigia isto? disse com voz que eu mal chegava a ouvir. Acaso tenho culpa? Então faço mal?

— Não, filha. Porém seu pai acredita que sua enfermidade necessita precauções...

— Precauções? Então eu não estou boa? Não acreditam que eu não volte mais a sofrer coisa alguma? Como pode Efraim ser causa de meu mal?

— Seria impossível... querendo tanto a você, e até mais do que você a êle.

Maria moveu a cabeça de um lado para outro, como se respondesse a si mesma, e sacudindo-a em seguida com a ligeireza com que o faz uma menina para sacudir uma recordação medrosa, indagou:

— Que devo fazer? Faço tudo quanto queiram.

— Carlos terá hoje ocasião de falar a você sôbre suas pretensões.

— A mim?

— Sim, ouve. Dirá, conservando possìvelmente tôda a sua calma, que não pode você aceitar sua oferta, ainda que isto a honre muito, pois você é muito menina, deixando transparecer que essa negativa lhe causa verdadeira pena...

— Porém isto se dará quando estivermos todos reunidos.

— Sim, respondeu minha mãe, compadecida do candor que revelavam sua voz e seus olhares — creio que assim você será muito condenscendente comigo.

Pelo que ela não disse coisa alguma. Aproximando com o braço direito a cabeça de minha mãe da sua, permaneceu assim uns instantes, mostrando a expressão do seu rosto a mais acentuada ternura. Cruzou depois apressadamente o aposento e desapareceu por trás das cortinas da porta que levava ao seu quarto.

XXVI

Sabedora minha mãe de nosso projeto de caça, fêz com que nos servissem cedo, a Carlos, Bráulio e eu, o almôço. Não sem dificuldade obteve que o montanhês se resolvesse a sentar-se à mesa, ocupando êle a extremidade oposta àquela em que nos achávamos Carlos e eu.

(Continua no próximo número)



Conversa de mulher

LÍGIA JUNQUEIRA

Notinhas Úteis

FACAS DE COZINHA — Não guarde as suas facas de cozinha empilhadas dentro de uma gaveta. O roçar de umas sôbre as outras poderá tirar o corte de suas lâminas. Prefira, para isso, um suporte como o da ilustração.

FRESTAS NO ASSOALHO — As frestas no assoalho fecham-se com uma mistura de gêsso e tinta da côr do assoalho. Escolhendo bem a tinta, não se notará quase a rachadura.

PROTEJA SUA MESA — Proteja a sua mesa de jantar contra as manchas formadas por pratos muito quentes. Tenha um fôrro de feltro ou de lã grossa e coloque-o sempre por debaixo da toalha de mesa.

TALHERES DE PRATA — Para que os talheres de prata se conservem sempre livres de manchas, quando guardados, embrulhe-os em papel de sêda limpo. Nunca use para isso papel estampado, pois a tinta poderá deixar manchas no metal.

ORGANIZE SUAS RECEITAS — Se você gosta de experimentar receitas novas, guarde aquelas que costuma recortar de revistas e jornais numa pasta. À medida que fôr experimentando, copie as que aprovar num cartãozinho e arquive-as num fichário, em ordem alfabética, com suas observações pessoais sôbre a preparação das mesmas.

LARANJA OU TOMATE? — Se está à procura de um suco que contenha bastante vitamina, prefira o de laranja, que possui de meio e dois terços mais vitaminas C do que o tomate.



SUGESTÃO PARA O LAR

Tôda a decoração desta sala de estar converge para o móvel principal, um conjunto de televisão-rádio-eletrola e bar, executado em pau marfim, assim como a mesinha para o abajur e a prateleira suspensa, para livros, sôbre o divã. As duas poltronas, em madeira roliça mais escura, têm almofadas cinza-chumbo listradas de vermelho. O tapête também é cinza, porém mais claro.

O amplo divã é forrado de azul celeste, e montado sôbre jacarandá bem negro. Em plástico azul celeste é, também, o tampo da mezinha baixa, redonda, com pés cruzados, em ferro negro. Para as paredes escolheu-se o cinza pérola. A iluminação fluorescente foi embutida no ângulo da parede com o fôrro, por detrás de vidros curvos e foscos.

UM POUCO DE BELEZA

WEEK-END NA COZINHA





O «MAKE-UP» DOS OLHOS

★ Use um pouco de água morna para umedecer a pasta da «máscara» que vai aplicar nas pálpebras. Ela se espalhará mais uniformemente.

★ Se você tem olheiras muito acentuadas e muito escuras, passe um pouco de «sombra» nas pálpebras superiores. Disfarçará a imperfeição, chamando menos atenção sôbre a parte inferior, onde ficam as olheiras.

★ Se acha difícil aplicar de maneira sútil o lápis de sombrancelhas use, em lugar dêles, algumas pinceladas da «sombra» aplicada com a escovinha. Se você tem cabelos claros use, para isso, a sombra castanha. Se tem cabelos pretos, use a sombra negra.

★ As «estrêlas» de cinema estão usando um novo truque para a maquilagem dos olhos: uma leve pincelada com cosmético branco, nos cantos. Isso faz com que os olhos pareçam maiores.

FÔLHAS DE REPÔLHO RECHEADAS

Constituem iguaria predileta dos apreciadores de legumes com recheios. A receita de hoje poderá ser o prato principal de uma refeição, pois é nutritiva, e muito saborosa. Vejamos como preparar as fôlhas de repôlho recheadas:

1 — Misture numa tijela: meio quilo de carne crua, picadinha; uma colher, das de sopa, de caldo de carne; uma e meia xícara de arroz cru; duas colheres, das de chá, de sal; uma pitadinha de pimenta; dois tomates cortados em pedacinhos.

2 — Tire as fôlhas de um repôlho de tamanho grande. Escalde-as em água fervendo. Se as nervuras centrais das fôlhas são muito duras, tire-as com uma faquinha afiada. Coloque um punhado da mistura acima no centro de cada fôlha. Enrole cada fôlha cuidadosamente, prendendo as extremidades com um palito.

3 — Coloque os embrulhinhos de fôlhas de repôlho numa travessa que possa ir ao forno (de pirex, por exemplo), com a parte prêsa com palito para baixo. Junte água fervendo, até cobrir os rolinhos. Espalhe por cima suco de meio limão.

4 — Cubra a travessa, e asse em forno moderado, durante mais ou menos uma hora e meia.

NOTA — Em vez do suco de limão pode usar suco de tomate, diminuindo a água. A receita dá para seis porções.

★ ★

A beleza e os sapatos

● *Não me refiro à elegância dos sapatos, propriamente, porém à importância dos mesmos para sua beleza — de corpo e rosto. Muitas mulheres apresentam um rosto cansado porque usam sapatos que não lhes dão confôrto aos pés. Outras chegam até a caminhar deselegantemente, ou a manter o corpo mal aprumado, pelo mesmo motivo. Qualquer que seja o tamanho dos saltos que escolher, os sapatos que você usa devem assentar exatamente nos seus pés, ter solas flexíveis, e dar-lhe, ao caminhar, sensação de firmeza.*

Se você anda com passo firme e elástico, se pode caminhar depressa, ou durante muito tempo, sem sentir dores nos pés, ou nos dedos dos pés, é sinal de que pertence ao reduzido número de felizardas que sabem como calçar-se.

A maioria das pessoas sentem os pés inconfortáveis por causa dos sapatos, ou por terem pés doentes, com calos, calosidades, unhas encravadas, (que também são causados por sapatos mal escolhidos). Um pedicuro de confiança lhe dará os conselhos de que necessita para a compra de sapatos convenientes a seus pés.

Ao adquirir os seus sapatos, pense no seu confôrto, ao mesmo tempo que pensa na beleza de seus pés. Além disso, os modelos que assentam bem em outra mulher podem ser péssimos para você. Depois de uma caminhada longa, se sentir os pés cansados ou quentes, banhe-os com água quente, com um pouquinho de bicabornato. Depois enxugue-os com uma toalha macia, e faça uma aplicação em leve massagem, de óleo mineral. É um alívio delicioso para pés fatigados.





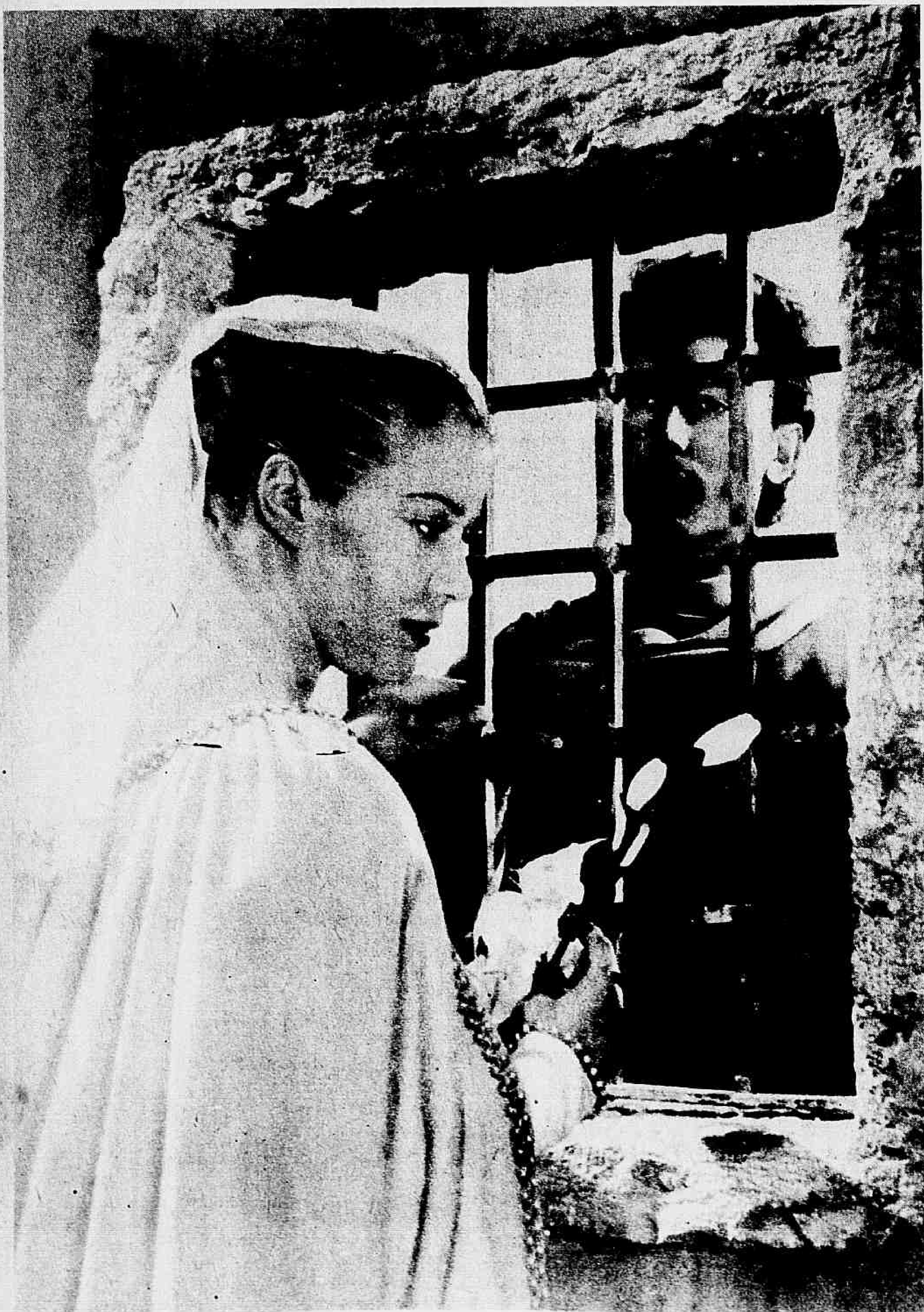
ANTIBES

Ou, se quiserem, as novas tendências do penteado masculino. Claude penteou o primeiro, René Fromont. O segundo é obra de Jean Hugo. Louis, é criação de Jo Ouvriard. Todos, sem dúvida, bastante modernos.



DANDY

Ou três variações sôbre um mesmo tema, interpretado por três dos melhores cabeleiros do mundo: Luc Traineau, Pierre Roeher e Jean Sanchez. O leitor escolha... Nossa opinião já está formada.



Por êsse Mundo de Deus

O AMOR ETERNO

Mais uma vez, nestes últimos séculos, eis uma Julieta de sucesso: Suzan Shentall. O Romeu, Laurence Harvey, foi assim classificado por ela: «Não é fácil imaginar que êle seja Romeu, é todo leite e açúcar». Ambos são grandes sucessos.



MICHEL SIMON

Enquanto roda em Villefranche «O estranho desejo do sr. Bard», Michel Simon, o grande ator francês, diverte-se beijando sua «partner», Genevieve Page. Aliás, ela não tem nada da «pin-up» querida dos norte-americanos...

Un
em
pa
igr
lut
igr



INCÊNDIO

Um terrível incêndio causou grandes estragos em Echallens. Atiçado pelo vento, o fogo propagou-se em quatro edifícios, atingindo até a igreja católica. Aí estão os bombeiros em obra, lutando nas ruínas de uma fazenda e de uma igreja, cujos sinos fundiram-se no braseiro.





MÃO NEGRA

Para quem não acredita em mistérios, eis um autêntico: tôdas as gerações da família Haanapel, da Holanda, há mais de um quarto de século que nascem marcadas pelo mesmo fenômeno: palma das mãos, seis meses após o nascimento, tornam-se escuras e inchadas.



MÚSICA

Carl Schuricht é um dos mais prestigiosos intérpretes de Beethoven. Ei-lo dirigindo a Nona Sinfonia no festival de Montreux, com a orquestra Nacional de Paris. Três executantes fazem parte da mesma, e Schuricht obtém um dos grandes sucessos de sua vida, segundo a crítica.

● Tenho mais boa vontade do que jaboticaba na jaboticabeira...

Tenho sim. Sou boa moça, simples, feliz. Gosto de novela, auditório de estação de rádio, samba e qualquer gelado, no frio ou no calor. Não sou de briga, mas gosto de fritar bolinho. Naturalmente tenho minhas opiniões a respeito das coisas. Tenho um prazer enorme de ser cabrocha, representante por isso mesmo da nossa intermediária racial. Êsse negócio de que não vai aqui, não vai ali, que chamam de complexo, eu não conheço. Vou onde quero, no dia que posso. Leio as revistas especializadas em rádio, as seções de buate, cinema, teatro, futebol ou ping-pong.

Meu nome é Jovita da Conceição. Quando me chamaram pra escrever as minhas observações, falei pra êles, tudo isso que estou dizendo a vocês. Não crio caso nos auditórios. Sou Flamengo. Por isso sou fã, mas não sou renitente. Gosto como já disse de samba, vai daí, gostar de todo mundo que canta samba ou faz samba. Estarei aqui à disposição dos cantores e compositores no masculino e feminino também. Não tô cum idéa de fazer discoteca, porque tenho rádio, mas não tenho vitrola. Recebo o disco, escuto e depois pode passar na redação pra apanhar porque eu devolvo.

E porque assim ficamos entendidos, um abração grande, desta que será de vocês, amiga sempre disposta a uma papagaiada sem bronca.

JOVITA DA CONCEIÇÃO



Marion



Grande Otelo



Mara Abrantes

ENCONTREI-ME com o Luís Vieira, muito safo e cheio de gíria que êle diz que é do norte, mas não acredito, porque nunca ouvi tais coisas do Antônio Maria, aquêle moço gordo do norte. Muito bem. O Luís Vieira, debaixo da chuvinha fina, falou, contou que vai voltar pra Tupi, que nestes quinze dias estará de Pinaça na rua em ritmo de toada, e lá foi s'imbora de verão com um frio danado. Êste Luís Vieira pra mim é doido...

●

O GILBERTO MILFONT tá danado aí num disco do Rubens Silva, com o Raul Sampaio. É um tal de «amigo do peito vamos deixar a mulher sem compromisso» e não sei o que mais. Conheço uma crioula que se prestar atenção na letra não vai gostar...

●

ORA VEJAM SÓ. Aqui a Jovita sem bronca, era menina de vestido curto, quando a Aurinha Brito cantava «Os meus olhos são teus» de autoria de José Fernandes, que depois virou Peterpan. Tá boa a gravação. Será que agora a moça vai vender disco assim como vendeu a Chiquinha Bacana? Tomara, gosto muito da favorita da Marinha!

●

TACARAM a ripa no Grande Otelo, quando o rapaz resolveu que queria ser vereador. Por quê? Dentro da vida que o moço vive, êle é um autêntico ministro da alegria, com uma organização de fazer rir e chorar que faz inveja a qualquer homem dêstes chamados de Estado. Não é fácil fazer rir essa humanidade medrosa de hoje em dia...

●

O ARI BARROSO faz muito mal de andar assanhando as cabrochas da Jupira, que estão lá no Carlos Gomes. Vai bater noutra freguesia, conterrâneo!

●

A COLORED Mara Abrantes emagreceu, anda confusa, não sabe mais se é «crooner», se é artista-vedeta, ou que diabo ela é. Sabe que aparece nas revistas e que tem um contrato com o produtor Carlos Machado. Mais nada.

●

A MOÇA Carmen Déa foi contratada lá pra buate Casablanca. O que é que ela vai fazer?

●

O TCB tá no Rio. A Jovita ainda não viu a Cacilda, viu só a Cleide Yaconis quando saía lá do Carlos Gomes. Será que a Cacilda ainda se lembra da Jovita?

●

FUI LÁ VER o filme do velho Lulu de Barros. Gostei. A Jovita gosta de tudo, sabe, moço. Meteram a ripa na fita do velho. Xingaram o Ribeiro Jr. Mas o caso é que o negócio deu dinheirinho e o dinheirinho é o que resolve. A gente não pode tá fazendo Cangaceiro todos os dias, e depois a tal de Vera Cruz já deu o prego por causa disso mesmo, não foi?

MANCOU!

"Os meus olhos são teus" — samba
Emilinha Borba — intérprete.
Peterpan — autor.

NÃO MANCOU!

"Mãos vazias" — samba.
Carmen Déa — intérprete.

VAI MANCAR!

"Vida vazia" — samba.
Dircinha Batista — intérprete.
Herivelto Martins — Grande Otelo — autores.
R. C. A. Victor — gravadora.

PEDRAS PARADAS

Na arte, não sei por que, tem gente que fica pra trás. Arte que a Jovita entende é rádio, teatro, cinema, buate, televisão, circo, pavilhão e até parque de diversões, tá bom? O Grande Otelo: deram por paus e por pedras com o rapaz. Vieram os entendidos, fizeram programas de rádio com o moço e não acertaram a mão. O rapaz se desgostou, parece, chamaram o Otelo de indisciplinado, porque não quis fazer rádio em série e não quiseram mais nada.

A Marion, aquela que parece com a Carmen Miranda, cadê? Sumiu, pràticamente. A gente vê a cara dela nas revistas e é só. Tá vivendo, é lógico. Mas o nome não há meio de pegar luminoso, nem nada.

Vem Angela Maria, vai Angela Maria. Vem Nora Ney, vai Nora Ney. E a Marion, aquela que parece com a Carmen, neca. É incrível, gente, como essas coisas acontecem.

Aqui a Jovita acha que essa gente não tem «peito» de Carmen Costa, pra começar de novo e torcer a sorte.

A Heleninha Costa é outra que se acomodou. A Jovita acha que êsse negócio de arte não é funcionalismo público.

O negócio é se virar! Vou voltar a conversar sôbre isso qualquer hora dessas.



Zé e Zilda

DÓI...

Dói, sim. A morte de um amigo. A Jovita está viva e triste. Foram três, assim de enfiada. O Evaldo Ruy... o Vitório Lattari e mais o Zé da Zilda.

Dos três, sem desmerecer nenhum, aquêle que mais deixou saudades na Jovita foi o Zé da Zilda. A Jovita gostava da luta do Zé. Ficava contente com uma vitória daquela dupla espalhada, agressiva e sentimental. A última vez que a Jovita estêve com a dupla foi na festa daquele jornal que fechou, por fôrça de pesos e medidas diferentes...

Comadre Zilda, viva, dizendo palavrões simpáticos e compadre Zé, trabalhoso e persistente...

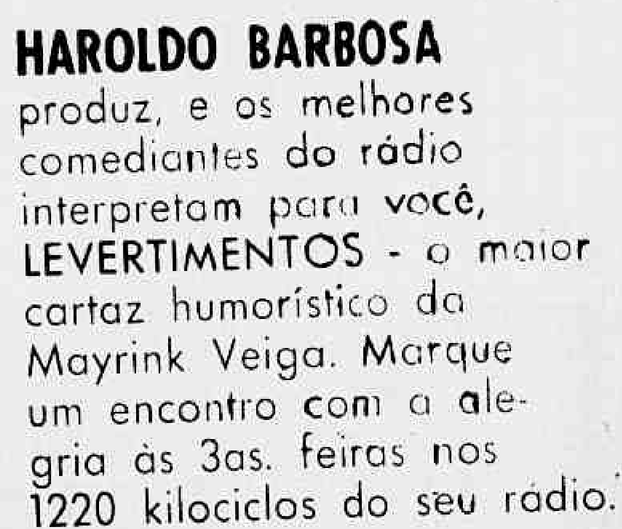
Adeus, Evaldo Espana Lua...

Adeus, Vitório Pé Podre...

Leva também da Jovita um adeus sentido, Zé com Fome, também chamado Zé da Zilda e que foi o eleitor José Gonçalves. Adeus...

Êstes são os "donos" da Alegria

Divirta-se com êles!



HAROLDO BARBOSA produz, e os melhores comediantes do rádio interpretam para você, LEVERTIMENTOS - o maior cartaz humorístico da Mayrink Veiga. Marque um encontro com a alegria às 3as. feiras nos 1220 kilociclos do seu rádio.

HAROLDO BARBOSA o melhor produtor de 1953



ZÉ TRINDADE o melhor comediante, graças ao exclusivo "frichilin"

3as feiras às 20,30





EMA D'AVILA vivendo uma vida sem dificuldades como deve viver "uma mulher de verdade"

GERMANO criador dos tipos mais divertidos



ANTONIO CARLOS O homem que não tem problemas, porque é "o mais feliz do mundo"

Não perca

LEVER-TIMENTOS

O MAIOR CARTAZ HUMORÍSTICO DA **Mayrink**

UMA OFERTA **LEVER**

LINTAS-LTS-SR 20

COMO RECEBEU A SUA DERROTA?

PASQUALINI, O SINCERO: "A DERROTA ME LIBERTOU DE CERTOS COMPROMISSOS..."


BARRETO PINTO


ASSIS CHATEAUBRIAND


BENEDITO MERGULHÃO


VIEIRA LINS

O assunto dominante é ainda o pleito de 3 de outubro, em face de alguns resultados surpreendentes. Muita gente que se considerava reeleita para o Monroe ou o Palácio Tiradentes, foi derrotada por competidores em os quais os observadores políticos não depositavam grandes esperanças. Portanto, como seqüência da reportagem que publicamos na edição anterior, voltamos a focalizar os grandes derrotados (no âmbito federal), fazendo-lhes a pergunta: «Como recebeu a sua derrota?» Como os leitores verão a seguir, a grande maioria mostra-se resignada diante da fuga da vitória, ao passo que outros prometem lutar ainda para obter o cargo eletivo pleiteado com tanto ardor e certeza de vitória.

★

O primeiro a ser ouvido pela reportagem foi o magnífico reitor da Universidade do Brasil, prof. Pedro Calmon que travou um duelo com o sr. Antônio Balbino pela posse do govêrno baiano. Disse-nos êle:

— Recebi a derrota agradecendo aos que votaram em mim; sem ressentimento dos que me negaram êste apoio; contente de ter cumprido, sem medir sacrifícios, o meu dever, todo o meu dever.

★

Já o deputado Barreto Pinto, que concorreu à reeleição pelo PTB, não parece conformado com a derrota. Quando o repórter o procurou, exclamou com ar de poucos amigos:

— Estou aposentado!

— Então abandonou a política definitivamente? — quisemos saber.

— Estou aposentado, já disse! E foi-se embora...

★

Em face do lançamento da candidatura Simões Filho à última hora, o deputado Hélio Cabral viu fugir a oportunidade de ser eleito senador pela Bahia. Como teria recebido a derrota?

— Recebi o pronunciamento das urnas com inteira conformidade (declarou o candidato do PR). Na democracia pleiteia-se o voto dos seus concidadãos admitindo-se tanto a vitória quanto a derrota. Deve-se receber o êxito com humildade e o malôgro com serenidade, procurando extrair do primeiro a noção dos deveres que incumbe ao parlamentar cumprir para honrar o seu mandato. Quando se perde, deve-se procurar extrair dos fatos tôda a lição que êles possam encerrar e, se persistir em sua consciência a convicção de uma legítima vocação pública, dever-se-á então colhêr todos os ensinamentos da derrota para voltar a pleitear do povo, segundo os esclarecimentos que o fato possa admitir. Não guardo nenhum ressentimento de meus competidores, nem mágoa do eleitorado. Se algum sentimento se apodera de mim neste instante, é o de gratidão e reconhecimento àqueles que no meu glorioso Estado sufragaram o meu nome para o alto pôsto de senador da República.

★

O deputado Vieira Lins, líder do PTB na Câmara Federal, que não teve sucesso ao tentar eleger-se para a Assembléia Legislativa do Paraná, afirmou receber a derrota como a coisa mais normal do mundo em política. Depois acrescentou:

— Não fui eleito por causa de uma série de acontecimentos, um dos quais foi o de eu não ter querido explorar o cadáver do presidente Vargas. Minha opinião é que se deve fazer política em benefício dos outros e não da gente.

★

Candidatando-se ao govêrno do Espírito Santo, pela coligação UDN-PSD, o deputado Eurico Sales não conseguiu sobrepujar seu competidor. Apesar disso, afirmou:

— Recebi a derrota com a naturalidade da minha formação democrática. Não estou descrente da política, pois o insucesso não me abateu o ânimo.

Outro que não logrou a reeleição foi o deputado Rui Ramos, do PTB gaúcho. Parecendo conformado com o resultado adverso, declarou ao repórter:

— A minha filosofia da vida é orientada dentro desta máxima: o homem não deve ficar muito triste quando perde nem muito alegre quando ganha, porque às vêzes a vitória é uma derrota e vice-versa. Por isso, recebi o insucesso com naturalidade.

★

O senador Assis Chateaubriand é um homem difícil de ser abordado, já que está sempre demasiadamente ocupado. Entretanto, numa de suas fugidas à sala do café do Monroe, o repórter lançou-lhe a pergunta:

— Como recebeu a derrota, senador?

Êle sorveu um gole de café com uma ligeireza incrível e respondeu bem humorado:

— Não chegou a haver derrota, pròpriamente...

A resposta intrigou-nos. Com a pulga atrás da orelha, quisemos saber o porque da afirmativa do candidato do PSD paraibano à Câmara Alta. Êle, porém, partiu rápido em direção ao plenário. Depois, conseguimos saber, por intermédio de dois senadores que tinham assistido à nossa breve palestra, que o sr. Assis Chateaubriand deverá voltar ao Senado graças à renúncia do sr. Antônio Bayma (do PSD do Maranhão) juntamente com o seu suplente. Para preencher a vaga que seria aberta, o senador Assis Chateaubriand contaria com o decisivo apoio do senador Vitorino Freire. Portanto, o dirigente dos Associados já se pode considerar no Monroe novamente.

★

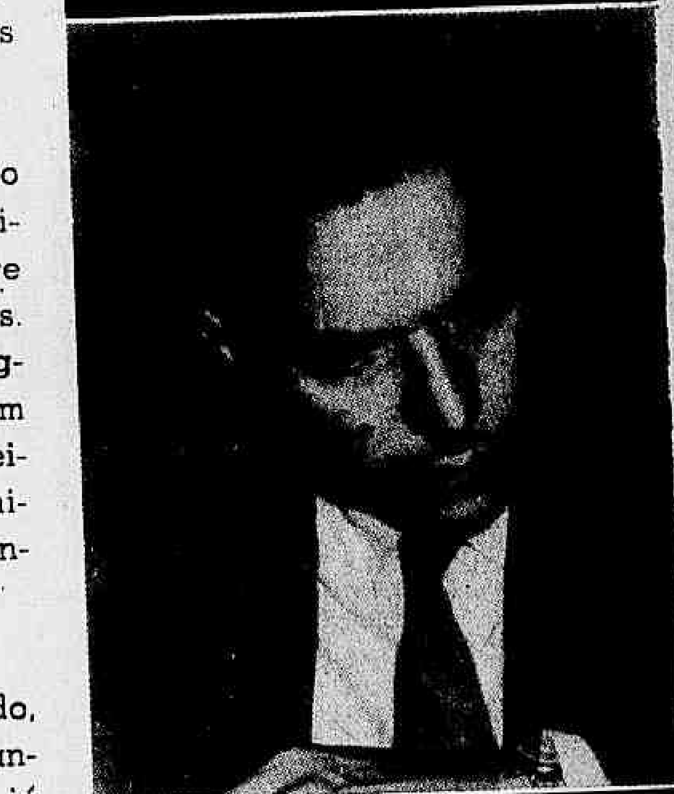
Apesar de ser o cerra-fila dos candidatos ao govêrno do Rio Grande do Sul, o deputado Brochado da Rocha regressou dos seus pagos vendendo bom humor. Uns dizem que êle assim se encontra devido ao fato de ter derrotado o

BARRETO PINTO CONSIDERA-SE APOSENTADO, BARBOSA LIMA SOBRINHO ESCREVERÁ MENOS DISCURSOS E MAIS LIVROS, MERGULHÃO NÃO DISCUTE COM O POVO, VIEIRA LINS NÃO QUIS EXPLORAR O CADÁVER. ★ ENQUANTO CHATEAUBRIAND NÃO SE CONFESSOU DERROTADO, E SAIU:

Reportagem de MILTON SALLES


PEDRO CALMON


EUCLIDES VEIRA


BRENO DA SILVEIRA


EURICO SALES

sr. Jango Goulart, que se intitulava o herdeiro político do falecido presidente Vargas. Inquirido pela reportagem, o deputado Brochado da Rocha disse:

— Tenho da vitória o mesmo conceito que se tem dêste têrmo na vida militar: vencem os que cumpriram sua missão. Eu cumpri a minha, portanto não me considero derrotado.

A missão do candidato do PSP teria sido derrotar o sr. Jango Goulart? Êle não respondeu, mas nós acreditamos que sim.

★

O senador (do PSP) Euclides Vieira recebeu o insucesso com verdadeira surprêsa, explicando:

— Ainda no dia 22, pela manhã, eu estava com 26.400 votos na frente de um dos candidatos. No dia seguinte fui surpreendido com a notícia de que fôra derrotado por apenas 1.404 votos.

Fêz uma pausa e acrescentou:

— Não me conformo com os resultados divulgados pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo e vou pedir recontagem dos votos.

★

O escritor Homero Homem foi franco, quando respondeu à pergunta que lhe fizemos:

— Encaro minha derrota sem surprêsa. Minha candidatura não tinha sentido eleitoral: tinha sentido político. O Partido Socialista, ao qual pertenço há mais de cinco anos, me pediu o nome emprestado para «marcar» a chapa, a exemplo do que fêz com o do saudoso Roquete Pinto e outros. Gastei do meu bôlso 2.700 cruzeiros. As cédulas foram doadas. Um desconhecido levou à sede do Partido uma nota de mil cruzeiros e lá a deixou num envelope em meu nome. Rubem Braga me presenteou com uma crônica eleitoral, Eneida com outra, Joel Silveira com um «Ping-Pong». Nisso se resumiu minha «campanha». Como não estar satisfeito com os resultados? Sou, dentro do meu partido, no momento em que lhe dou esta resposta, o 5º votado na chapa de deputados. Êsse resultado, na UDN ou no PTB significaria uma cadeira na Câmara por 4 anos. No meu, partido limpo, pequeno, honesto (por isso mesmo de legenda fraca) êsse resultado não tem efeito prático. Mas sinto-me inteiramente compensado: ajudei meu partido e lutei dentro de um orçamento íntimo por uma causa imensa e justa: a socialista.

★

O sr. Barbosa Lima Sobrinho, ex-governador pernambucano e membro da Academia Brasileira de Letras, não foi feliz na tentativa de ganhar uma senatória por Pernambuco. Candidato do PTB, foi o último colocado entre os quatro concorrentes.

— Mas recebi a derrota esportivamente — declarou — porque não altera em nada a minha vida e significa apenas menos discursos e mais livros.

★

Outro que declarou ter recebido o insucesso esportivamente foi o deputado Benedito Mergulhão, do PSD carioca.

— Por que, deputado?

— Se o povo não quis, pra que discutir com o povo? O povo sabe o que faz, meu caro...

O senador Alberto Pasqualini que, como candidato do PTB, perdeu as eleições (govêrno do Rio Grande do Sul) para o sr. Ildo Meneghetti, foi sincero demais quando respondeu à indagação do repórter.

— Recebi a derrota com muita satisfação, pois assim me libertei de certos compromissos.

Entretanto, momentos depois, talvez refletindo melhor, disse:

— Não escreva isso. Estou brincando. Diga que encarei o insucesso com o espírito perfeitamente tranqüilo, como democrata que sou.

— E daqui a 4 anos, senador?

— Acredito que não tentarei a governança gaúcha.

★

Apesar da grande diferença que o separa do seu competidor (Miguel Couto Filho, candidato governista à sucessão fluminense), o senador Pereira Pinto ainda achava cedo para falar em derrota.

— Procure-me depois que os recursos que dirigimos ao Tribunal Eleitoral do Estado do Rio forem solucionados. Aí, então, poderei responder à sua pergunta.

O candidato da coligação UDN-PSD ainda alimentava esperanças de ir para o Ingá... Depois...

★

Um que os observadores consideravam ter a reeleição garantida era o deputado Breno da Silveira, candidato do PSB. Como teria êle recebido a derrota?

— Da maneira mais otimista (respondeu), pois recebi oitenta por cento da votação do meu partido, o que reflete o magnífico apoio que merece do povo. Se eu fôsse candidato da Aliança Popular, da qual fui um dos fundadores, estaria eleito com um pé nas costas, como se diz na gíria.

Fêz uma pausa e acrescentou:

— Infelizmente, o que houve no Rio não foi pròpriamente uma eleição. Foi mais uma disputa entre Carlos Lacerda e Lutero Vargas. Por isso, acho que sobrei com dignidade, já que concorri por um partido pequeno. Não tenho queixas do eleitorado. Volto para a minha clínica médica com a consciência tranqüila.

★

Como o eleitor dever ter notado, faltaram alguns nomes. O de Jango Goulart, por exemplo, que já se considerava senador pelo Rio Grande do Sul e que, por isso mesmo, foi o grande derrotado de 3 de outubro. Ou o de João Cleofas, que perdeu a governança de Pernambuco; ou o do senador Pinto Aleixo, que não foi reeleito na Bahia; ou, ainda o do deputado Artur Santos, presidente da UDN, que disputou a senatória do Paraná, numa esdrúxula combinação com o PTB, e foi fragorosamente derrotado, tal como aconteceu (no mesmo Estado) com o deputado petebista Paraílio Borba. Mas acontece que a grande maioria estava ainda em seus Estados acompanhando a apuração do pleito mais empolgante dos últimos tempos, dadas as características que o cercaram.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO



TEM CASPA?
Caem os Cabelos?
JUVENTUDE
ALEXANDRE
ELIMINA A CASPA
Evita a Quéda

PUXE PELO CÉREBRO...

RESPOSTAS: 1 — 106; 2 — XII; 3 — 100 anos; 4 — Júpiter; 5 — A tartaruga; 6 — Em 1859; 7 — O Venturoso; 8 — Pomona; 9 — Na China; 10 — Confúcio; 11 — Rio Grande do Norte; 12 — Mantua; 13 — Florença; 14 — Luis XI; 15 — Florença.

ALÔ!... ALÔ... CONSUMIDORES DO "ÓLEO DE CEDRO" – O melhor para os móveis



Comecem a guardar o maior número possível de vidros vazios do "ÓLEO DE CEDRO".
Dentro de algum tempo, será lançado o mais sensacional Concurso: com distribuição de 33 prêmios, em Auditório. Cada vidro dará direito a uma participação. Prêmios de Cr$ 50,00, Cr$ 100,00, Cr$ 200,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00 e Cr$ 5.000,00.
No Concurso não poderá deixar de sair todos os prêmios. Tudo será feito às vistas do participante, de maneira a mais original.
Aguardem o sensacional Concurso do "ÓLEO DE CEDRO", o melhor para os móveis.
Com antecedência serão dadas as bases do Concurso. Entretanto, terá mais possibilidade quem tiver maior número de vidros vazios.
Algum dia a senhora dirá: — Concurso igual a êste nunca se viu!...

"ÓLEO DE CEDRO" – O melhor para os móveis

CORREIO DA REVISTA

Recebemos do sr. ministro Elmano Cruz a seguinte carta:

Rio, 19 de outubro de 1954.

Exmo. sr. diretor da Revista da Semana

Nesta.

Publicou a Revista da Semana, em dias do mês de setembro, uma notícia referente à investidura do acadêmico Peregrino Júnior no cargo de Conselheiro do Conselho Nacional de Desportos, notícia essa que por não coincidir com a verdade dos fatos, venho pedir mande retificar com a maior urgência.

Quando autorizado pelo Presidente Café Filho a me entender com o Ministro da Educação, Cândido Mota Filho, para a reorganização do Conselho Nacional de Desportos, e ainda autorizado por êste último, me dirigi ao diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que por uma felicíssima coincidência é o elegante cronista Peregrino Júnior, fi-lo visando convidar para integrar o Conselho o diretor da única Escola Nacional de Educação Física.

Ao receber o meu convite, Peregrino Júnior relutou em aceitá-lo, dizendo que melhor seria convocar a Congregação, para que esta indicasse um representante da Escola à nomeação. Ponderei-lhe que não; insisti; êle relutou e afinal coloquei o problema em têrmos tais que êle veio a concordar com a nomeação a ser feita em breve prazo, como de fato o foi.

Do que acabo de expor, vê você que longe de aceitar a honrosa nomeação logo ao primeiro convite, Peregrino Júnior insistiu na recusa e só cedeu quando eu lhe fiz ver que, a rigor, o diretor da Escola Nacional de Educação Física deveria ser membro nato do Conselho e o Brasil tinha a felecidade de saber que aquêle diretor, no momento, era êle, Peregrino Júnior. Daí a nomeação e o exercício em que se encontra o C.N.D. Tudo o mais que se disser em tôrno do assunto é invencionice e a Revista da Semana gostará, por certo, de pôr os pontos nos ii.

Com um abraço do **Elmano Cruz.**

FÃ — (Belo Horizonte) — «... Ela dormia oculta nas espumas...» Obrigado pelo seu sonêto, «Miss Brasil», mas infelizmente esta revista não publica poesia.

AMBRÓSIO MORETTO — (Curitiba) — «... Viemos pedir-lhes para não publicar figuras de mulheres indecentemente vestidas, crimes ou artigos pornográficos». Agradecemos a sugestão, se bem que seja esta, de há muito, a diretriz desta revista.

J. M. ANDRADE SOBRINHO — (Rio) — A fim de orientar nossos leitores, publicamos abaixo sua carta na íntegra:

Sr. Redator. Tivemos oportunidade de ler em um tópico do «Flash Carioca» de Paulo Andrade Lima, sob o título DESÍDIA, no número desta revista de 18 de setembro p.p., que:

> «a Central do Brasil há muito tempo que não devolve os vagões da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, impedindo desta forma o escoamento da produção agrícola».

Apressamo-nos em fornecer a V.S. elementos básicos para sua melhor apreciação sôbre o assunto.

A Central do Brasil, embora com um número de vagões inferior ao disponível há 5 ou 10 anos passados, por falta de aquisições recentes, está presentemente executando o maior transporte jamais realizado em tôda a sua existência, o que, evidentemente, só tem conseguido graças à adoção de medidas especiais e à boa marcha dos vagões de outras estradas de S. Paulo que penetram em nossas linhas, de acôrdo com um convênio que vigora há mais de 20 anos.

Para confirmar essa nossa assertiva, diremos apenas que, entre os dias 1 e 23 do corrente, entraram na Central 2.126 vagões da E.F. Santos a Jundiaí e da Cia. Paulista, sendo devolvidos, nesse mesmo período, àquelas estradas, 2.183 vagões, com um saldo, portanto, de 57 devolvidos a maior nesse período.

E' curioso notar ainda que, em sua maioria, êsses vagões são justamente da Companhia Paulista, citada no referido tópico, podendo a Central registrar uma média diária de 92 vagões recebidos em tráfego mútuo contra 95 devolvidos, o que demonstra que não levaram a essa redação uma informação perfeita sôbre a matéria.

Agradecendo a acolhida que certamente terá êste nosso oportuno esclarecimento, esperamos que V.S. nos faça justiça amenizando, se possível, em publicação a seu critério, o juízo impreciso que involuntàriamente deve ter feito acêrca do nosso serviço.

Mui atenciòsamente.

J. M. Andrade Sobrinho, Chefe do Depto. Relações Públicas.

BENIL DOS SANTOS — (Rio) — «... Seja desmentida a publicação do texto em que citava o nome do ilustre deputado como funcionário da Fundação Rádio Mauá».

Apressamo-nos a esclarecer ao público que realmente o sr. Azir Maron nada tem a ver com a Rádio Mauá.

"INIMIGOS ÍNTIMOS"

PELO T. B. C. NO GINÁSTICO

INTERINO

● Depois de solicitar as faculdades intelectuais do público carioca, com a erística angustiante de «Assim é, se lhe parece», de Pirandello, e a piedosa dialética, um pouco sofisticada, de «Antígona», de Anouilh, o Teatro Brasileiro de Comédia, que de São Paulo trouxe para o Rio sua hábil política de manter o pé em dois estribos, resolveu conceder-lhe um estimulante colagogo, com a apresentação de uma típica comédia «boulevardière». Espetáculo destinado, portanto, a provocar e pôr em movimento o mecanismo do riso. Mas há mil modos de fazer rir: o de Aristófanes em nada se parece com o de Feydeau nem o de Goldoni co mo de Sacha Guitry. Em «Inimigos Íntimos», Barrilet e Grédy acharam um modo próprio, não inteiramente desprovido de originalidade: o de colhêr os aspectos mais corriqueiros e cotidianos da linguagem que poderiam usar, em suas relações, três banalíssimos casais da média burguesia francesa, acentuando-lhes essa característica com um leve toque caricatural, que a mostra ao vivo e lhe confere um sabor de coisa nova, como de descoberta, salpicada aqui e ali de malícia bem parisiense. Obra construída fundamentalmente em função do diálogo, com escassa carpintaria teatral e ação pràticamente inexistente e, à primeira vista, ao menos, destinada a viver em cena na medida em que suas falas consigam constituir, pelo seu próprio e muito estudado tom comezinho, divertida revelação para o público, a comédia apresenta, entretanto, na personagem da protagonista, uma figura que não pode anular-se sem mais aquela na iconografia municipal da «pochade» parisiense. Nessa Ivone egocêntrica e voluntariosa, que faz do marido gato-sapato, que cultiva as amizades apenas como forma de fazer alarde da sua importância e superioridade, pronta para desfazê-la de acôrdo com as necessidades do seu exclusivismo, que combina o casamento de um amigo de infância com uma moça provinciana, na única idéia de que ambos se deixem em tudo e por tudo guiar por ela, mas que não hesita em pô-lo a pique de malograr-se, atirando ao fogo seu próprio marido, quando percebe que o jovem casal escapa à sua dominação, há como que o esbôço de um «caráter», através de traços, levíssimos embora, de vivo desenho; e não importa que a matéria para a pintura sejam lantejoulas sôbre um fundo também de lantejoulas: a figura tem contornos cênicos visíveis e é o elemento determinante das situações, que de outro lado visam apenas mostrar-lhe as facêtas.

Na interpretação do elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, que forneceu brilhante prova da sua versatilidade, a comédia descarregou sôbre o público todo o seu potencial de comicidade: ritmo preciso, falas valorizadíssimas, movimentação cênica perfeita. Sobressai, pelos encargos que lhe atribui o próprio texto, a agilidade nervosa e inteligente de Cacilda Becker, num papel que lhe permite revelar sua plena maturidade artística, que não conhece limites de gêneros; mas a verdade é que não haveria nomes a destacar: Paulo Autran, Célia Biar, Fredi Kleemann, Carlos Vergueiro e, até, a novata Célia Helena, todos se houveram como intérpretes de classe, em absoluta sintonia com os respectivos papéis, num tipo de peça em que fôra demasiado fácil descambar para a chanchada, por exagêro, ou criar uma sensação de monotonia, por excessivo comedimento ou indiferença.

DIVERSAS



A COMPANHIA Dulcina - Odilon anuncia a estréia de «Figueira do Inferno», um novo original do mais representado dos autores nacionais, Joracy Camargo (clichê acima). A obra, em seis quadros, versa sôbre os dramas da inseminação artificial, êsse diabólico achado da ciência moderna. A pré-estréia está marcada para o dia 5 do corrente mês, com a presença do sr. presidente da República, dos ministros da Saúde e da Educação, sociólogos, pedagogos, juristas, a fim de estabelecer-se um amplo e fecundo debate sôbre o tema. Aqui têm as fãs um retrato, atual, do autor.

GABRIEL D'ANNUNZIO, certa vez, ventilou a idéia de se construir, na Itália já rica de antigos teatros gregos e romanos, um teatro ao ar livre, dedicado à renascença da tragédia grega; deveria êle surgir nas margens do lago de Albano, perto de Roma, «por entre as oliveiras e os vinhedos». Os tempos, porém, eram bicudos para os poetas e o tal teatro não chegou a viver, sequer, em planta de arquiteto. Os tempos, valha a verdade, continuam bicudos para os poetas; entretanto, não mais para os industriais, em nossos dias de industrialização geral a toque de caixa. E, assim, pôde um rico industrial italiano mandar construir em Veneza, na ilha de San Giorgio Maggiore, bem atrás da igreja que dá seu nome à ilha, um teatro ao ar livre, com belos canteiros de luxo entre as filas das arquibancadas e esbeltos ciprestes ao fundo. O novo teatro foi inaugurado no mês passado, por ocasião do Festival Teatral veneziano, com um auto sacramental, «Ressurreição e vida», direção de Orazio Costa, coreografia de Massine, músicas de Gabrielli e Monteverdi num arranjo de Mortari, ao qual se seguiram «Arianna», de Benedetto Marcello, «Le baruffe chiozzotte», de Goldoni, e alguns espetáculos da companhia do Teatro Imperial de Tóquio.



Valderez Silva Ramos, aluna do professor Murilo de Carvalho, que realizou aplaudido recital de canto na Escola Nacional de Música.

ISABEL MOURÃO, PIANISTA

Mais uma brasileira na primeira fila daquela legião feminina que, nos últimos decênios, leva avante vigorosa investida contra as tradicionais posições masculinas diante do piano. Isabel Mourão, que a Associação Brasileira de Concertos apresentou no Municipal, possui todos os trunfos para se alçar à categoria das grandes vedetas do teclado: técnica segura e límpida, inegável talento e gôsto, que se revela na própria escolha do programa, robustez digna de um marmanjo, nos momentos necessários, aliada, em outros momentos, a agradável e bem feminina suavidade de toque; e uma espantosa tendência para não se deixar impressionar pelas mais incríveis dificuldades, como as que Brahms, por exemplo, andou semeando ao longo das Variações sôbre um tema de Paganini (II caderno). Tôdas as vantagens, enfim, de uma jovem de bem desenvolvida disposição pianística; mas, também, algumas desvantagens decorrentes da sua própria mocidade. Falta-lhe, por vêzes, uma procura mais aprofundada da expressão, que se manifesta num certo pendor para sacrificar andamentos e estruturas às demonstrações do domínio técnico (como se observou, notadamente, na Chaconne de Bach-Busoni) ou na obediência a cânones interpretativos impessoais. Mas pensamos que essas falhas possam ser corrigidas à medida que a pianista sentir a necessidade de mostrar o seu passaporte, no que tange ao ano de nascimento, a um número cada vez menor de pessoas.

LÍGIA M. LESSA BASTOS
TRÊS VÊZES VEREADORA:



O TEMPO DA ORATÓRIA BOMBÁSTICA



— Combati a incapacidade administrativa de Mendes de Morais.



— E também a aprovação do contrato com a Telefônica.



— Sou favorável à elevação dos vencimentos do magistério primário.

Favorável à elevação dos vencimentos do magistério primário. ★ A função do lar não é prejudicada pelo exercício de empregos femininos, há tempo para tudo. ★ Prejudicado o ensino no Brasil pelo excessivo teorismo. Precisamos de mais laboratórios.

Reportagem de SÉRGIO SILVEIRA

LÍGIA Maria Lessa Bastos foi a mais dinâmica das representantes udenistas durante a semana de expectativa que sucedeu ao dia das eleições. Não faltou um só momento ao Maracanã. Parecia mais magra, talvez esgotada pelo cansaço da fiscalização e contagem dos votos. Faltava abrir poucas urnas; ela continuava, entretanto, firme, dando ordens, apaziguando discussões, lutando para vencer. Fisionomia abatida, não demonstrava em suas atitudes o menor sinal de fraqueza. O repórter aproximou-se de mansinho, esperou que notassem a sua presença, congratulou-se com a vereadora pela sua terceira vitória consecutiva, levou a conversa para o terreno social, tendo, só então, oportunidade de arriscar a primeira pergunta, a primeira da série que havia preparado, visando embaraçar a «candidata das normalistas»:

— Por que êsse interêsse em defender as alunas do Instituto de Educação?

A resposta foi rápida, como se há muito estivesse estudada:

— «As futuras professôras do Instituto de Educação, não carecem de defesa permanente e eu só as tenho defendido quando alguma autoridade atrabiliária tem procurado lesar os seus direitos.

Se a pergunta se refere, porém, de modo especial, ao aproveitamento exclusivo das normalistas egressas dos cursos de formação de professôras do Instituto de Educação, reafirmarei que neste ponto sou intransigente, por várias razões que não seriam difíceis de enumerar...»

Vendo ser êsse o nosso desejo, a vereadora completou:

— «A estatística provou serem excelentes os métodos e processos de ensino primário empregados no Distrito Federal, tanto assim que esta unidade da Federação é aquela na qual é menor a percentagem de analfabetos, não obstante o constante afluxo de correntes emigratórias, originadas do interior de vários Estados.

Representa, pois, uma imprudência quebrar a unidade e a homogeneidade do ensino primário nesta Capital.

Compreende-se perfeitamente que vários Estados do Brasil, talvez até mesmo todos êles, tenham necessidade de manter vários Institutos de Educação ou Escolas Normais, dada a vastidão territorial dos mesmos.

Compreende-se também que o menor Estado do Brasil, que é Sergipe, mantenha, em 21.552 quilômetros quadrados, três ou quatro cursos de formação de professôras primárias, mas o Distrito Federal, com apenas 1.167 quilômetros quadrados, não sente tal necessidade pois deve manter a unidade e homogeneidade do ensino.

Não importa que a população escolar do Distrito Federal seja muito maior do que a de Sergipe. A prática de longos anos já provou ser suficiente a manutenção de um único curso normal, tanto assim que de 1919 a 1925, várias turmas de professôres diplomados ficaram à espera de nomeação por falta de vaga. Agora mesmo, dada a lentidão com que estão sendo construídos os prédios escolares, já estamos na iminência de uma crise, por excesso de professôres diplomados, sem vagas para nomeação».

E continuou:

— «Quem comparar a aparelhagem pedagógica do Instituto de Educação com as dos estabelecimentos particulares de ensino que mantêm cursos normais, chegará à conclusão de que o ensino normal particular é deficientíssimo. Existem mesmo alguns ginásios e Colégios particulares que não satisfazem às exigências mínimas estipuladas pelo Ministério de Educação. Aliás, a própria Escola Normal Carmela Dutra, conforme já demonstrei em vários pareceres, não pode ser comparada com o Instituto de Educação e por isso mesmo, sempre manifestei opinião de que êste educandário deve ser transformado em Colégio e suas alunas, do curso normal, transferidas para o Instituto».

Fêz uma pausa para concluir:

— «Ninguém pode negar ao Estado o direito de regular o ingresso no magistério primário de acôrdo com as necessidades do ensino, empregando o processo seletivo que melhor convenha, uma vez que seja respeitada a Constituição Federal que prescreve o princípio geral de que «os cargos públicos devem ser acessíveis a todos os brasileiros, observados os requisitos que a lei estabelecer».

Ora, a matrícula no curso de formação de professôres do Instituto de Educação não é efetuada mediante concurso a que podem concorrer candidatas oriundas de qualquer estabelecimento de ensino secundário?

Não há, pois, monopólio do Estado no método empregado na seleção de professôres primários. Apenas há um crivo seletivo que os interessados procuram vazas.

Imagine-se a que situação chegaria o ensino nesta capital se os políticos pudessem influir na nomeação de professôres primários formados por qualquer escola normal particular...

Seria um descalabro!

Aliás devo declarar que defensores dessa triste tese são apenas os professôres e proprietários de estabelecimentos de ensino particular, cujos interêsses econômicos estão muito acima dos interêsses do ensino.

— Qual seria a melhor solução para resolver, sem prejuízo de causa de qualquer das partes, o caso da equiparação entre as professôras particulares e as do Instituto?

— «Não é possível equiparação entre professôras formadas pelas Escolas Normais particulares e pelo Instituto.

Para facilitar o recrutamento de moças domiciliadas em bairros distantes do Engenho Velho, já alvitrei duas medidas: a criação de um internato em edifício contíguo ao Instituto e a manutenção de um serviço de ônibus especiais para o transporte de normalistas».

★

Uma fiscal da U.D.N. veio trazer os resultados obtidos em determinada junta. A conversa foi interrompida por instantes, recomeçando a seguir. Iam começar as indiscrições:

— Já recebeu alguma ofensa (moral) de um anti-correligionário?

— Apenas um **«tarado»** dirigiu-me expressões ofensivas, que não me atingiram.

...ICA PASSOU: A ÉPOCA É DE AÇÃO!



— Sempre encontro tempo para o trabalho e o descanso.



— Não há um bom vereador sem uma boa cultura geral e especializada.



— Admito que já tenha errado... na opinião dos outros!

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 6 E 12 DE NOVEMBRO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Suas disposições não serão substancialmente modificadas. O espírito de crítica e de censura continuará e, conseqüentemente, as mesmas possibilidades de prejuízos nas relações e nos negócios.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor terá de levar a efeito, sòzinho, as tarefas que lhe foram atribuídas no curso da semana. Não poderá contar com qualquer apoio, com o menor concurso desinteressado e oportuno. Estará, além do mais, sujeito a exploração.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Recuse tôda e qualquer interferência que lhe possa ser cometida, em negócios de terceiros. Os resultados serão simplesmente desfavoráveis para seus interêsses materiais e funestos para a boa conta em que é tido seu nome.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Suas tendências, no correr da semana, serão para a prática de excessos. O leitor poderá chegar, mesmo, à violência como elemento de persuação. Controle-se como puder, mesmo porque não terá uma ambiência astral favorável.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — O leitor poderá ser compelido a despesas excessivas ou inesperadas, tendo de recorrer, por fôrça dos acontecimentos, à bondade de terceiros. Não o faça nos dias 6, 8 e 11, para não sofrer uma desilusão.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — A situação se apresentará muito favorável aos seus negócios e aos empreendimentos já devidamente planejados. O ambiente dos astros não o ajudará, porém, em negócios a prazo. Do mesmo modo, não faça nem solicite empréstimo.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A semana o predisporá a enganos muito prejudiciais. Dê todo o cuidado ao que fizer e examine, com atenção e demoradamente, as propostas que lhe forem feitas. Tenha muito cuidado e não descure dos seus interêsses.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Não improvise nem resolva nada apressadamente. De outro modo estará sujeito a enganos perigosos e a imperfeições que lhe prejudicarão o conceito, a tradição e a confiança que lhe dispensam. O ambiente reclama cuidado.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Suas indecisões serão o maior obstáculo à realização dos planos estabelecidos para a semana em pauta. Vá diretamente aos objetivos, teimosamente, decididamente, certo de que não haverá desilusões.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Antes ou logo depois de uma pequena viagem, motivos lhe serão dados para uma grande satisfação, tocando-lhe a vida sentimental. O leitor está às vésperas de muito boas notícias sôbre assuntos do seu maior interêsse.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O ambiente astral da semana não favorecerá os seus negócios e muito menos as inovações, os empreendimentos novos. Fique onde se encontra. Deixe passar os ventos maus dessa primeira quinzena do mês em curso.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Uma melhoria na sua posição será conseguida no decorrer da semana em causa. A confiança, o crédito desfrutado será fortalecido mais ainda e novas portas lhe serão abertas. Os negócios melhorarão muito.

OS NOMES DA SEMANA

Novembro,	6	—	Sílvio	—	Nilda
"	7	—	Radagásio	—	Silvana
"	8	—	Eleutério	—	Ilda
"	9	—	Paulo	—	Célia
"	10	—	Antônio	—	Creusa
"	11	—	Gelásio	—	Rosália
"	12	—	Marcelo	—	Alvina

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Novembro,	6	—	13º - 32' - 34"	(Signo do Escorpião)
"	7	—	14º - 32' - 46"	(" " ")
"	8	—	15º - 32' - 59"	(" " ")
"	9	—	16º - 33' - 14"	(" " ")
"	10	—	17º - 33' - 31"	(" " ")
"	11	—	18º - 33' - 49"	(" " ")
"	12	—	19º - 34' - 09"	(" " ")

LÍGIA



O «lunch» em pé faz-se em dez minutos.

— Por que se candidatou pela terceira vez?

— Por fôrça das circunstâncias. Quis dar aos meus eleitores o ensejo de reafirmarem sua confiança em minha atuação.

— E tinha como certa a vitória?

— Sem dúvida!

— Qual a causa mais árdua por que já se debateu?

— Contra as arbitrariedades e notável incapacidade administrativa do ex-prefeito Mendes de Morais e contra a aprovação do contrato com a Cia. Telefônica.

★

Nada a cunfundia. Nossas inquirições encontravam respostas imediatas, sem o menor transtôrno, o mínimo de encabulamento. Estávamos decepcionados mas, restava ainda muita munição. Redobramos a saraivada de perguntas:

— O exercício de empregos prejudica a mulher na função do lar?

— De modo algum! Não sòmente a organização do lar está se adaptando às novas condições sociais, como as instituições educacionais — desde as creches às universidades, estão se ocupando com a educação da infância e da juventude.

— O ensino no Brasil, qual o seu maior êrro?

— O excessivo teorismo. Precisamos de mais laboratórios. O verdadeiro saber tem raízes na esperimentação e na observação.

— E quanto à padronização da letra «O» para as normalistas? Qual a sua opinião?

— Já manifestei várias vêzes a minha opinião favorável à elevação dos vencimentos do magistério primário. Infelizmente a questão foi mal lançada em dispositivo canhestramente redigidos.

★

Assim já era demais! Aplicamos malícia, astúcia e... nada! Estudamos durante horas seguidas uma forma de embaraçar um ser humano, alguém que depois de uma semana de noites mal dormidas, dias excitantes, tivesse, ao menos, que pensar antes de responder. A parlamentar, no entanto, parecia adivinhar nossos pensamentos e logo que terminávamos de falar, a resposta estava pronta. Faltava pouco para desistirmos. Continuamos, entretanto:

— Por que escolheu a U.D.N. para fazer parte de sua legenda?

— Milito nas fileiras da U.D.N. desde a sua fundação porque nelas se perfilam os maiores valores da política nacional, e os postulados do seu programa correspondem aos meus anseios cívicos.



Lígia falando ao microfone da Câmara

— Admite que já errou alguma vez?

— E' possível, é provável que tenha errado, na opinião dos outros, mas devo confessar que não tenho razões para me arrepender de minhas decisões ou atitudes nestes oito anos de mandato.

— Acredita que o antagonista possa usar de boa-fé?

— Sim, mas não todos. Infelizmente o nível moral dos políticos brasileiros não é muito elevado.

— Da discussão sai a luz?

— Sim, quando a argumentação empregada não se baseia em sofismas; quando a tese em discussão não se assenta em falsas premissas...

— Já discordou alguma vez de alguma coisa imposta pelo partido?

— Não, porque, felizmente, meus pontos de vista têm coincidido com os da maioria. Ainda na última legislatura, dos dez vereadores udenistas, restaram apenas 5, visto os outros divergirem da opinião dominante no partido.

★

Aproveitamos a chegada de uma outra fiscal, com novos resultados, para «carregar novamente a arma». Seriam os últimos cartuchos, os derradeiros de uma série:

— Havendo honestidade, é necessário cultura para vencer?

— Para eficiente exercício do mandato de vereador, é necessário cultura geral e especializada. Há vários problemas a resolver, quer no campo econômico, no educacional, higiênico, etc... de modo que só uma Câmara constituída por elementos especializados, em vários assuntos, poderá solucionar satisfatòriamente os múltiplos problemas do Distrito Federal.

— A eloqüência da palavra, tem mais influência nas massas do que a realidade dos fatos (demagogia)?

— O tempo da oratória bombástica já passou. A época é de ação. Só os homens que realizam alguma coisa em favor da coletividade, conquistam a confiança do eleitor.

— O eleitorado feminino dá preferência ao sexo oposto?

— Não me parece. O essencial é que se apresentem como candidatos, elementos capazes de exercer proficuamente o mandato.

— Acha que o dia tem poucas horas para o trabalho? (Quanto tempo trabalha por dia?)

— Não. Nada de exagêro. Há tempo para o trabalho e o descanso. Tudo é questão de organização. Demais, a energia humana tem suas limitações.

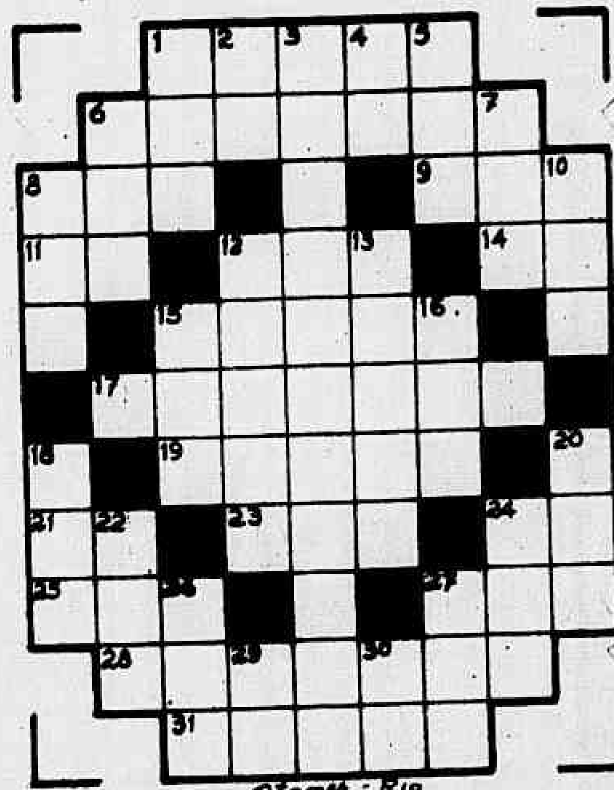
★

Desistimos! Acabou-se a munição...

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 39

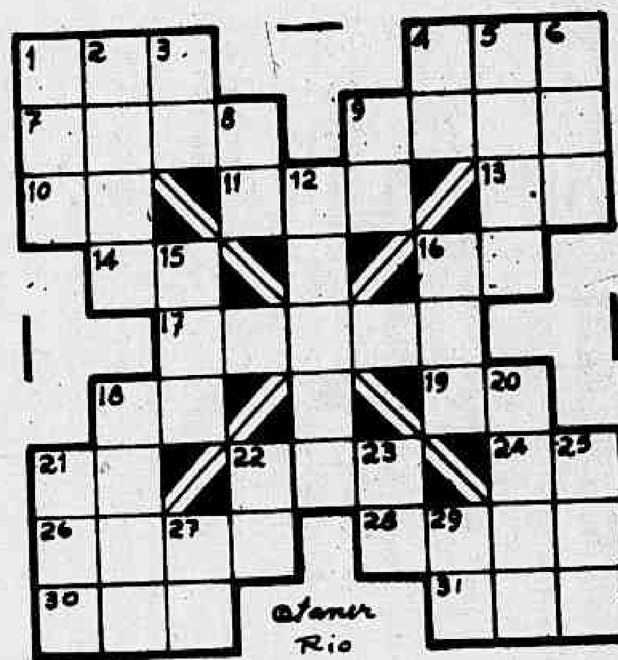
PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 1. Ser oportuno — 6. Rigorosos — 8. Filho de Aram — 9. Tapeçarias antigas — 11. Designação do irmão mais velho pelos mais moços — 12. Rei lendário de Tróia — 14. Gaze da China — 15. Protozoário sem membrana — 17. Susteve — 19. Pasta de cêra e pó de sementes com que os Parecis se pintavam (pl.) — 21. Medida japonêsa de extensão — 23. Nome de homem — 24. Sobrenome — 25. Malha de côr diferente, redonda, no pêlo da rês — 27 — Lago da Turquia asiática — 28. Angelim-de-fôlha-larga (pl.) — 31. Doloroso, triste.

VERTICAIS: — 1. Dó-sustenido, na nomeclatura alemã — 2. Símbolo do metal de pêso atômico 107,88 — 3. Arte de restauração de livros — 4. Nome dado pelas tribos de Rubem e de Gad ao altar do testemunho — 5. Grande número — 6. Ilha da Iugoslávia, no Adriático — 7. Vale onde Davi venceu os siros — 8. Duro — 10. Nome que os romanos deram a Hélio, deus grego — 12. Desumana — 13. Executei — 15. Planta da família das Acantáceas, de flôres vermelhas — 16. Contração plural — 18. Ave da família dos Odontoforídeos — 20. Bonança — 22. Gana — 24. Coragem! Ânimo! — 26. Constelação austral — 27. Negro velho — 29. Prefixo que traz a idéia de posição em derredor — 30. Sufixo designativo de agente.

PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Óxido de cálcio — 4. Casal — 7. Orar — 9. Lâmina metálica que proporciona movimento — 10. Símbolo do rádio — 11. Pronome pessoal — 13. Artigo plural — 14. Sorri — 16. Pessoa exímia — 17. Subdivisões de um caule — 18. Aqui — 19. Outra coisa — 21. Instrumento agrícola — 22. Argola — 24. Seguir — 26. Afeição profunda — 28. Parte direita ou esquerda de qualquer coisa — 30. Chefe etíope — 31. Oceano.

VERTICAIS: — 1. Colorido — 2. Lavrar — 3. Ali — 4. Poeira — 5. Fileiras — 6. Título abissínio — 8. Nota musical — 9. Perversa — 12. Polir, desbastar com lima — 15. Cólera — 16. Membro de ave — 18. Leito — 20. Labuta — 21. Parelha — 22. Brisa — 23. Sufixo que designa aumento, naturalidade — 25. Grande porção — 27. Artigo plural — 29. Sigla automobilística do Amazonas.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 37

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — aba — uai — algorítimo — bog — uru — adem — ansa — bimbalhar — acer — dama — Ara — Ded — asc — arento — rol — Tor.

VERTICAIS: — Aa — blandicioso — Ag — ut — amansamento — lo — obumbrada — ror — igualdade — aba — eme — nha — ara — rer — ar — Cl — Nt — or.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — cru — ara — maracás — as — rabeca — ás — maré — ras — iam — armas — ro — aramar — si — caraíba — asa — ora.

VERTICAIS: — cia — um — acerar — racemos — asa — ar — ram — abai — sararás — sâmara — sama — sai — aca — Rb — ira — ao.

As alunas do Curso nº 5 (Inhaúma), orientadas pela professôra Ayrsa Piochownik, numa demonstração de aproveitamento do curso de ginástica.

AS ATIVIDADES SOCIAIS DO SESI

● Nesta página oferecemos aos nossos leitores alguns aspectos fotográficos colhidos pela reportagem desta revista no Centro Social nº 2, do Departamento Regional do D. Federal, com sede em Inhaúma, comprovando o grau de real eficiência já atingido pelos serviços que esta instituição vem executando com notável regularidade no terreno social. Mais que as palavras, os flagrantes aqui estampados atestam o esfôrço que o SESI desenvolve no sentido de cumprir fielmente o seu programa de ação.

«Rancheira Americana» — número interpretado pelas alunas do Curso de Ginástica do Centro Social nº 2, do SESI. À direita: Sônia, Laís, Valéria, Helena e Vanda, que participaram brilhantemente do festival recentemente realizado no Centro Social número 2. Professôra: Ayrsa Piochownik.

LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA ★ LITERATURA

CÃO DA MADRUGADA

● A Livraria José Olímpio Editôra acaba de publicar o primeiro volume de crônicas de Eneida — «Cão da Madrugada» — em cujas páginas vibra uma sensibilidade feminina das mais vivas e atuantes da nossa literatura moderna. Cronista das mais apreciadas pelo grande público, Eneida sabe tirar dos acontecimentos diários tùdo aquilo que nem sempre é percebido ou valorizado pelo espectador comum, oferecendo-lhe em páginas encantadoras de lirismo a graça dispersa nas ruas, nas praias, nas coisas ou nos sêres. Participando dos acontecimentos que relata pelo tom ao mesmo tempo objetivo e poético da realidade, escrevendo numa linguagem incisiva e moderna em que o próprio frêmito da vida parece comunicar-se às palavras. Eneida transmite também uma verdadeira mensagem de confiança, coragem e esperança. Quase sempre a vida que circula em suas crônicas não é das mais alegres ou das mais róseas. Mas o vigilante sentido da fraternidade ou solidariedade humana que anima a sua mensagem, conforta o distante leitor, dá-lhe esperanças novas, desperta-lhe qualquer coisa secretamente escondida. Porque êssa participação generosa da cronista no mundo cotidiano de todos os seus leitores nasce espontânea, livre de artifícios retóricos, livre de compromissos. É o sinal de uma consciência em permanente estado de alerta, combativa e corajosa, independente e fraterna. Consciência sempre pranta a acudir aos apelos anônimos e desesperados, a lutar pela sua própria paz, a resgatar pela palavra escrita a sua dívida de fraternidade para com os seus semelhantes e a própria natureza às vêzes incompreendida. **A. P.**

ENTREVISTA IMAGINÁRIA

com **José Lins do Rêgo**



Encontramos o grande escritor à porta da José Olímpio.

— Que tal a Europa, José Lins?

— Ótima, não há mais gênios.

— Por quê?

— Ninguém mais lê Proust, Kafka, Sartre e outros decadentes.

— Que lêem então?

— Autores do povo. Giono, por exemplo.

— Só?

— Não. Lêem também brasileiros. Por exemplo, maus livros fazem lá muito sucesso.

— Já foram traduzidos?

O escritor riu:

— Ainda não, mas serão.

NOTICIARIO

Mariza Lira publica uma "História do Hino Nacional Brasileiro" na coleção "Biblioteca do Exército". A obra está magnificamente apresentada e revive com carinho tôda a trajetória do nosso hino principal.

★

Reinaldo Moura continua sua inquietante análise em tôrno do mistério humano. Seu último livro chama-se "O poder da carne" — e é uma edição da Livraria do Globo.

★

O sr. Saldanha Coelho continua explorando o manancial que descobriu: a literatura norte-americana. A Revista Branca acaba de editar "Homens e Movimentos da Filosofia Americana". Autor: Joseph Blau.

★

O sr. Mário Newton Filho procura ser original. Editou seus poemas numa caixinha, avisando por fora, aos leitores, que êles pertencem a um "Tempo morto". Assim, os poemas estão bem enterrados. O que merecem, aliás.

★

"Quase Edipo", do sr. Nelson Coelho, é um pequeno volume de contos editado pela revista "Marco". Originalidade de superfície, apenas.

★

Gasparino Damata promete várias coisas, e entre elas, "Seis histórias marítimas".

★

Aviso em tempo: o espelho onde se contempla o poeta Reinaldo Bairão pertence à sra. Carmen Dolores, que anima em São Paulo um magnífico salão literário.

★

O sr. José Geraldo Vieira, dentro daquela sua linha tão pessoal, prepara um romance sôbre o 1900 brasileiro.

★

Acha-se foragido no Espírito Santo, o escritor José Carlos de Oliveira que persegue sua própria sombra, neste infatigável "Jan" que nos promete há tanto tempo.



Pascoal Carlos Magno — **Paulo Mendes Campos**

O sr. Aníbal Machado continua hesitando entre o cinema e a literatura. Enquanto isto, lê com grande bom gôsto poemas seus pelo rádio.

★

Notícias de Vera Mogilka, que faz parte do grupo "Crucial" de Pôrto Alegre: está em São Paulo e escreve querendo saber os endereços dos senhores Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos.

★

Em Minas, o sr. Jacques do Prado Brandão continua suas atividades cinematográficas. O que é louvável, se bem que seja de se lamentar o abandono da poesia...

★

ATENÇÃO: — Notícias e livros para esta Seção, remeter para "Literária" — Revista da Semana — Rua Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

O que êles dizem

NO BRASIL:

Rememora Antônio Callado: «Graciliano aqui era aquêle operário beneditino, em mangas de camisa, com o suspensório caído e o invariável cigarro no bico».

Fayga Ostrower falando sôbre efeitos: «Afinal de contas, que se viva com uma cortina, que não se fique esmagado por ela!»



Fayga Ostrower

Pascoal Carlos Magno lembrando gente de teatro desaparecida: «Eu me recordo voltando da Faculdade ou ainda ginasial, passando perto dessa gente tôda, cuja vida e cujos nomes conhecia, sonhando poder um dia me aproximar e fazer parte dêsses comícios de inteligência».

A Liga Brasileira de Higiene Mental, inaugurando a Semana Anti-Alcoólica: «E, tratando-se de um flagelo assim temível, não será justo que todo o nosso grande povo cerre fileiras, patriòticamente, num ensaio de abstenção total, que há-de valer até como exemplo de austeridade, perante o mundo?»

Paulo Mendes Campos escrevendo sôbre Baudelaire: «Mas a diversidade é realmente da natureza humana, que êle soube explorar até aquela zona de sombra que os espíritos demasiadamente lúcidos nunca procuram transpor». Em primeiro lugar não há lucidez DEMASIADA. Em segundo, por que não transpor?

Murilo Mendes em Bruxelas: «O Brasil é um fato».

NO ESTRANGEIRO:

Faulkner falando sôbre a boa acolhida que teve: «Julgo que isto aconteceu porque me esforço para ser um ente humano decente e não por causa da minha reputação de escritor e das minhas condecorações».

Gloria Swanson, convidada por Sacha Guitry para fazer o papel de madame Hudson Lowe no seu «Napoleão», declarou: «Não sei se aceito. Não é do meu temperamento fazer o papel de mulheres velhas».

Claudel, recentemente, sôbre Gide: «Quem foi Gide?»

E Sartre sôbre Claudel: «Claudel é uma ficção».

Do mesmo Sartre sôbre Mauriac: «O romancista pode ser o macaco de Deus, mas o sr. Mauriac não é romancista».

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO.

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

Cabêlo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR
E NÃO MANCHA

ÓLEO DE VIOLÊTAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia e renova a cútis

Marca registrada. A venda nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 23-2837

SUÍÇO
e famoso no mundo inteiro
RADO
o relógio de confiança.
17 RUBIS
e fundo de aço inoxidável.

LEIAM

A CENA Muda

. NOVA
. MODERNA
. DIFERENTE
Em tôdas as bancas

O FURIOSO

(Continua da página 27)

mal. Lia ùltimamente um artigo a êste respeito, numa revista científica: o mêdo que se apodera de muitas pessoas quando foram mordidas por um cão, mêdo que elas ocultam, seja por amor próprio, seja por não comunicar a outrem sua inquietude, é em si mesmo uma doença. Êste estado patológico agrava as conseqüências da dentada e da cauterização. As causas, sòmente em si, bastariam para produzir o tétano. A hidrofobia e o tétano têm muitos pontos de contato. E' o que dizem os médicos. Mas, para que nos dizerem isto, se ao mesmo tempo êles não sugerem um meio prático de dissipar nossos temores secretos? Peço perdão por ter interrompido a narrativa...

— Sem jamais ter lido nada de parecido, continuou o padre, muitas vêzes pensei nisto.

No entanto as semanas se passavam e os camponeses começavam a esquecer aquela história, ou pelo menos não falavam mais nela, quando de repente, em fins de setembro, uma manhã, o pai de Cristus veio à minha procura para dizer que o filho não estava bem.

— Que é que êle tem?

— Não sei — febre, e nenhum apetite.

Fui vê-lo imediatamente. Encontrei-o deitado por terra, debaixo de uma capa. Estava calmo, mas pálido e afetado pelo seu estado. Disse-me que não podia respirar, que às vêzes sentia um sufocamento na garganta, que se sentia muito deprimido. Apresentei a êle um pouco de leite e instei para que bebesse. Êle se soergueu, tomou a taça de minhas mãos, mas desde que êle aproximou-a dos seus lábios, foi tomado por um estremecimento de desgôsto. Tive tempo apenas para tomar o copo de suas mãos. Êle foi sacudido por horríveis espasmos — acreditei que fôsse morrer. Pouco a pouco voltou a si:

— Ah, disse-me êle, a culpa é de meu pai. Se êle tivesse tido o cuidado de procurar a erva contra a raiva, eu não morreria furioso!

Procurei persuadi-lo que sua doença não era senão um desarranjo de estômago. Dei-lhe tudo o que eu podia, desgraçadamente sem acreditar muito em mim próprio. Deixei-o, prometendo-lhe voltar ao anoitecer, pois naquele dia tinha de celebrar um casamento num dos lugares mais recuados da paróquia. E' a vida do padre — da dor à alegria. Do casamento, ao entêrro. Enfim...

À noite, antes mesmo de entrar na aldeia, soube que Cristus delirava. Tornara-se furioso. Seu pai me esperava no presbitério. Queria que eu o ajudasse a transportar o doente para uma outra casa. Os vizinhos o exigiam. Tinham mêdo que Cristus fôsse pelas ruas e se pusesse a morder as pessoas que encontrava. No andar em que êle se encontrava, não se podia impedi-lo de sair — poderia saltar pela janela. Queriam que êle fôsse encerrado num porão, a fim de guardá-lo melhor. Os camponeses tinham mêdo, e o mêdo torna feroz. Compreendi que se o pobre Cristus se tornasse perigoso, acabariam por matá-lo a tiros de fuzil.

Sem perca de tempo, subi ao quarto dêle. Felizmente encontrei o doente num período de calma. Estava sentado por terra, os cotovelos sôbre os joelhos e a cabeça nas mãos. Os móveis do quarto se achavam na maior desordem, e por todos os cantos, pedaços de potes quebrados. Devo confessar que, neste momento, senti um pouco de terror. Pensei que cometia uma imprudência indo ali, sòzinho. Mas ainda que o tivesse desejado, não era mais tempo de recuar. Aproximei-me dêle, coloquei a mão sôbre sua cabeça e recitei em voz alta uma oração.

Quando acabei, êle fêz o sinal da cruz e beijou-me a mão.

— Você não está bem aqui, meu caro Cristus, disse-lhe, vamos à caso de seu tio. Venha, lá não habita ninguém. Você estará melhor.

Êle levantou-se sem dizer coisa alguma.

— Não quero que me vejam, disse tranqüilamente. Diga a êles todos para se afastarem do meu caminho.

Abri a porta e, ainda que não existisse ali ninguém, gritei:

— Afastem-se, voltem para casa. Cristus, a rua está deserta, vamos.

— Não posso ver luz, meu pai, ela me faz mal.

O sol aproximava-se do poente e, pela porta aberta, seus raios se espalhavam pela casa.

Cristus tomou a capa, colocou-a sôbre a cabeça, puxou-a para os olhos e estendeu-me a mão. Eu, adiante dêle, passamos de uma casa a outra. Permaneci muito tempo ao seu lado, fazendo todos os meus esforços para consolá-lo. Quando parti, a noite já tinha caído.

Quando abri a porta para sair, pareceu-me ver, na obscuridade, homens armados.

Fechei a porta. A chave encontrava-se do lado de fora. Retirei-a e parti. Os camponeses me cercaram logo, esmagando-me de perguntas sôbre o doente. Disse-lhe que êle ia dormir, e pedi, em nome de Deus da misericórdia, de deixá-lo morrer em paz. Os desgraçados não eram inteiramente isentos de compaixão. Lamentavam o amigo de todo o coração, mas o sentimento da conservação é mais forte do que a piedade, e o mêdo excita no coração do homem ignorante, instintos de animal feroz...

A esta altura da narrativa, as damas vieram ao nosso encontro. O frescor da noite expulsava-as da varanda.

— Como! Ainda estão na obscuridade — disse minha irmã. O padre Serafim deve lhes contar uma bela história. Vamos a isto, também queremos nos divertir.

E ordenou que trouxesse luz.

— Que aconteceu com Cristus? — perguntou André em voz baixa.

O padre fechou os olhos e estendeu horizontalmente a mão.

Não quis aprofundar o que êste gesto significava.

Teria morrido naturalmente? Teriam-no matado?

O criado entrou com as velas acesas e nós mudamos de conversa.

CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA ★ CHAMPANHOTA

A "BANGU" ESTÊVE SEMPRE COM A BOLA. A SEMANA DA AVIAÇÃO E ANTI-ALCOÓLICA FOI TAMBÉM DO ANIVERSÁRIO

PETER

● Em três salões repletos do Copacabana Palace, teve lugar o tão esperado baile para a escolha da «Miss Elegante Bangu», de 1954. Não falarei nesta coluna sôbre a festa, pois, mesmo sem precisar do auxílio de uma bússola, vocês poderão encontrar, neste número, reportagem sôbre o acontecimento social que reverteu em benefício das obras da Pequena Cruzada. Farei apenas justiça aos irmãos Silveirinha e Senhoras que são uns grandes lutadores e são os pais desta beleza de festa. Assim, associo-me às homenagens que o príncipe dom João fêz à pessoa da sra. Candinha Silveira que, além de Candinha, é eficiente, organizada e super-esforçada. O júri, presidido pela condêssa de Paris e constituído por pessoas de maior representação de nossa Sociedade, resolveu de acôrdo, escolhendo para primeiro lugar a srta. Sônia Maria Carneiro. Abro aqui um parêntesis para esclarecer que, na mesa onde eu me sentava, o sr. Fernando Ferreira organizou uma votação particular que acusou o seguinte resultado: Sônia Maria Carneiro, 10 votos; Margarida Perez, dois; Maria Gil Cordoba, um, e Luci da Glória Mendes, um. Por esta votação, pode-se ver que, realmente, a srta. Sônia Maria Carneiro ganhou muito merecidamente.

Bem, vamos escrever a reportagem que já está na hora. Ou melhor, já estamos fora de hora.



A aniversariante bebe à sua saúde.



Êles foram abraçar a srta. Beatriz Galhembeck.

SEMANA DO ANIVERSARIO

Não fôsse eu colunista semanal e por certo a notícia do aniversário de cada uma destas pessoas teria um parágrafo especial, pois bem elas merecem. Mas, assim já fizeram os cronistas diários. Foram muito festejados os aniversários da sra. Ivone Monteiro, do príncipe dom João e do sr. Joaquim Guilherme da Silveira. Aos três, os votos desta coluna.

SUPERLATIVO

Em todos os bons sentidos, se falarmos de Antônio Maria iremos perigando para os superlativos. Coisa meio feia que anda muito em coluna social por motivos próprios dela, mas justos e fáceis no caso do citado cronista. Escrevendo 24 horas por dia e deixando de dormir oito por noite (como manda o figurino), estreou e fêz sucesso em «O Globo». Outro dia, Maria escreveu que se facilitarem surgirá com uma seção qualquer no «Diário Oficial». Aí está uma boa idéia, com vistas ao sr. Café Filho, pois um pouco de olhos bonitos, praias, beira de calçada e noites vogueanas misturadas pelas mãos do «bar-man» Antônio Maria dariam graça e pimenta ao nosso austero diário oficial.

«COCK-TAIL»

Os amigos do sr. Abelardo Marinho, diretor do Departamento Nacional de Saúde, resolveram oferecer-lhe um jantar, que foi declinado pelo homenageado. O sr. Marinho disse que não queria homenagem com lista de adesão e discursos. Preferia um «cock-tail», onde só aparecessem seus amigos. Assim foi feito. Compareceu a sra. João Café Filho e seus colegas médicos Raymundo de Brito, Amilcar Pelon, Reginaldo Fernandes, Manoel José Ferreira e sra. Danilo Perestrello e senhora, sr. Drault Ernani, sr. e sra. Alexandre Mosco e o casal Arlindo de Assis. O homenageado ficou satisfeitíssimo com a manifestação de seus reais amigos.

BEATRIZ GALHEMBECK

Comemorando seu aniversário, a srta. Beatriz Galhembeck ofereceu um belíssimo jantar ao qual compareceram a sra. Maria Celina Simon, o casal Manuel Tavares de Sousa, as srtas. Sônia Gonçalves, Babu Teixeira, Maria Helena Prado Menezes, Myrian Rêgo, Marina Miranda Freitas e os srs. Daniel Sabadine, Daniel Tolipan, Leopoldo Bittencourt, Cesário Melo Franco, André Gonçalves, Alfredo Barbosa, Alexandre Camacho e Renato Bandeira. Sem dúvida, um excelente grupo que foi dar um forte abraço em Beatriz. Nós também demos o nosso.

O PARAGUAI NO GLÓRIA

Sob o patrocínio das sras. Alencastro Guimarães, Eugênio Gudin, Ivo D'Aquino, Ferreira de Sousa, Alim Pedro, Apolônio Sales, Celso Kelly, e muitas outras, terá lugar, dia 6, no Hotel Glória, baile de gala em homenagem ao Paraguai, intitulada «Noite Paraguaia». A parte artística está entregue aos srs. Olavo de Barros, Raul Pedrosa e Pedro Block e a coreografia, a cargo do bailarino (primeiro) do Municipal, Dennis Gray e Maisa Feijó. O resultado financeiro da festa reverterá em benfício da Sociedade Pestallozzi, devendo comparecer todo o mundo social, político e diplomático que homenageará aquêle país, na pessoa de seu embaixador, general Emílio Dias de Vriar.

EXPOSIÇÃO JOVENS ARQUITETOS

Um grupo de jovens arquitetos está expondo, no Ministério da Educação, perto de cinqüenta trabalhos. No dia da inauguração, que foi de grande sucesso, compareceram os «ases» da arquitetura: Oscar Niemeyer, Afonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira, Henrique Mindlin e Aldari Toledo que tiveram ocasião de apreciar os trabalhos dos «novos».

RECEITA PARA ESTRÉIA

Silveira Sampaio sentou-se à mesa, contando uma porção de coisas interessantes sôbre a nova peça, da sra. Clô Prado. Quando o garção veio atendê-lo, virou-se para Antônio Maria e perguntou:

— Estou me sentindo em véspera de estréia. O que devo pedir?»

— Olhe, para quem está assim, nada como um franguinho desossado, estourando de creme e um puré feito com leite. Nada melhor.»

O conselho foi seguido religiosamente.

«SIR» ANTHONY EDEN

Um homem que há muitos anos vem atravessando os noticiários políticos (principalmente diplomáticos) na maior das elegâncias (em todos os sentidos), Anthony Eden acaba de receber das mãos da rainha Elyzabeth da Inglaterra o tratamento honorífico de «sir», tendo sido convertido em cavalheiro da Ordem da Jarreteira. Esta lhe foi concedida como reconhecimento do reino pelos seus inestimáveis serviços. Eden sempre foi considerado o mais elegante dos diplomatas.

«BANGU» TEM NOVO ZIZINHO



● No dia seguinte ao da sua proclamação para «Miss Elegante Bangu», de 1954, a srta. Sônia Maria Carneiro compareceu ao programa «Nós, os Gatos». Fomos lá para ver com calma seus olhos verdes, fazer perguntas e aproveitar algumas respostas que deu a Jacinto de Thormes. Concluímos várias coisas, sendo a mais importante que não tem noivo. Segundo, que foi convidada para fazer cinema. «Imagine só — diz ela com uma vozinha linda, um pouco escandalizada — que comecei bem. Fui convidada para fazer cinema francês». Diz que não dormiu a noite tôda de emoção e que, pela manhã, os jornalistas não a deixaram um só minuto. Mas, diz tudo muito bem humorada. Malgrado seus lindos olhos verdes e pertencer ao clube da lagoa, tem horror ao mar e diz que não gostaria de ficar sòzinha num barco (como se houvesse tal chance!).

Finalmente, a vencedora tem 20 anos, é elegante por nascimento, nascida gaúcha e carioca desde os sete meses de idade, passa seus verões em Caxambu (só bebe água Salutaris) e (atenção, rapazes!) não pretende seguir imediatamente para a Europa, pois tem mêdo do frio. Esta biografia-relâmpago está curta, eu sei, mas o fato é que fiquei batendo um papo e me esqueci de fazer as perguntas que levara feitas num papelzinho. No fundo, eu acho (tenho certeza que os leitores também) muito mais importante colocar o retrato dessa beleza de pessoa que é a srta. Sônia Maria Carneiro. Além de bonita e, ao contrário do que geralmente acontece, Sônia portou-se inteligentemente, durante a entrevista que deu no rádio, respondendo com graça e de improviso tôdas as perguntas que lhe foram feitas.



Com a vitória de Sônia Maria Carneiro o Caiçaras levanta o título pela segunda vez.

MISS ELEGANTE BANGU 1954



As srtas. Daise Mary Lambert, Carmelita Bezerra e Luci Mendes contentam-se com o resultado.

NUM ambiente elegantíssimo e de grande expectativa, sob o olhar repleto dos três salões do Copacabana Palace, teve lugar o desfile das moças que concorriam ao título de «Miss Elegante Bangu», de 1954. Enquanto as concorrentes passavam, o júri tomava nota. Eram os seguintes juízes: Condêssa de Paris (presidindo), sras. Joel Monteiro, Carlos Eduardo de Sousa Campos, Carlos Guinle Filho, João Saavedra, Alberto Proença de Faria, Álvaro Catão, Baronesa de Saavedra, srta. Marta Rocha e srs. Herbert Moses, Harry Stone, Príncipe Dom João, Jacinto de Thormes, Silveira Sampaio, senador Artur Bernardes Filho, Ibrahim Sued, Otávio Guinle e Gilberto Trompowsky.

As moças desfilaram, primeiro, roupas esporte e vestidos comuns e, depois, vestidos de noite, todos idealizados pelo figurinista José Ronaldo. Logo que terminou o desfile, quando a expectativa era enorme, o Príncipe Dom João de Orleans e Bragança subiu ao palco e pediu permissão para fazer justiça e pôr em relêvo os méritos de grande organizadora da sra. Joaquim Guilherme da Silveira. A sra. Candinha que não se encontrava no salão, pois orientava



Marta Rocha e as cinco candidatas ao título de «Miss Elegante Bangu».



As campeãs da elegância dão uma volta numa demonstração de fôrça.



A campeoníssima «Miss Elegante Bangu» de 1954, srta. Sônia Maria Carneiro.

MISS ELEGANTE BANGU 1954

o desfile, não assistiu, mas podemos lhe contar as merecidas e muitíssimas palmas que recebeu.

Assim que a sra. Teresa Campos entregou seu voto, foi constituída a comissão, formada pelos srs. Joaquim Guilherme da Silveira, Herbert Moses e Ibrahim Sued, a fim de apurar os votos. A medida que iam sendo apurados, o sr. Ribeiro Martins ia repetindo ao microfone, de modo a permitir que todos os presentes e ainda os ouvintes pudessem acompanhar. Apurados os votos, chegou-se à seguinte conclusão: 5º lugar: Marli Bancusch, do Fluminense F. C.; 4º lugar: Luci da Glória Mendes, do Jockey Club de Goiás; 3º lugar: Carmelita Mendes Beserra, do Náutico Capibaribe; 2º lugar: Daise M. Lambert, do Clube de Regatas Flamengo e, finalmente, em 1º lugar, a «Miss Elegante Bangu, de 1954, Sônia Maria Carneiro, do Clube dos Caiçaras.

Assim, pela segunda vez, em dois anos seguidos, o prêmio é levantado por uma representante do clube da lagoa. Para colocar as faixas nas vencedoras, foram convocadas ao palco as sras. Condêssa de Paris, Baronesa de Saavedra, srta. Marta Rocha, Príncipe Dom João e o senador Artur Bernardes.

A colocação das faixas nas vencedoras foi gravada pelo verdadeiro batalhão de fotógrafos que se acotovelavam. Poucas vêzes lembro-me de ter visto tanto fotógrafo, jornalista e radialista juntos.

A escolha da srta. Sônia Maria Carneiro foi recebida com uma enorme salva de palmas e os inúmeros abraços que os casais Joaquim Guilherme da Silveira e Guilherme da Silveira Filho receberam foram bem o grande prêmio dos seus esforços e que a festa havia agradado em cheio. Com acontecimentos sociais do mérito dêste, temos certeza que será grande a Pequena Cruzada. E quando as luzes se apagaram e os pares voltaram a rodar na pista do Copa, demos por encerrada nossa missão.



Joaquim Guilherme da Silveira presta atenção, enquanto o figurinista J. Ronaldo parece aflito.

A mais bonita (Marta Rocha) e a mais elegante (Sônia Maria Carneiro), posando para a alegria.





A sra. Lourdes Proença de Faria ouve atentamente as explicações do sr. Álvaro Cantão.



Dom João de Orleans e Bragança faz um belo cumprimento à senhora Joaquim G. da Silveira.



O barão de Saavedra parece se divertir com as declarações espirituosos da Condêssa de Paris.



A bela senhora Dolores Guinle presta muitc atenção para poder votar com segurança



O sr. Guilherme da Silveira Filho explica talvez o trabalho que dá um desfile dêste tamanho.



Será que o senhor Herbert Moses está dando a definição estética de elegância da parada?



A princesa Fátima compôs o júri e foi das que procurou votar com mais segurança.



A senhora Corina Camargo («Miss Elegante Bangu 53»), viu contente a vitória de seu clube.

NEGÓCIO QUE RENDEU MILHÕES

● Quantas vêzes a imprensa divulga o assombroso sucesso de empreendimentos individuais ou coletivos que estão rendendo milhões! E os motivos que levaram a tamanho êxito não são muitos: firme base econômica, perfeita organização e, acima de tudo, conhecimento total do campo de ação através de fiel informação.

Feita para bem informar o homem de negócios, a revista **PN** condensa matéria de real utilidade, apresentada de maneira prática e eficiente, por meio de depoimentos, estudos, noticiário e reportagens.

O senhor que precisa estar bem informado sôbre os acontecimentos de ordem econômica, ficando em dia com os assuntos de Vendas, Mercados, Propaganda, Imprensa, Rádio e TV, concluirá que a leitura de **PN** lhe será especialmente útil.

Comece a receber **PN** a partir da próxima edição, bastando, para isto, preencher o cupon abaixo. A assinatura de **PN** inclui, sem qualquer ônus, o Anuário de Imprensa, o Anuário de Rádio, e o Anuário de Publicidade.

A
Emprêsa Jornalística PN S/A.
Av. Rio Branco, 117 - s/323
Rio.

Desejo receber quinzenalmente a revista PN, bem como os três Anuários, na época de sua circulação, para o que estou anexando em cheque (vale postal) a importância de

Cr$ 200,00 para um ano

Cr$ 350,00 para dois anos (economizando Cr$ 50,00)

Cr$ 500,00 para três anos economizando Cr$ 100,00).

Nome: ....

Endereço: ....

Cidade: .... **Estado:** ....



A Revista dos que precisam estar bem informados.

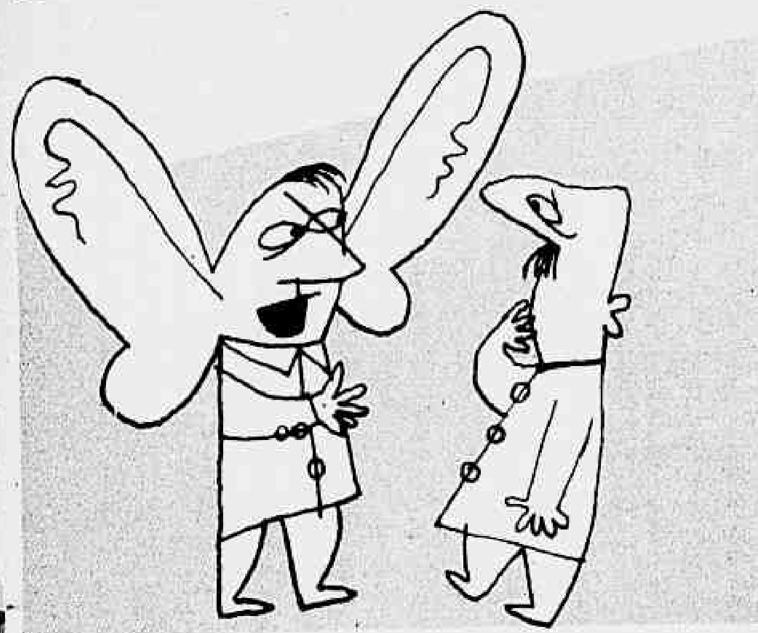
Último Flash

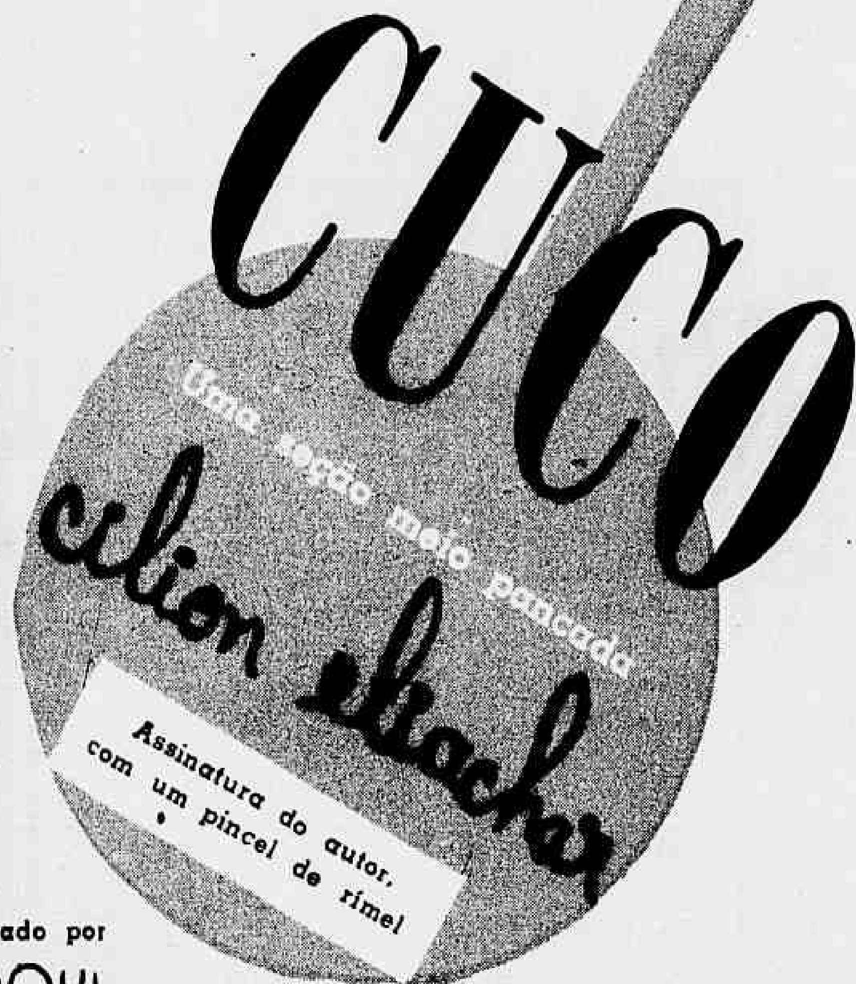


ADEMAR FÊZ "FORFAIT"

● A estas horas encontra-se o sr. Ademar de Barros sob a alça de mira da 16ª Vara Criminal de São Paulo para responder ao processo por crime de injúria, difamação e calúnia, que ora lhe move o governador Lucas Nogueira Garcez. E' que durante a recente campanha para a eleição à governança daquele Estado, o fleugmático presidente do Partido Social Progressista se fêz servir do rádio e da televisão para dizer algumas palavras em nada suaves contra a pessoa do atual Chefe do Executivo paulista. Convidado a depor no dia 25 p. findo, perante o dr. Garcia Brandão, juiz de direito daquela Vara, o sr. Ademar de Barros achou por bem não «dar as caras», deixando às môscas não sòmente as autoridades que o iriam interrogar, mas também uma verdadeira legião de cinegrafistas, repórteres da falada e da escrita e ainda um sem número de curiosos que aguardavam o sensacional momento desde às 13 horas ao declinar do dia. Segundo as declarações do oficial de Justiça encarregado da diligência, sr. Duillio Malfatti, o sr. Ademar de Barros não foi encontrado em nenhuma parte de São Paulo, desconhecendo-se o destino do ilustre «desaparecido». No flagrante acima, os jornalistas à espera do rosado e temperamental chefe do P.S.P. À esquerda, a sra. Orlandina Teixeira de Carvalho, chorando e rezando de têrço em punho, a fim de que o bom Deus das Alturas fizesse com que o querelado saísse incólume do interrogatório. Mas Ademar fêz «forfait»...

Dentadura de ator de cinema: 16 horas diante da câmara e 8 dentro do copo





Ilustrado por PIQUI

FRASES PARA LITERATOS

Sentiu-se inteiramente a vontade como se estivesse sòzinho diante do espelho.

●

Vivia apreensivo como quem vai tirar retrato.

●

Cada vez que arrancava uma folhinha do calendário sentia que arrancava um dia da sua vida.

●

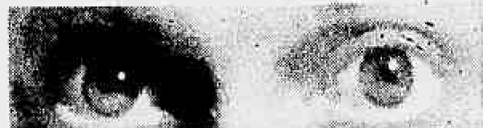
Suas mãos eram suaves e seus olhos repousantes como se fôra uma enfermeira.

NÃO COMPREENDO... ... porque sempre que o rádio vai dar uma notícia importante o carro entra no túnel.

O hoteleiro: Não abra as torneiras porque os canos estão furados, não abra as janelas porque estão quebradas, não entre com os pés sujos, não ligue o rádio depois das dez e feche a porta com cuidado para não acordar os outros hóspedes.

O hóspede: Tem outros?

PONTOS DE VISTA

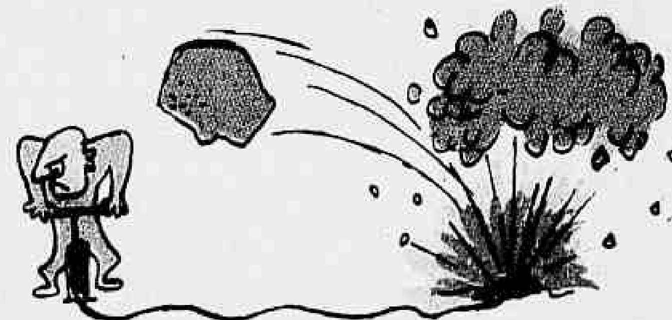


CARTOMANTE é essa mulher a quem a gente paga 10 cruzeiros para nos dizer coisas agradáveis

●

RECENSEAMENTO é essa contagem que os técnicos fazem de cinco em cinco minutos para verificar o que cada um está fazendo em conjunto.

A ÚLTIMA CHANCE



Só desrespeitou o sinal uma vez. Estava escrito "perigo".

●

Só bancou o valente uma vez. Disse: "atira se é homem".

●

Só usou o freio do carro uma vez. Não pegou.

●

Só se atirou de pára-quedas uma vez. Não abriu.

●

Só tomou banho de mar uma vez. Num naufrágio.

●

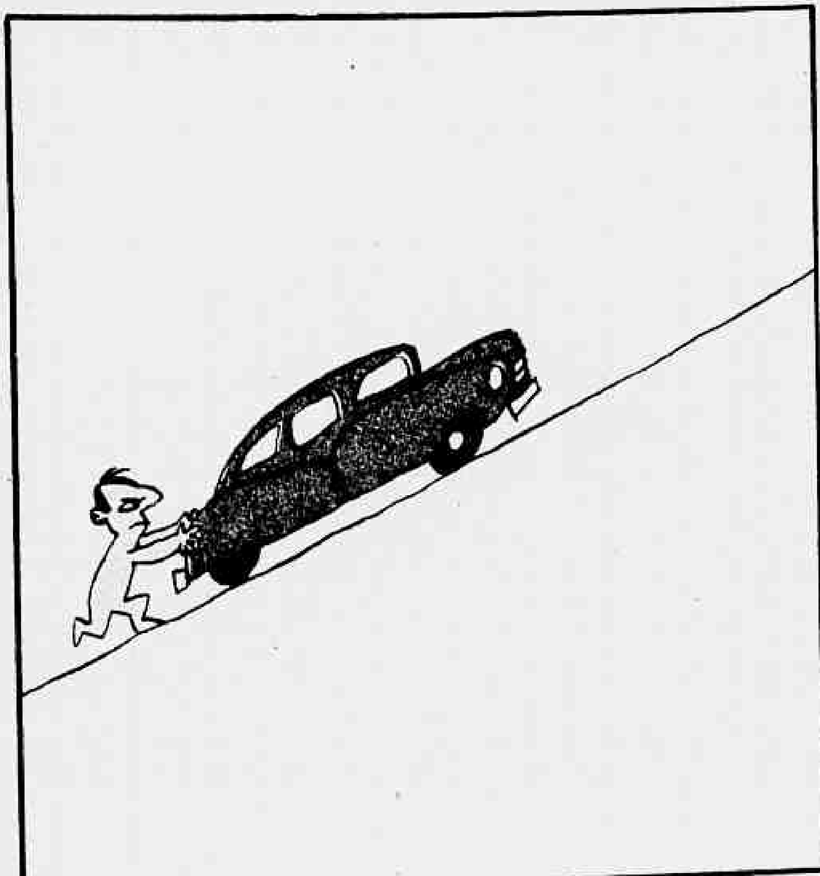
Só viu índios de verdade uma vez. Antropófagos.

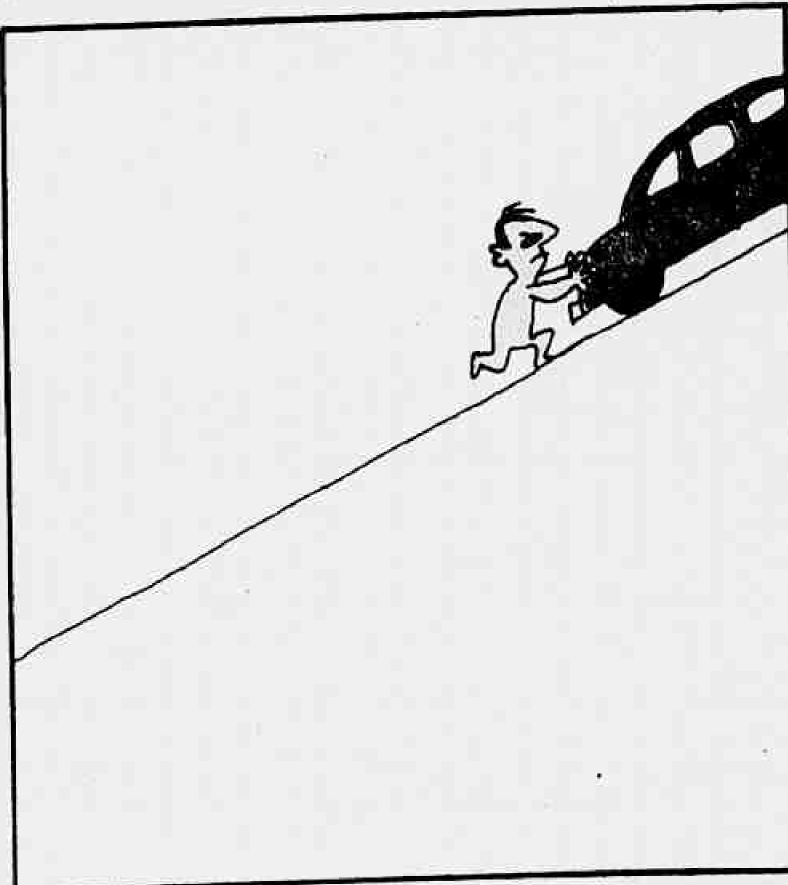
●

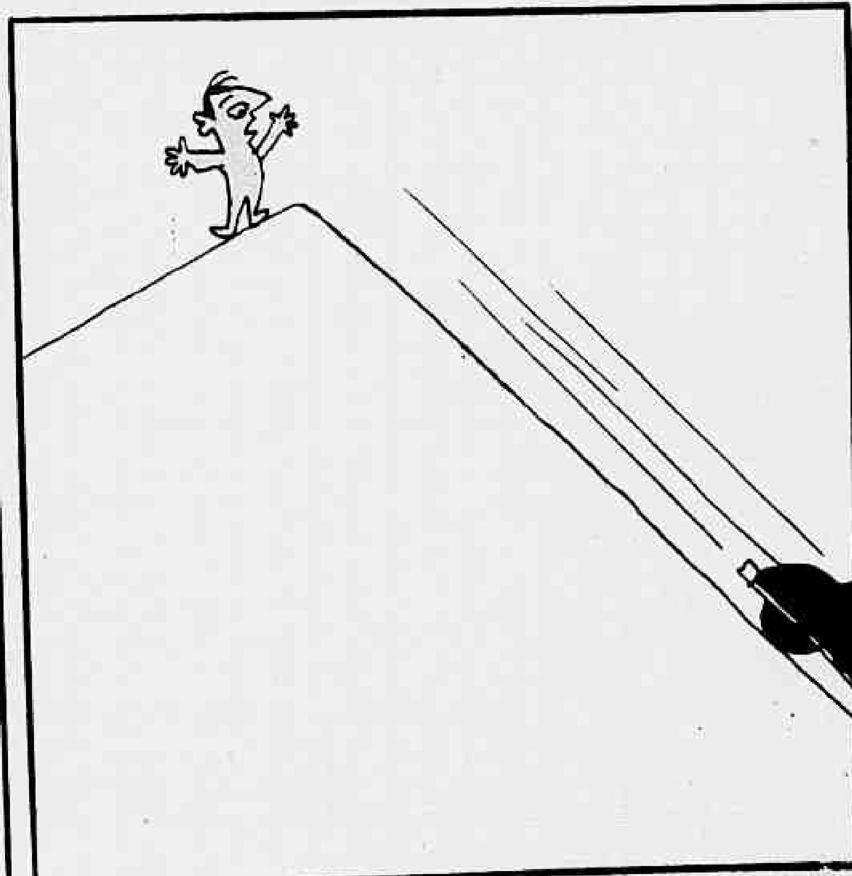
Só escreveu uma carta anônima. Mas assinou.

●

Só foi julgado uma vez. Cadeira elétrica.







GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina ao Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



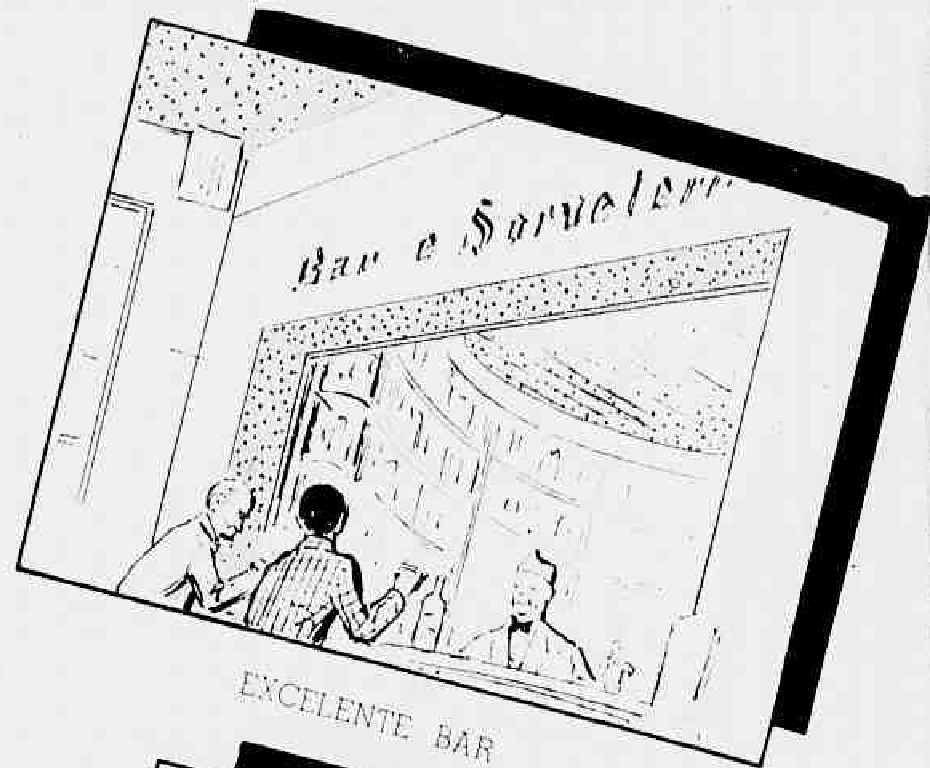
COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Aguas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

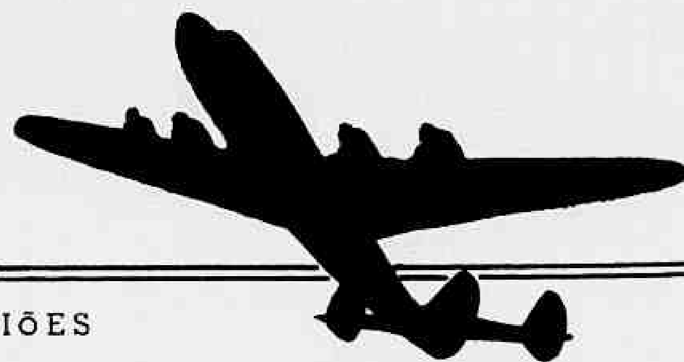




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

(do aeroporto a Aguas da Prata em 30 minutos de automóvel)